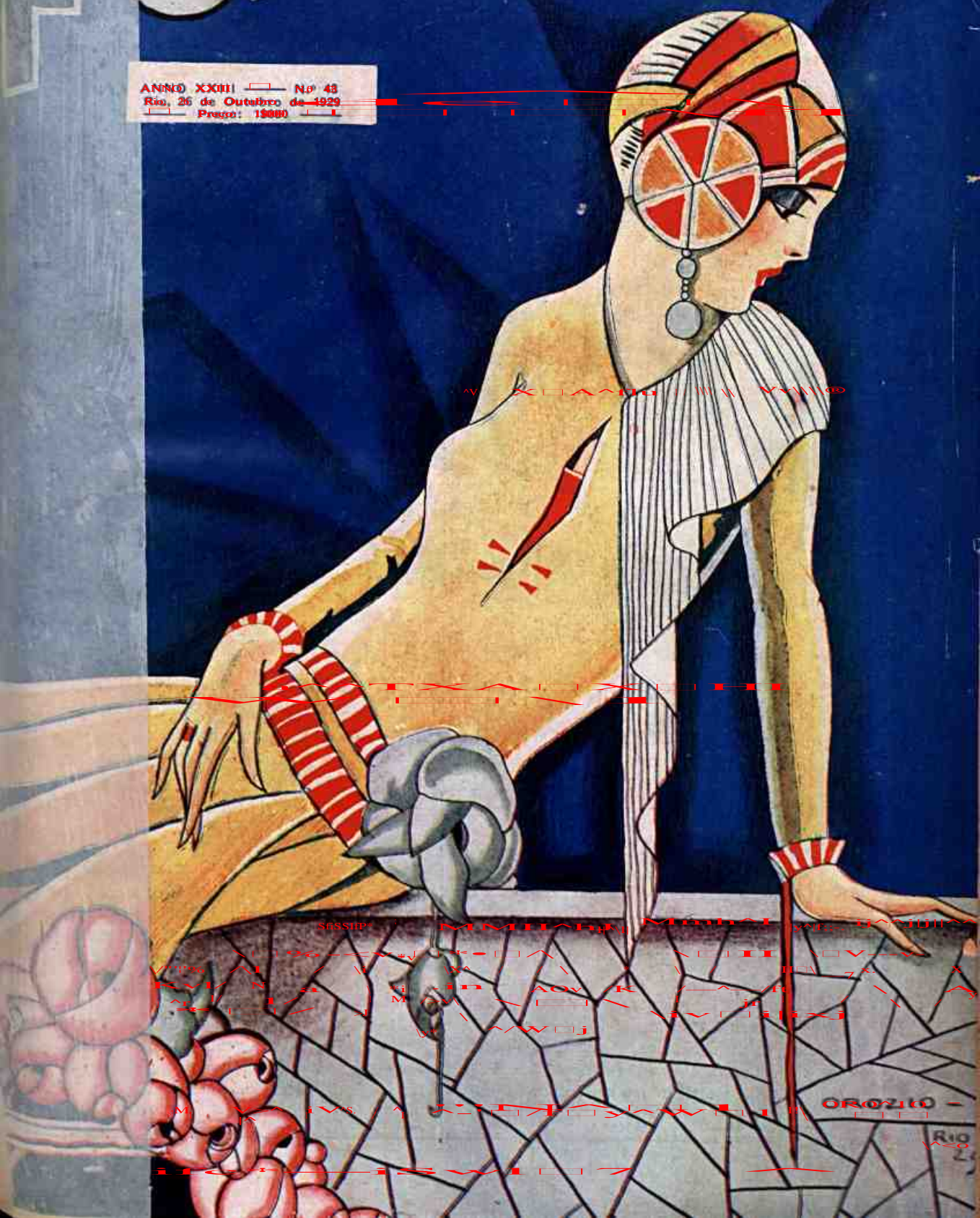
FON FON
ANNO XXIII — N.º 43
Rio, 26 de Outubro de 1929
Preço: 1$000

AMEAÇA COSNTANTE

Um dente cariado representa verdadeira ameaça á saude e mesmo á vida, porque constitue um perigoso deposito de germes pathogenicos. Para se defender deste perigo e para evitar novas caries, ha toda conveniencia de manter rigoroso asseio da bocca, escovando os dentes depois das refeições e, sobretudo, á noite, com agua, sabão ou, melhor, com a solução feita com os glóbulos de Ortizon Bayer. Estes glóbulos, dissolvidos em agua, formam uma especie de agua ozonizada perfumada, excellente para a remoção dos detritos que se depositam entre os dentes e para a desinfecção geral da bocca. E' indispensavel remover estes detritos, que se putrefazem, determinando as caries, o mau habito e as dores de dentes. Para este fim nada melhor que o Ortizon.

BRIGAS

Ha orgãos do corpo que, de vez em quando, estabelecem sérias luctas internas, pondo os demais em alvoroço.

Um dos mais reincidentes nestas dissenções são os intestinos que, por preguiça ou relaxamento, provocam sempre desordens.

Para evitar taes brigas, é necessario disciplinal-os, regularizal-os, obrigando-os a cumprir diariamente o seu dever.

Para esse fim não existe melhor elemento disciplinador que a Isticina Bayer (em comprimidos), de commoda administração e absolutamente inocuos.

Não é necessario usal-os diariamente, para combater a prisão de ventre, basta tomal-os uma ou duas vezes por semana, para ter as funcções sempre regularizadas.

O Conto Brasileiro

TRISTEZAS DE MULHER...

De CARLOS RUBENS

DANUZIA - Thereza magoou-se profundamente. Chegou a revoltar-se um instante.

— Como era possivel — dizia de si para si — que João Gualberto zombasse de sua desventura, descresse do seu affecto, que fôra verdadeiro e unico? — Ah! os homens! os homens — exclamara, indignada, atirando para o lado um velho romance sentimental. E o que não tivera tentado ainda, recordar a paixão esvanecida, fazia agora, na calma suave do seu quarto, sozinha, a janella aberta á noite silente e com a alma transida. Magoadissima.

Havia abandonado Theobaldo Reis, o marido, arrostando a sociedade e a familia e vivia alheiada do mundo, só e triste, amargando torturas. Dia e noite sua vida era uma só estação de pena e desencanto. Mirava-se ao espelho; e vendo-se nova e vendo-se formosa, sorria, um triste sorriso de dôr desfallada ao contacto da vida, que se não comprehende. Por que a vida se obscurecera para ella, se lhe tornava torva e má, quando para os outros esplendia em ouro, era alegria e era canto? Mirava-se outra vez, e dos seus olhos verdes as lagrimas, cálidas e brancas, cahiam sobre o mármore frio e branco do toilette.

Foi quando lhe passou pela porta João Gualberto. Seus olhos se encontraram e pasmaram de se verem frente a frente, como duas pessoas que se encontram e não se reconhecem incontinente. Ella sentiu logo qualquer coisa inexplicável, que elle bem comprehendeu. Dias depois, se confidenciavam. Um sabia a vida do outro. Eram duas almas communicativas e sensíveis, ansiosas de bem-querer, dois seres românticos, sós. E como se amaram, então! O mundo era a paixão em que elles viviam, o sonho que os levava vida adeante, enchendo-os de illuminação e de perfumes. E recordava palavras, protestos, phrases de João Gualberto: "Tu és o mundo inteiro, a minha existencia. Vivo porque vives. Deus, fazendo-te formosa e fazendo-te bôa, deu-me a fortuna maior da terra. E's a maravilhosa das maravilhosas. A única. Teu amor frennente e leal é a minha gloria maxima. Como te amo, como nos amamos, Danuzia-Thereza!" E os dias que viveram de prazer desabalado, de felicidade perfeita, na ilha verde ensombrada de mangueiras outomnaes, rodeada do mar verde e inconstante, do mar cujas ondas pareciam cantar o jubilo do amor feliz?

Certa vez, circumstancias inexplicaveis concorreram para um rompimento abrupto e brutal. Separaram-se. João Gualberto podia malsinal-a por isso. Nunca duvidar do seu affecto, chamal-a leviana, rir-se da sua desventura. Isso não. Por que a malsinar agora? Será que o homem não desça á alma das mulheres, não as busque comprehender?

Para elle, ella não tivera segredos; a elle dera-se completamente. Não desconhecia que a vida a forçára a certos arrebatamentos e transigencias que a ella mesma, no intimo, repugnavam. Mas podia elle condemnal-a por isso? As creaturas não são o que desejariam ser, mas aquillo que o Destino determinou que ellas fossem. O vento é que agita os ramos. Sacode as folhas no ar, leva-as longe. Nós somos folhas que o vento leva...

E Danuzia-Thereza mirou-se introspectivamente. Como num espelho. Pensou na vida. Nas ingratidões da vida. Nas paixões mal retribuidas, no bem que se dedica a quem o não merece e no amor que, feito para unir indissoluvelmente os seres, mais os separa, amargura e destroe.

Baixou a fronte sobre o mármore quente dos braços sobre a mesa e deixou-se ficar assim longo tempo. Soffrendo. Expungindo-se. Quando despertou, horas depois, tinha a cabeça entre espinhos. Dolorosissima. Em derredor pairava uma solidão morta, um silencio d'angustia.

Lá fóra havia luar.

O Commentario

COMMEMOROU-SE esta semana o jubileu da lampada incandescente, inventada por Thomas Edison a 21 de outubro de 1879.

O acontecimento não teria maior importancia e talvez passasse despercebido entre tantos que frequentemente se perdem no tumulto de outros factos, si não fôra o trabalho carinhoso que nesse sentido desenvolveu o Comitê Promotor da Commemoração do Jubileu da L a m p a d a Incandescente. Mas o programma organizado pelo mesmo Comitê foi c u m p r i d o brilhantemente, tendo um realce digno de nota. Varias homenagens ao grande Edison — o campeão das descobertas scientificas, na expressão de um escriptor brasileiro — foram também promovidas nesta capital, destacando-se, entre ellas, a que consistiu na exhibição especial do film que fixa, numa serie de documentos interessantissimos, os aspectos mais curiosos da vida e da obra do grande inventor que deu ao mundo, com a lampada incandescente, a luz de uma nova civilização e de um novo beneficio humano. Para essa exhibição especial foi convidada toda a imprensa carioca, que, pelos jornalistas presentes, poude verificar o merecimento dessa pellicula de tão interessantes detalhes scientificos e que, nos Estados Unidos, havia alcançado o mesmo successo aqui obtido.

Houve illuminação intensa, podemos dizer feerica, nos repuxos da Gloria e no Obelisco, onde duas mil lampadas, com uma força de cem mil velas, deslumbraram os transeuntes nocturnos. Foi armado, na avenida das Nações, um arco de triumpho representando uma lampada gigantesca, onde esplendia o grande medalhão com a effigie de Edison, cinzelado pelo artista George Bloow. Outras commemorações, que constituiram outras tantas homenagens a Edison, se realizaram no Rio por occasião do jubileu da lampada incandescente, que veiu relembrar a descoberta de uma das maravilhas modernas.

Os Jesuitas na China

ABEL BONNARD

O catolecismo existe em Pekin em mais de uma obra viva. Hoje, procuro os seus vestigios nas ruinas.

Visitei a parte do Palacio de Verão que os jesuitas construiram para o Imperador Kien-lung, e que foi queimado, como se sabe, pelas tropas franco-inglezas, em represalias a torturas infligidas aos parlamentares.

Depois de um curto trajecto em auto, saltamos deante de uma porta que nos vêm abrir.

Caminhamos por uma rasa cavidade que um tanque d'agua enchia. Em torno a nós, crescem grandes touceiras de canna. Um pouco mais longe, surge a massa indeterminada das ruinas; mais longe ainda, montanhas núas se sublimam na luz radiosa.

Julgo no meio de um campo romano: é a mesma claridade vasta e despovoada, apenas um pouco mais secca.

Em logar de dissipar, a minha illusão se confirma, á medida que avançamos. Percebo o vulto da pedra, as ordens; experimento a alegria de rever, mesmo em pedaços, os firmes elementos de uma architectura. E encontro tambem, subitamente, como uma irmã de espirito occidental, a amarella, a altiva, a immortal columna.

Uma pequena construcção nos mostra as suas janellas.

O solo está coberto de vascas, de balaustradas partidas. Tudo isso é branco e parece recente, sem nenhum ar de velhice: uma base de altar á antiga subsiste ainda; ao lado, pontes minusculas fazem uma ligeira arcada e parece que a architectura classica brinca com a chineza.

Estamos agora no patamar da escada de dupla revolução e que era antigamente adornado de jactos d'agua.

Elle nos conduz a um terraço: um pavilhão quadrado se eleva, ornado de "panneaux" onde o esmalte chinez reveste de pencas de frutos arranjados ao gosto barróco.

Margeamos o local da piscina e o da machina elevatoria que foi a grande obra do Pére Beneit.

Quando uma outra escada nos põe de novo em contacto com o solo, e nós volteamos, suppomos vêr um Piranése.

Jujubeiras se lançam no vacuo, do alto das paredes.

Duas cabanas, sob uma grande arvore, estão encostadas á ruina. Camponezes descascam milho, gallinhas debicam o solo, entre elles. Um cão rosna. Um touro negro nos olha, um pouco afastado de nós, cheio de uma inquietude immovel.

Para demonstrar maior semelhança com a Italia, a voz arrastada de um cantor rustico se faz ouvir, não gutural, é verdade, como seria á margem do Mediterraneo. Mas é nasalada.

Um ultimo pavilhão Luis XV, todo esculpido, todo branco, ri na grande luz, que parece tornar as ruinas mais felizes, mais bonitas.

Nada ali dá melhor a idéa do esforço, a um tempo tenaz e engenhoso do que os jesuitas fizeram na China, que esse conjuncto de monumentos, onde um pouco de "gaucherie" se mistura a um pouco de applicação e bom gosto e que parece um "pensum" feito de muito bom coração.

Os jesuitas se esforçaram para aproximar duas civilizações — pelas suas qualidades superiores. Como os Cruzados haviam lutado com os occidentaes, mantendo o seu espirito cavalheiresco, o Occidente rivaliza em polidez com a China.

Levando ao Extremo-Oriente a nossa sciencia e as nossas artes, elles reformaram o calendario, construiram palacios, fundiram canhões, inventaram machinas, para que emfim tantos trabalhos servissem á religião que pretendiam diffundir.

Havia, entre o imperador e elles, uma luta de fineza; uns se prodigalizando em attitudes de polidez, afim de acreditar a sua doutrina; os outros, se estudando, com o intuito de tirar delles tudo o que lhe pudessem querer, sem se deixar dominar pela sua influencia.

Não se póde dizer que um d... do mesmo genero se trava, a... hoje, entre os estrangeiros que ...zem para aqui os seus serviço... que os chinezes aproveitam do ...lhor modo.

Tudo o que os missionarios ... nham de favor, não era senão ... parente — porque elles não ... ceitavam, pesoalmente, nenhu... vantagem.

Para elles, de real, não havia ... não as desgraças, as injurias, ... sevicias, os supplicios, mas sei... do a elegante disciplina da ... aristocrata das ordens, elles ... briam com um ar de bem estar ... si mundana a austeridade ... ta das suas grandes virtudes.

De resto, nos momentos me... em que pareciam bem tratados ... imperadores, com o desembara... a astucia dos asiaticos, emp... dos em degradar os europeus, ... os serviam, não se entendiam ... senão quando os humilhavam, ... ses vexames revestiam toda... formas.

Foi isso o que se deu, s... tudo, no reinado de Kien-lun... irmão Attiret, nascido em um... milia de pintores, pintor elle ... mo, e cheio de amor pela sua ... tinha apresentado ao imperado... guns quadros, que lhe não des... daram.

Mas o soberano lhe fez com... hender que, si elle queria qu... suas obras fossem, de facto, v... deiramente agradaveis, era pr... que elle se desfizesse dos ... principios que havia seguido ... então, para se filiar á escola ... chinezes.

Assim, por um esforço ... cruel do que pelo prazer de re... ciar á sua arte, o irmão foi ... çado a continuar a praticar, a ... chineza, a despeito dos seus ... tos, da sua doutrina, do seu ... elle se submetteu docilmente e ... tou como os pintores do Ce... Imperio.

MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE

«O bordado do Diabo»

(LENDA FLAMENGA)

De E. Van Leberghe

EM uma vitrine do museu de Amberes ha uma peça de maravilhoso bordado, de tons marfineos, de fios tão subtis, tão finissimos, que parecem quebrar-se ao só choque da luz muito viva que os fere.

Esse bordado não tem preço. E' uma joia unica conservada com esquisito amor através das gerações. Em um dos extremos ha duas pequenas perolas, unidas de um modo incomprehensivel á trama complicada do tecido.

A gente olha com supersticioso temor aquella obra prima, cujo desenho ninguem se atreveu a copiar, nem mesmo as mais audaciosas bordadeiras que enchem com seus risos as officinas, de sol a sol. Aquelle bordado é conhecido pelo nome de "O bordado do diabo", e tem uma lenda que numa brumosa tarde de outomno me foi narrada por um velho artista flamengo, de alma aberta a toda a poesia do mysterio e da tradição.

* * *

"Procurareis em vão, em toda Bruges, uma bordadeira mais habil do que Gúdula T'Serclaess. Suas mãos, ageis em combinar os sedosos fios, faziam verdadeiros prodigios em toalhas, vestidos, lenços e véos para as noivas.

"Morto seu pae prematuramente, Gúdula sustentava sua mãe com o producto de seu trabalho, e no pequeno mealheiro de barro, que guardava em uma gaveta da commoda, ia deitando a bordadeira suas economias.

"Tinha já vinte reluzentes moedinhas de ouro. Dentro de dois annos poderia comprar o seu enxoval de noiva. Peter Haasse, seu noivo, era pintor de vitrines, e só esperava tambem completar a pequena somma que devia ajudal-o a formar seu lar para unir-se áquella a quem amava desde criança, com a mais cega paixão.

"Uma manhã, trabalhava Gúdula em uma delicada peça, que devia entregar no dia seguinte, quando ouviu baterem á porta. Foi abrir e se viu em presença de um cavalheiro alto, delgado, vestido de velludo negro.

"— Sois Gúdula T'Serclaess, a bordadeira? — perguntou o desconhecido.

"— Para servir-vos, senhor — respondeu a joven.

"— Desejaria fazer-vos uma encommenda.

"— Entrae, senhor.

"O cavalheiro entrou e, depois de se sentar, disse:

"— Tanto se estendeu a fama de vossas obras, que venho de muito longe, de além mar, encommendar-vos um trabalho. E' um véo de noiva.

"— Estou ás vossas ordens.

"— Trago-vos o fio. Mas é tão fino, tão tenue, que se parte á luz do sol. Deveis, para tecel-o, permanecer longe de toda claridade que possa destruil-o. Como é urgente o trabalho, vos darei, terminado este, cem moedas de ouro.

"Gúdula ficou absorta, muda, deante da repentina fortuna que se lhe offerecia. Trabalhando bem, o véo estaria prompto em seis mezes, e então ella poderia, rica e feliz, se casar com Peter.

"A emoção fez com que apenas pudesse balbuciar algumas palavras de agradecimento.

"— Ah! — acrescentou o desconhecido. — Sei que as bordadeiras de Flandres têm o costume, ao começar seu trabalho, de formar com os fios uma pequena cruz. Eu desejo que a supprimaes no véo. Aqui está o desenho, que vos peço copieis fielmente.

"Entregou a Gúdula um pergaminho, no qual, com tinta vermelha, estavam traçados arabescos estranhos, que ás vezes tomavam fórmas de chammas.

* * *

Com vehemente vontade, começou Gúdula a tecer o véo. Alguma cousa lhe custava recluir-se horas e horas naquella penumbra, na sombria estancia em que não entrava um raio de sol. Mas ao pensar no preço da obra, seu sentimento se dissipava. Os finissimos fios resvalavam por seus dedos e formavam o desenho do bordado, que surgia pouco a pouco, como feito por invisiveis mãos de fada.

"Gúdula, obediente, não quizera formar a cruz tradicional, distinctivo das bordadeiras flamengas, e sua mãe e Peter haviam dito, preoccupados:

"— Isso trará má sorte á noiva.

"Passaram-se os dias. A joven, absorvida em sua tarefa, perdia pouco a pouco suas côres, o brilho de seus olhos, naquella sombra em que se via obrigada a trabalhar.

"— Gúdula, por que não bordas junto á janella? — diziam suas amigas.

"— Não posso. O fio é tão fino que se parte com a luz do sol.

"— Estás pallida... Teus olhos não brilham.

"— Não importa. Já falta pouco para terminar meu trabalho — respondia Gúdula, alegremente.

"Mas, uma manhã, seus olhos se embaciaram tanto, que teve de abandonar seu trabalho.

"— Isto passará — pensou a joven. — E' o cansaço.

"Só faltava uma ponta do véo, a mais complicada, aquella em que as chammas do desenho pareciam cruzar e confundir-se.

"Febril, abrindo muito os olhos para ver melhor, continuou Gúdula sua tarefa.

"Os fios se misturavam, se enrolavam acceleradamente.

"A bordadeira cravava os alfinetes com rapidez pasmosa. Uma volta mais..., outra..., outra... está formada esta chamma, que parecia tão difficil...

Agora, começar a borda... Não era preciso cravar sinão vinte alfinetes..., quinze..., dez..., cinco..., o ultimo!

"Mas, ao levantar a cabeça, Gúdula deu um grito de infinita angustia.

"O véo estava terminado. Era realmente, uma maravilha... Dir-se-ia feito com esses brilhantes qual impalpaveis fios da Virgem... Mas onde estava a luz dos olhos de Gúdula? Uma sombra a havia occultado para sempre. A bordadeira ficára cega!"

* * *

"Nunca mais se teve noticia do cavalheiro desconhecido.

"Gúdula extinguiu-se num amanhecer de inverno em que a neve cahia em grossos frócos. O véo fatal foi recolhido pelo infeliz Peter, e passou piedosamente de mão em mão, até chegar ao museu...

"E essas duas perolas, mysteriosamente adheridas ao bordado, são, segundo a lenda, duas lagrimas dos olhos sem luz da desventurada Gúdula."

URODONAL

combate o rheumatismo

Gotta

Rheumatismos

Areias da bexiga

Arterio-esclerose

ANTES DO TRATAMENTO

URODONAL
limpa o rim, lava o figado e as articulações. Torna as arterias flexiveis e evita a obesidade

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro Nº 83 — 10 de Junho de 1910.

Etablissements Chatelain.
12 Grandes Premios
Fornecedores dos Hospitaes de Paris
2 e 2 bis, Rue de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias

Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

"O URODONAL fabrica-se em granulado e PASTILHAS"

PERFUMARIAS LOPES
RIO-S.PAULO
A VENDA EM TODO O BRASIL

Um olhar para o futuro

(UMA FANTASIA QUE TERÁ REALIDADE)

(A SCENA TEM LOGAR NA CAMARA FEDERAL, EM PLENA VIGENCIA DO PROJECTO AUGUSTO DE LIMA)

ANTECEDENTES

AGITA-SE a campanha presidencial. O partido das libertadoras, formado unicamente por mulheres, ao invés de apresentar uma candidata á presidencia, como todos esperavam, resolveu suffragar o nome de Adonis Appollonio, joven sulista de olhos sonhadores e tez côr de jambo, filho de uma familia muitas vezes millionaria, premiado em cinco concursos de belleza masculina e heroe de uma duzia de dramas passionaes. Segundo as libertadoras, aquelle era o unico homem que, "standardizando" a raça, poderia salvar o Brasil, não da bancarota — coisa de somenos importancia — mas da confusão que ameaçava determinar a mescla de raças.

Por sua vez, o partido conservador, "formado por velhos "detraquées" e agarrados ás normas de antanho", — como dizia a "leader" feminista no Senado — combatia fortemente a candidatura Adonis e reunia os ultimos adeptos da verdadeira opinião masculina para offerecer á nação o nome de um procer mineiro defensor dos velhos principios.

Justamente na sessão a que nos reportamos, a questão promettia ferver. O "leader" de Minas, dr. Julio Silva, um moço de idéas velhas, inscrevera-se na vespera para falar, garantindo que provaria a incompatibilidade de Adonis para exercer o supremo cargo do paiz e a "leader" das libertadoras a sra. Iracema Vieira, dera ordem para que todos os elementos do partido comparecessem á sessão, afim de obstruir o discurso do indesejavel.

E a sessão tem inicio num ambiente de espectativas, com as galerias e tribunas repletas de mulheres.

* * *

O sr. Julio Silva — Peço a palavra pela ordem. Eu prometti, sr. presidente, provar a incompatibilidade do sr. Adonis Appollonio para exercer a suprema magistratura do paiz e é justamente isso o que venho fazer, tentando evitar que o paiz seja entregue a um governo nefasto.

Um deputado — V. ex. chama nefasta a candidatura por nós apresentada porque se sente despeitado...

O sr. Julio Silva — Peço ás minhas nobres collegas que me ouçam com attenção, como eu costumo fazer, quando ellas falam... Dizia eu, sr. presidente, que pretendo provar o quanto será nefasta ao Brasil a passagem pela presidencia do sr. Adonis, e isso procurarei fazer, se a respeitavel Camara me quizer ouvir. Antes de mais nada, falarei da falta de compostura moral do candidato...

(Ha tumulto no recinto. Agitam-se punhos no ar. O presidente faz soar os tympanos.)

A *sra. Iracema Vieira* — Que quer v. ex. dizer com "falta de compostura moral"?

O sr. Julio Silva — Quero falar desses escandalos passionaes vergonhosos em que tem estado envolvido o nome do candidato de VV. EEx.! Desses escandalos...

A *sra. Iracema Vieira* — Tem graça! Chama-se então escandalos passionaes a popularidade de que goza um cidadão entre as mulheres! Pois fique V. Ex. sabendo que havemos de fazer triumphante o nome do nosso candidato!

O sr. Julio Silva — Peço permissão para dizer a v. ex. que duvido dessa affirmativa. Embora nós não disponhamos dos argumentos de que dispõem vv. EEx. para conquistar votos...

A *sra. Iracema Vieira* — V. Ex. está nos offendendo!

O sr. Julio — Não vejo como!

A *sra. Iracema* — Está usando palavras de duplo sentido.

O sr. Julio — V. ex. está com o espirito exaltado! Para provar a incompatibilidade do sr. Adonis com o cargo em que desejam collocal-o, sr. presidente, eu tenho em meu poder cartas amorosas de representantes do partido feminista nesta Camara...

A *sra. Iracema* — Eu nunca escrevi cartas amorosas ao sr. Adonis!

O sr. Julio — Eu não disse que as cartas eram de v. ex....

Uma deputada — E' mentira tambem que eu tenha escripto! — *(nesse momento, ouvem-se gritos no fundo do recinto e uma libertadora cáe com forte crise de nervos).*

A *sra. Iracema* — O que v. ex. está fazendo, martyrizando as minhas innocentes collegas, é um abuso inqualificavel e eu só lamento que o presidente desta casa seja um homem! Deus, porém, ha de lhe dar uma sogra como v. ex. merecer...

O sr. Julio — Decididamente, eu não consigo falar, sr. presidente. As minhas nobres collegas...

A *sra. Iracema* — Nós não somos collegas de um deshumano como v. ex.! ...

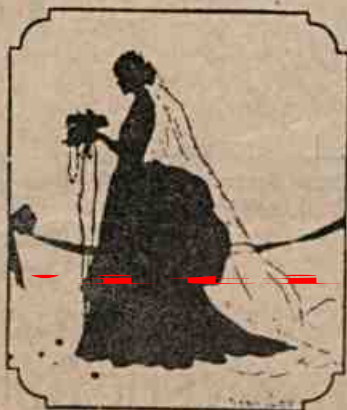
O sr. Julio — .... não querem que eu ponha á luz do sol os elementos de que disponho para aniquilar a candidatura do sr. Adonis. Assim sendo, eu me verei obrigado a lançar mão da imprensa...

A *sra. Iracema* — V. ex. não fará semelhante coisa e se a fizer, nós as libertadoras, provocaremos um levantamento em massa das mulheres e não deixaremos um fio de cabello na cabeça dos homens...

O sr. Julio — Agora entramos no terreno das ameaças! V. ex. sra. Iracema Vieira, que é a mais velha das libertadoras nesta Camara...

A *sra. Iracema* — Eu, a mais velha? Ouviu, sr. presidente! Chamou-me velha, a mim, que...

(Ha gritos nas galerias, tumulto no recinto e a sra. Iracema, pallida e desgrenhada, cáe desfallecida nos braços das collegas que a rodeiam. O presidente suspende a sessão, requisitando os soccorros da assistencia medica interna, creada para attender ás necessidades das representantes femininas.)

* * *

No dia seguinte, com letras garrafaes, os jornaes feministas davam noticia de uma "violenta aggressão levada a effeito pelo "leader" conservador contra a fragilidade das representantes libertadoras".

RAUL LEITÃO.

Primeiros Discos Victor Brasileiros

Temos a satisfação de participar ao publico brasileiro que vimos de iniciar a gravação e a manufactura dos mundialmente afamados discos

VICTOR

O disco Victor Brasileiro, de gravação a mais perfeita, condensa

A MELHOR MUSICA PELOS MELHORES ARTISTAS

VICTOR TALKING MACHINE COMPANY OF BRAZIL

ANCILA (Capital) — Não posso fazer o exame de sua calligraphia: não sou graphologo.

SATYRO (São Paulo) — Tenha paciencia: não posso dizer o que revela a sua graphia.

VIOLETA (Capital) — Vá lá! Meditei longamente sobre a sua carta, e a palavra que me saiu dos labios foi esta: "Vá lá!"

Vá lá — attendendo o pedido que me faz:

"Caro Yves — Vou tomar um pouco do seu precioso tempo para pedir-lhe o grande obsequio de estudar minha letra. Não espero uma resposta como as que tem dirigido a muitas outras consulentes, escusando-se ao exame graphologico, pelo receio de "ouvir descompostaras sem lucro algum..."

Mesmo que me não fossem agradaveis as revelações graphologicas eu não me poderia agastar com você, caro amigo, pelo simples facto de me não julgar a mais perfeita das mulheres e como tal, conhecer alguns dos meus defeitos. Tenho-os muitos, é verdade, mas uma pequena qualidade possuo: perdoar facilmente, e por isso não me aborrecerei com você, se me disser, além de todas as minhas más qualidades, que sou *feia.*

Estou fazendo jús a um logar zinho nos aposentos de d. Cesta, pela minha loquacidade, não é?

Envio-lhe os meus agradecimentos pelos momentos de attenção que me conceder. A sua amiguinha. — Violeta."

Muito bem. A sua graphia revela um temperamento aspero, rijo, duro e frio. V. Ex. é uma creatura de aço. Percebe? Teimosa, implicante, tenaz, é de uma energia mascula. E' nervosa, agitada, impulsiva e, quasi sempre, pouco prudente. E' um tanto reservada. Prodiga, materialmente falando. Não é uma esbanjadora de dinheiro, mas é franca, liberal, incapaz de sovinices irritantes. Como vê, já encontrei essa bôa qualidade na sua lettra. Vamos vêr si a lampada de Diogenes me auxilia a descobrir outra. E' egoista, racionalista, clara nas suas idéas e incapaz de sentimentalismos.

E insincera, desleal. Não se pode confiar na sua palavra. E' um perigo. V. Ex. é capaz de vender um bonde, quanto mais uma alma de... homem! E' extremista nos seus actos e nas idéas: ou 8 ou 80.

Em summa: eu não me casaria com V. Ex. Não é alegre, nem triste. E mal humorada. Vive em luta permanente com os proprios desejos: não sabe o que

quer. Tem uma grande vida interior. Pretensão.

Agora, um detalhe psychologico, e que nada tem com a sciencia do abbade Michon: estas phrases de sua carta:

"Tenho-os muitos (defeitos) é verdade, mas uma pequena qualidade possúo: perdoar facilmente; e, por isso, não me aborrecerei com você"... etc., etc.

Pretensão e egoismo. Naturalmente, si a graphologia só lhe apontasse defeitos, V. Ex. não concordaria com elles e, egoisticamente, julgando-se *uma perfeição*, consideraria um crime (da sciencia) que certos defeitos lhe fossem attribuidos (?) E, então, superiormente, (pretenção) saberia *perdoar facilmente* (!) o crime da graphologia... sem ficar aborrecida commigo... (Commigo? Essa é bôa!)

O' humanidade, como és fatua!

— E é nisso que a sciencia de Paul Joire se revela um assombro: elle confirma, em tudo por tudo, aquillo que nós somos — atravez das nossas proprias palavras. Já não direi da letra...

JOCAVA (Minas) — O seu soneto não serve.

A. RIBEIRO FILHO (Capital) — O seu soneto está muito defeituoso. Não pode ser publicado.

RACH (São Paulo) — Não sou graphologo, caro senhor bairrista.

LUIZ BUENO (São Paulo) — A sua collaboração não serve para o Fon-Fon.

DOULOUREUSE (Capital) — Mas, vamos e venhamos: V. Ex. me pede a sua gralologia. E' o seu direito. Está muito bem. Não ha nada de mal nisso. Mas é que me fala em recompensa.

Recompensa? Não comprehendo até onde quer chegar.

Recompensa é o acto de corresponder, grata e condignamente, a um beneficio ou obsequio recebido. Essa recompensa pode ser de ordem monetaria, material (representada por um presente) moral ou affectiva, si é que podemos ir tão longe.

M a s recompensa puramente verbal, ou melhor, epistolar, e de caracter anonymo, é um absurdo tão inconcebivel como seria o de fazer a sua graphologia por uma letra traçada em papel pautado.

MARGOT (Capital) — E' uma melancolia. Sim, uma melancolia dolorosa, que desorienta e desen[illegible] coraja.

Vem a gente lêr cartas e mais cartas, entrando em contacto com uma infindável multidão de espiritos mediocres, insipidos, desinteressantes; cartas de poetas incipientes, que não têm a menor noção do ridiculo; cartas de despeitados que aggridem, na doce supposição de que terão uma resposta; cartas de senhoritas vulgares, que ainda deviam cursar a escola primaria; emfim, uma phalange de consulentes que só nos causam tedio e decepção... Vem a gente a percorrer esse mundo epistolar, á maneira de quem atravessa uma cidade paupérrima de belleza architectonica e monumental e, de repente, se depára deante de uma construcção que, si não é um assombro, é, pelo menos, uma obra original. Um bangalô curioso pelas suas linhas quasi humoristicas. Essa obra original é a sua missiva. Pode ser que seu francez não seja de bôa qualidade. Mas o texto que elle representa não deixa de ter a sua graça.

Vejamol-a:

"Monsieur Yves — Vraiment je suis confus...

Le peu que je connais de vous m'a donné une vive curiosité et un vive désir de votre estime.

C'est le présage de l'amitié.

Croyez, je ne suis prodigue de ce sentiment. Je suis un ours.

Je crois monsieur Yves incapable d'un sentiment, je le sais cabable d'amour...

Permettez-moi de dire tout mon pensé?

— Vouz portagez la commun opinion sur la mediocrité intellectuelle des femmes? Au revoir — Margot."

Vamos a resposta:

I — A synthese da sua carta, isto é, aquillo que nella mais interessa é a pergunta que fez, si participo da opinião corrente sobre a mediocridade intellectual feminina... Devo dizer que não. Não, porque sou forçado a reconhecer que no Brasil de hoje quem mais lê é a mulher. E consequentemente si ella lê, e é de crer que entenda, que se illustra, que cultiva o seu espirito.

II — O homem não lê. Pelo menos, literatura. Os que lêm são "officiaes do mesmo officio". E esses não compram os nossos livros. Exigem-n'o, para, graciosamente, para dizer mal do autor. E isso dado o caso, muito difficil, de lerem. A mulher, não! Adquire o livro sem pena. Lê-o e a[illegible]

escreve ao seu autor transmittindo-lhe as suas impressões. E geralmente — mentira ou verdade — ella não nos ataca.

III — Entre as mulheres cultas do Brasil, digamos, senhoritas da nossa sociedade estão em primeiro plano as paulistas. Indiscutivelmente, as filhas de São Paulo são as expoentes da cultura feminina do Brasil. E si muitas dellas não se revelam pelo livro, pela imprensa ou pela tribuna, é tão sómente devido aos idiotas preconceitos sociaes, que, paradoxalmente, dando liberdade á mulher sob certos aspectos, a jugulam a rigidos e inconcebiveis principios de ordem moral.

Mas eu que estou muito em contacto com o espirito das paulistas, posso assegurar que, na sua grande maioria, ellas honram a nossa cultura mental.

Em segundo logar vêem as cariocas, depois, as gauchas; em quarto as mineiras: em quinto...

Não, paremos ahi. Não convém ir adeante. Não quero melindrar as demais consulentes dos Estados, si é que falar a verdade é melindrar alguem...

O Norte nos tem revelado alguns espiritos femininos interessantes. Mas isso é tão raro que não merece mesmo uma referencia.

MINEIRA (Minas) — Não sou graphologo, nem entendo de graphologia. Mas dizem os tratados que, para se estudar uma letra, é necessario que ella seja traçada em papel liso, de linho e em estado de completo repouso, afim de que a graphia saia o mais natural possivel. Qualquer alteração no desenho da letra, prejudica enormemente o significado da mesma.

Mas é o que ouço dizer. Não entendo da arte de ler o caracter pela calligraphia.

ACILIO ROCHA (?) — Os seus sonetos não podem ser publicados.

MISS ATLANTICO (Capital) — Virgem Nossa Senhora! Será possivel que a minha bisavó me tinha dirigido uma carta, do fundo da sua sepultura? Será possivel isso? Ou eu estou enganado?... Mas vejamos a coisa com attenção. Aqui está uma missiva em papel de fantasia. Margens rendadas, e cercadas de uma vinheta dourada, no mesmo estylo. No angulo direito superior do papel, um verdadeiro papel, composto de varias camadas de chromos.

A primeira camada é representada por uma grinalda de rosas, que circumda uma estrella em fórma sexagonal. Ao centro da estrella uma pomba branca. Na

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

. . .

camada que é superposta á primeira se destaca uma pomba (tambem branca) em ponto maior, e em pleno vôo. Naturalmente é algum pombo correio. A ultima camada do seu bordado lithographico nos mostra duas mãos: uma feminina e outra masculina, já se vê. O punho de cada uma dessas mãos nasce de um coração feito de rosas e myosotes. As duas mãos se apertam num forte *shake-hand* e sobre um ramo de rosas rubras. Upa! Desta vez o Mercado das Flores ficou nú!...

Pois essa carta inconcebivel no seculo XX, me é dirigida por "Miss Atlantico". Não foi minha bisavó, nem a alma de alguma do tempo de D. João charuto que m'a enviou. Foi "Miss Atlantico". "Miss Atlantico", no seculo XX!

Francamente, si me não amparam, eu desmaio. Juro que desmaio... de pasmo.

Agora, a belleza está no texto. Coragem, senhores! Vejamos o que diz "Miss Atlantico":...

"Yves. — Não tenho alma, mas tenho coração: assim é que me sensibilizou a tua resposta, e me apressei a te escrever, e num papel artistico que vá agradar a teu sentimento esthetico. Adivinhaste, com certeza, pela minha letra, que tenho espirito, mas não tenho alma? Acertaste: a alma está contratada, no "Austral Superior"

(mas não vás invocal-a, na pessão, nos domingos de tedio), e sómente ella, porque lá não querem alma com espirito; de maneira que este, sózinho, é que foi fazer-te uma visita.

Poderás responder-me?

1.º — Os Lampejos são o segredo... da alma de Lucio de Moraes; e as Glycinias, continúo a perguntar-te: quem as escreve?

2.º — Porque não queres que te chamem de Arthur?

3.º — Das consulentes passadas, qual a que mais te agradou?

4.º — Quantas paixões criastes com o Saibam Todos?

Muito obrigada — *Miss Atlantico*."

Viram, os senhores?

Agora aqui vão as informações que devo á minha consulente:

a) — Não estou autorizado a revelar quem seja Lucio de Moraes, e muito menos o autor das *Glycinias*; *b)* — Pergunta-me por que não quero que me chamem de Arthur. Ora essa! Porque meu nome não é esse. V. Ex. gostaria que eu a chamasse "Miss Intelligencia", quando V. Ex. é apenas "Miss Atlantico"? E' claro que só devemos ser o que somos. Em latim: "*Ego sum qui sum*"; *c)* — As consulentes que me agradam são as actuaes. Inclusive V. Ex. — que me diverte. Não olho para o passado — porque não ando para traz como caranguejo; *d)* — Não sou homem para alimentar paixões epistolares e muito menos telephonicas...

"Miss Atlantico" permitte que lhe faça um grande elogio? Si permitte, aqui vae a minha phrase: V. Ex. é um oceano de intelligencia..."

HELENA — (Espirito Santo) — Ora viva! Até que emfim, eu não morreria sem receber uma carta da terra capichaba.

Vamos ver o que me diz essa deliciosa *Helena*, da terra que parece um prezepio de Natal... Vamos vêr... Dois pontos:

"Caro Yves — Estou triste... muito triste...

Hoje, domingo, dia lindo de sol ridente de primavera, que eu deveria estar alegre, não achas? Entretanto... estou triste... triste de verdade, Yves. Meu coração, soluça baixinho... Só as creaturas lyricas, sentimentaes, fariam bem ao meu espirito... e você, Yves, é uma dessas creaturas... sem querer, lhe digo o que me vae n'alma, porque parece-me que você é bom... que sabe comprehender os corações dessas meninas de 17 annos, collegiaes ainda, que tem

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 26-10-1929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

namorados, que amam muito, e os papaes não querem...

Sim, Yves, não sei o que seria da gente, se Deus não puzesse no mundo uma creatura como você... que tem dó dessas mocinhas que amam... que faz "Suave Enlevo" p'ra gente lêr... N'este momento se me insinua n'alma, a melodia de alguns versos seus, dessas duas estrophes:

"E' n'agua das lagôas taciturnas
que os cysnes mais felizes vêm [boiar...
Para as sombras nocturnas,
ha sempre um pyrilampo a accen- [der e a apagar...

Sou fantasista e sonhador!
Amo e soffro! A minha alma é [languida e amorosa...
E para quem padece por amor,
A vida tem seu lado côr de rosa..."

Não imaginas, Yves, como elles me fazem bem, deixam-me n'alma uma vaga consolação... tenho a idéa de que você m'os fez, a mim somente.

Então Yves, continue a ser

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

bomzinho assim, a fazer versos como estes, sim? Ficar-lhe-emos muito gratas, gratissimas e eu, Yves, ficaria mais ainda, se você me dirigisse algumas palavras...

Sim, Yves, que deverei fazer? O meu namorado, é desses que nos deixam no ar, enlevadas por um amor tão grande... Tenho a impressão de que sou alguma rainha, para ser tão amada... Elle, é meigo, me diz palavras bonitas... e ainda mais, tem olhos verdes...

E eu, Yves, eu, eu gosto delle sim! Mas... papae não quer... mamãe não deixa... oh! Yves, que fazer?

Tenha dó de mim, Yves, me conte sim? e perdoe esta pequena collegial que lhe amola, mas que lhe quer bem. — *Helena."*

Aqui vae o meu commentario. Antes de tudo, agradeço-lhe os elogios que faz ao meu livro "O suave enlevo". V. Ex. mostra que é generosa.

Quanto ao caso do seu namorado deixal-a no ar, é gymnastica que V. Ex. precisa esclarecer do melhor modo.

Como é isso? Acaso elle a toma pelos cabellos, como quem segura um polichinello, e a deixa esperneando no ar? Ou será que elle a faz de pelóta e, como bom *footballer*, a sacode para cima? Mas mesmo assim, esse phenomeno — a sua estabilidade no ar — iria contra a lei da gravidade.

Em todo caso, seria interessante, vel-a a bater as pernas bem feitas, como uma tanajura fisgada... fisgada, onde? numa téla invisivel...

Não, tenha paciencia. Queira explicar esse *truc* fakirico do seu namorado, que a deixa no ar.

Realmente, deixar uma moça bonita (V. Ex. será mesmo bonita? Ainda não passou da idade em que se dá o *tiro na macaca?*) realmente, dizia eu, deixar uma senhorita no ar, é complicado, difficil e incommodo. Até aqui, só quem conseguiu esse milagre foi a mãe de São Pedro — que ficou entre o céo e a terra... Talvez por isso, é que papae e mamãe não a deixam, em companhia desse moço extravagante, que suppõe que a namorada é péteca ou tanajura...

YVES

NOVO TRATAMENTO DO CABELLO

Restauração — Renascimento — Conservação

PELA **Loção Brilhante**

PATENTE N. 5750

Formula Scientifica do Grande Botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Approvada e licenciada pelo Departamento Nacional da Saude Publica pelo Decreto n. 1213 de 6 de Fevereiro de 1921

Recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do Extrangeiro

A LOÇÃO BRILHANTE É O MELHOR ESPECIFICO INDICADO CONTRA:

Quéda dos cabellos — Canicie — Embranquecimento prematuro — Calvicie precóce — Caspas — Seborrhéa — Sycose e todas as doenças do couro cabelludo.

CABELLOS BRANCOS Segundo a opinião de muitos sabios, está hoje completamente provado que o embranquecimento dos cabellos não passa de uma molestia. O cabello cahe ou embranquece devido á debilidade da raiz.

A **Loção Brilhante**, pela sua poderosa acção tonica e antiseptica, agindo directamente sobre o bulbo, é, pois, um excellente renovador dos cabellos, barbas e bigodes brancos ou grisalhos, devolvendo-lhes a côr natural primiva, sem pintar, e emprestando-lhes maciez e brilho admiravel.

CASPAS — QUÉDAS DOS CABELLOS Multiplas e variadas são as molestias que atacam o couro cabelludo dando como resultado a quéda dos cabellos. Dastas, a mais commum são as caspas. A **Loção Brilhante** conserva os cabellos, cura as affecções parasitarias e destróe radicalmente as caspas, deixando a cabeça limpa e fresca.

A **Loção Brilhante** evita a quéda dos cabellos e os fortalece.

CALVICIE Nos casos de calvicie com tres ou quatro semanas de applicações consecutivas começa a parte calva a ficar coberta com o crescimento do cabello. A **Loção Brilhante** tem feito brotar cabellos após periodos de alopecia de mezes e até de annos.

Ella actua estimulando os folliculos pilosos e desde que haja elemento de vida os cabellos surgem novamente.

SEBORRHÉA E OUTRAS AFFECÇÕES Em todas as alopecias determinadas pela seborrhéa ou outras doenças do couro cabelludo os cabellos cahem, quer dizer, despegam-se das raizes. Em seu logar nasce uma penugem que segundo as circumstancias e cuidado que se lhe dá cresce ou degenera.

A **Loção Brilhante** extermina o germen da seborrhéa e outros microbios; supprime a sensação de prurido e tonifica as raizes do cabello, impedindo a sua quéda.

TRICHOPTILOSE Ha tambem uma doença, na qual o cabello, em vez de cahir, parte. Póde partir bem no meio do fio ou póde ser na extremidade, e apresenta um aspecto de espanador por causa da dissociação das fibrilhas. Além disso, o cabello torna-se baço, feio e sem vida. Essa doença tem o nome de trichoptilose, e é vulgarmente conhecida por cabellos espigados. A **Loção Brilhante**, pelo seu alto poder antiseptico e alimentador, cura-a facilmente, dá vitalidade aos cabellos, deixando-os sedosos, lustrosos e agradaveis á vista.

VANTAGENS DA LOÇÃO BRILHANTE

1.° — E' absolutamente inoffensiva, podendo, portanto, ser usada diariamente e por tempo indeterminado, porque a sua acção é sempre benefica.

2.° — Não mancha a pelle nem queima os cabellos, como acontece com alguns remedios que contêm nitrato de prata e outros saes nocivos.

3.° — A sua acção vitalizante sobre os cabellos brancos, descorados ou grisalhos começa a manifestar-se 7 ou 8 dias depois, devolvendo a côr natural primitiva gradual e progressivamente.

4.° — O seu perfume é delicioso, e não contém oleo nem gordura de especie alguma que, como é sabido, prejudicam a saúde do cabello.

MODOS DE USAR

Antes de applicar a **Loção Brilhante** pela primeira vez é conveniente lavar a cabeça com agua e sabão e enxugar bem.

A **Loção Brilhante** póde ser usada em fricções como qualquer loção, porém é preferivel usar do modo seguinte: Deita-se meia colher de sopa, mais ou menos, em um pires, e com uma pequena escova embebida de **Loção Brilhante** fricciona-se o couro cabelludo bem junto á raiz capillar, deixando a cabeça descoberta até seccar.

PREVENÇÃO

Não acceitem nada que se diga ser a «mesma coisa» ou «tão bom» como a **Loção Brilhante**.

Póde-se ter graves prejuizos por causa dos substitutos.

PENSE V. S. em ter novamente o basto, lindo e lustroso cabello que teve ha annos passados.

PENSE V. S. em eliminar essas escamas horriveis que são as caspas.

PENSE V. S. em restituir a verdadeira côr primitiva ao seu cabello.

PENSE V. S. no ridiculo que é a calvicie ou outras molestias parasitarias do couro cabelludo.

Nada póde ser mais conveniente para V. S. do que experimentar o poder maravilhoso da **Loção Brilhante**.

Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer V. S. até á evidencia, sobre o valor benefico da **Loção Brilhante**. Comece a usal-a hoje mesmo. Não perca esta opportunidade.

A **Loção Brilhante** está á venda em todas as drogarias, pharmacias, barbeiros e casas de perfumarias. Si V. S. não encontrar **Loção Brilhante** no seu fornecedor, córte o coupon abaixo e mande-o para nós, que immediatamente remetteremos, pelo correio, um frasco desse afamado especifico bacillar.

(Direitos reservados de reproducção total ou parcial)

Unicos cessionarios para a America do Sul:
ALVIM & FREITAS — Rua Wenceslau Braz n°. 22-sob.
S. PAULO. — C. Postal, 1379.

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS —
(F. - F.) Caixa 1379 — S. Paulo

Junto lhes remetto um vale postal da quantia de réis 10$000, afim de que me seja enviado pelo correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME ....
RUA ....
ESTADO ....
CIDADE ....

O FILHO PRODIGO

HENRI DUVERNOIS

AOS vinte e dois annos, Hypolito Condurier deixou a tranquilla cidade provinciana onde seu pae dirigia um importante estabelecimento de novidades. João, irmão mais moço de Hypolito, lhe deu duzentos e setenta francos.

— São — disse — minhas economias. Destinava-as a uma collocação vantajosa e eram talvez a iniciação de minha fortuna pessoal, mas t'as entrego gostosamente. Embora eu ainda seja muito moço, permitte-me que te dê um conselho: fica aqui. Para que queres ser literato em Paris, onde já existem tantos escriptores? Tem um pouco de paciencia, que os negocios acabarão por enthusiasmar-te e serás o primeiro a rir de...

— Si me risse do que, agora, me apaixona, era porque me teria transformado em um idiota — respondeu Hypolito. — Agradego-te o conselho e o dinheiro, rapaz, mas guarda tuas economias. Não podemos comprehender-nos porque não falamos a mesma linguagem. Eu sou desinteressado: amo a arte pela arte e o dinheiro não me fascina. Comprehendes?

A senhora Condurier chorou muito e deu mil e quinhentos francos a seu primogenito. Depois procurou enternecer o marido, que permaneceu inquebrantavel.

— Elle ha de comer versos e voltará para casa quando tiver uma boa indigestão — replicou Condurier. — Eu não sou um monstro nem me opponho ás cousas só pelo prazer de oppôr-me. Mas é que Hypolito não tem nada de talento.

— Tu não és critico.

— Desculpa... Sei muito bem a differença que ha entre Shakespeare e um imbecil.

— Nosso filho não é um imbecil e Shakespeare não escrevia em francez.

— Tambem Hypolito.

— Tu que sabes!

— Porque devo corrigir suas cartas.

— Já que o dizes...

— Commette até erros de orthographia.

— Ora!... Tu tambem os commettes.

— Além disso, Hypolito odeia o commercio e diz que a propriedade e o roubo são a mesma cousa.

— Idéas!

Apesar da opposição paterna, o futuro literato partiu para o seu vôo. Viveu durante dois annos com uma exigua pensão que mal chegava para não morrer de fome e não dormir sob as pontes. Morava no ultimo andar de uma casa de sórdido aspecto, onde trabalhou com um irmão digno de melhor sorte. Suas ambições eram grandes. Escreveu uma novella de aventuras, um drama em verso, uma comedia, uma narrativa historica, um libretto de opereta e muitas outras cousas. Quando fracassaram todas as suas tentativas, se lançou entre os da vanguarda e fez novidades, mas não poude imitar seu pae, que as vendia.

Ninguem soube nunca a actividade que desenvolveu aquelle moço, em sua agua-furtada.

No fim dos dois annos, se considerou vencido e redigiu e mandou a seus paes a seguinte carta:

"Queridos paes: Vós tinheis razão. Volto. Segunda-feira proxima chegarei á estação, pelo trem das doze. Mandae-me o caminhão pequeno, porque levo um bahú cheio de manuscriptos, que queimarei em vossa presença para provar-vos que meu arrependimento é sincero. Espero que mamãe, para festejar a volta do filho prodigo, não matará um carneiro, mas fará uma daquellas tortas cujo sabor já perdi, por tel-o ha muito esquecido.

"Não volto somente para comer. Tenho intenção de voltar a meu logar, perto de Mazurier. Isto é, a esse logar de onde não se póde dar siquer uma olhadella á rua.

"Porei algodão nos ouvidos para não ouvir os apitos do trem, que me recordariam Paris, cidade maldita, onde tanto soffri. Ficar-vos-ia agradecido si me procurasses uma boa moça com quem me pudesse casar.

"Pouco me importa a côr de seus cabellos, comtanto que sejam longos. A unica cousa que exijo de minha futura esposa, é que não fume, não se pinte, se vista decentemente e use meias de algodão..."

Quando escrevia a palavra algodão, alguem metteu por baixo da porta uma carta... e a que dev

enviar a seus paes não chegou a seu destino.

Seis mezes depois, num theatro de segunda ordem representava sua obra *Chocotte*.

A comedia, dada no fim da temporada, teve um successo lisonjeiro e passou á America do Norte, onde teve a sorte de revelar uma *estrella*.

Um anno depois, Hypolito Condurier era millionario.

Durante os ensaios de *Chocotte* vivera com os *sandwiches* e chocolates que o director do theatro punha á disposição de seus interpretes.

Pilheriando com uns e com outros, Hypolito dava boa conta de seis *sandwiches* e dez chocolates, e isto lhe servia para quebrar o jejum, e ainda de almoço e jantar.

Na noite do ensaio geral enviou a seus interpretes, em logar de bonbons ou flores, estupendos sonetos, que lhe trouxeram uma solida reputação.

Sua ascensão foi tão rapida, que a familia mal teve tempo de informar-se della. Os seus sabiam apenas que a fortuna de Hypolito ia em augmento.

No mais, o *filho prodigo* queria preparar uma surpresa aos que lhe haviam desconhecido. E chegou uma tarde deante da casa paterna, não em omnibus, mas em um esplendido automovel guiado por um *chauffeur* de libré.

Encontrou sua mãe sozinha.

— A quem pertence esse soberbo auto? — perguntou a boa mulher. — E quem te emprestou esse traje tão elegante, meu filho?

Hypolito contou-lhe tudo. A mãe quasi desmaiou de alegria e quiz immediatamente dar a noticia ao marido. Quando este voltou do seu estabelecimento, lhe disse:

— Aqui está Hypolito!... Olha-o! Tem automovel, *chauffeur*, uma casa em Paris, com elevador e quarto de banho.... E sua fortuna passa de um milhão de francos!

— Mentira!

— Traz os titulos, tudo tudo...

— De modo que ganhou em tres annos o dobro do que eu ganhei em trinta?...

— Sim.

— E' falso!.... E si não é falso, é immoral.

E depois de dizer isto, se encerrou em um mutismo absoluto. Ninguem o tirou delle. Hypolito, na esperança de interessal-o, lhe deu detalhes acerca do emprego de sua fortuna e insinuou que poderia dedicar uma parte della ao engrandecimento da "Casa Condurier". Falou de interesses, revelou idéas novas commerciaes e dedicou um discurso impressionante á sciencia financeira.

Ao chegar a meia noite, o senhor Condurier tirou o cachimbo dos labios, e disse:

— Podes falar tambem de litteratura: não somos idiotas.

Mas Hypolito encolheu os hom-

bros. Deixava aos que se debatiam obscuramente no pantano das ganancias mediocres, aquellas bagatellas artisticas das quaes só sáe fumo.

— Appliquei a minha profissão ás regras que te serviram na tua. Eis tudo.

— Bem dizia eu que elle se parecia comtigo! — exclamou triumphalmente a mãe.

Mas o senhor Condurier não pareceu notar a lisonja. Limitou-se a esvasiar o cachimbo no cinzeiro, mover a cabeça e dar boa noite a toda a familia.

Ninguem adivinhava o que podia preoccupal-o.

O filho prodigo esperava sempre uma felicitação, e esta lhe chegou de fórma inesperada. Pela manhã, quando passava deante do quarto de seu irmão mais moço, ouviu a voz de seu pae. O senhor Condurier dizia:

— E's bastante intelligente. Por que aniquilas tua vida detrás de uma secretária para fazeres produzir trabalhosamente um capital de dez por cento, com todos os riscos do commercio e tendo que lutar com mil inimigos? Tens mesa, papel, tinta, isto é, a *materia prima*. Escreve alguma cousa, o que quizeres, comtanto que seja acceitavel para a exportação...

Aqui o senhor Condurier baixou a voz, para acrescentar:

— E posso dar-te conselhos... Parece-me que sirvo para o genero humoristico...

O que nem todos sabem

Um inventor engenhoso descobriu o meio de pôr solas de pedra no calçado. Para isso mistura certa quantidade de cola refractaria á agua com quartzo moido, e applica a composição sobre as verdadeiras solas dos sapatos. Diz elle que essas solas de pedra têm grande flexibilidade, são quasi indestructiveis e se póde andar com ellas pelas superficies mais lisas, sem perigo de escorregar.

•

Ha na India 500.000 cidades e aldeias, onde se agitam e comprimem 350 milhões de habitantes, de 2.000 castas differentes e de 50 seitas.

•

Um fabricante de conservas, de Chicago, havia observado que seus operarios trabalhavam mais depressa toda vez que um piano tocava em frente da fabrica. Fez outras provas e se convenceu de que, na verdade, nada estimula tanto um operario como a musica.

O primeiro ensaio pratico desse estimulante se fez em Canacharic, no Estado de Nova-York. Os directores da Libby Corporation de Chicago, que tinham recebido uma grande encommenda de carnes em conserva para a provisão da esquadra do Pacifico, contractaram toda uma orchestra completa, e ao som de innumeras marchas e bailados animados foram preparadas, saldadas e expedidas milhões de latas de conservas.

Um medico muito conhecido affirma que, quando se sente muito cansado, em virtude do trabalho, se refaz dessa fadiga comendo uvas, em vez de beber vinho estimulante.

•

Setenta por cento da população da Irlanda, ou sejam mais de tres milhões de habitantes, professa a religião christã.

———

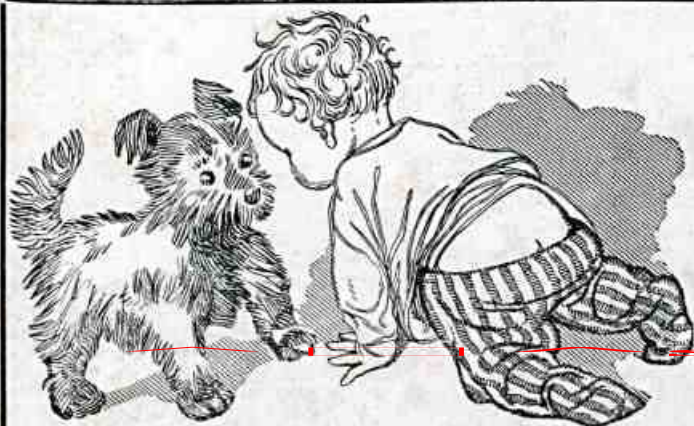
Dos dezoito milhões de automoveis que existem no mundo, os Estados Unidos da America do Norte possuem quatorze milhões.

•

Acham os metereologistas que a toda série de terremotos, quando estes occorrem na primavera, segue um verão desastroso do ponto de vista climatologico. E' indubitavel que essas grandes convulsões da terra devem affectar consideravelmente as massas de ar que envolvem o planeta, parecendo demonstral-o o facto de todas as agitações sismicas importantes observadas ultimamente terem como corollario immediato uma perturbação profunda na atmosphera.

•

A policia indigena da ilha de Java tem como principal missão a captura dos individuos atacados pelo "amok", especie de loucura furiosa que costuma accommetter os que fumam o "haschich", ou canhamo indio, impedindo-os, assim, de matar a todos os que se colloquem á sua frente. Os policias andam armados de uma especie de forquilha, com que derribam e seguram esses furiosos, que são castigados com a pena de morte, pelas leis hollandezas.

Aspecto da inauguração da Exposição de Leite e Derivados, em que se vê o sr. representante do presidente da Republica, com o ministro da Agricultura e sua comitiva, deante do interessante «stand» da Companhia Nestlé, mundialmente afamada por seus productos de alimentação infantil.

Um episodio occorrido na Calabria

POR EDOUARD DE KEYSER

ASSIM que o individuo de olhos tristes deixou a mesa, os clientes da *osteria* cochicharam, e Grivoli, que conhecia ainda todas as subtilezas da lingua, apezar de ter passado quinze annos na America, me disse:

— E' um certo Ligiuzzo, de Consenza. Elle seguiu uma atriz, aliás uma pessima actriz, razão por que veio ter a este buraco de montanha. Ella preferiu o chefe da *troupe*, e Ligiuzzo traçou sobre a cara de Ada a cruz vermelha da vingança.

— E depois?

— Ella sabe que elle se acha em Stilo, e deu aviso disso ás autoridades.

Ergueu-se e apanhou o seu largo chapéo.

— Você vem? Por muito representada que seja, a *Locandiera*, de Goldoni, sempre vale um sacrificio.

A noite cahiu bruscamente. Entre as casas muito juntas umas das outras, a estreita faixa do céo se dourava de uma poeira de estrellas.

Illuminação publica, não havia. De quando em quando, a lampada que illuminava a tasca, emittia pela janella baixa uma claridade suspeita. Uma lanterna furtiva pendia ao lado de uma porta. As velas tremiam nas capellas muraes. As sombras se dirigiam para uma villa que subia, e ao alto da qual brilhavam globos despolidos. O theatro possuia uma entrada estreita, onde uma multidão se comprimia.

Uma escada em espiral levava até o sobrado, entre paredes maculadas e contra as quaes se sujavam os vestidos.

Si um dia houvesse um incendio nessa barraca, não havia a esperança de se salvar um só espectador das galerias e dos camarotes.

— Não é o Metropolitan ou o Mahattan, disse Grivoli, introduzindo-me num *box*, cujo soalho apresentava aberturas nefastas para os pés das cadeiras.

Para falar a verdade, esta sala de espectaculo, exigua, comprida, muito baixa, era infecta e ameaçava ruina. Uma judiciosa economia não havia illuminado senão um dos seis quintetos de que se ornava a ribalta.

Quanto ao solo.... Por traz de uma balaustrada, installada ali, na esperança de uma futura orchestra, ou o medo que o publico não viesse olhar de muito perto os artistas, quatro bancos côchos esperavam os espectadores. No espaço vasio, que se seguia, passeavam os gendarmes do serviço. Em taes circumstancias, elles tinham abandonado o uniforme *gris vert* e se exhibiram em bicornio e farda negra, com botões de prata.

Em redor, se alinhavam os camarotes. Nesses enquadramentos de feira, as familias figuravam, tristemente, como jogos de massacre. A meu lado, uma burgueza, cabeça e braços nús, enfiava luvas que iam até ao punho. A sineta já havia batido tres vezes. Emfim, o panno subiu e o espetaculo começou sob os applausos frementes da platéa.

Um guarda-roupa muito restricto fornecera aos actores vestimentas que permittiam situar a *Locandiera*, em tres seculos differentes. Quanto á actriz, a unica mulher da *troupe*, havia resolvido não se caracterisar. Entre dois namorados, um dos quaes trazia o ventre *à crevés* e o outro a *toilette* de Luis XV, ella se pavoneava com um *corsage* de enfeites e bordados á ingleza e saia de dobras.

Não estava mal, muito alta e esbelta, com uma fronte baixa e um nariz pequeno, que lhe dava um ar canalha, muito raro na Calabria; mas nada nella justificava o ciume de Ligiuzzo e o seu furor homicida.

• • •

Pareceu-me, claramente, que só a actriz é quem apaixonava os espectadores.

Acclamavam as suas mais simples palavras, encorajavam os seus jogos de scena pueris. Elles sabiam agradecer-lhe o desempenho de um papel importante, porque, para elles, a verdadeira peça era a *Locandiera*, mas o drama que se desenrolava no cerebro dessa mulher, o espanto que procurava esconder, e embrulhava a sua voz, immobilizava o seu rosto e gelava o riso sobre os seus labios avermelhados.

Elles sabiam que o perigo não a espreitava, senão quando ella entrasse no hotel, ou no dia seguinte, quando descesse em auto-carro para a estrada de ferro da costa.

A vingança exige uma *mise-en-scène*. Si se trata de um asssassinio, faz-se ostentação. Matar aquella que se ama, está direito; mas matal-a deante de cem pessôas, posando de gladiador, dobra o valor do gesto.

Com o binoculo, eu via a desgraçada fremir, toda vez que uma porta de scena batia. Ella não podia evitar um gesto de recuo, quando um ruido subia da sala.

Entretanto o panno baixára duas vezes. Durante os intervallos, os artistas vigiavam, com a faca na mão, deante do seu camarim. O ultimo acto se desenrolou sem incidente e, confesso, tinha o coração menos agitado, no meu peito.... Sim. O espanto dessa mulher me havia dominado.... E outros, estou certo, sentiam a mesma coisa.

Quando estava só em scena, dizia as suas tiradas como um automato. Nesse momento, devia apparecer aquelle que desempenhava o papel de creado. Ella o chamou, voltada para o lado do jardim.

A porta se abriu brutalmente. A actriz soltou um grito de animal que sente a faca do carniceiro lhe ferir a garganta.

No logar do creado, entrava Ligiuzzo.

Como teria elle chegado até lá? Onde se teria elle escondido, durante a representação?

O pavor havia paralysado a sala. Mas os carabineiros se lançavam para o homem. Não tiveram tempo de intervir. Num gesto sinistro, traçando um circulo de morte, Ligiuzzo lançava em torno a si e da desgraçada o conteúdo de um *bidon* de petroleo inflammado.

As linguas de fogo attingiram o scenario, o panno, o *manteau* de arlequim, feito em papel. Antes mesmo que se elevasse o tremendo clamor da multidão, a scena já era uma fogueira infernal, no meio da qual o homem sustentava a sua victima abrazada.

Grivoli e eu nada podiamos fazer. A confusão da platéa nos pregava no logar onde estavamos, e eu não sabia de que maneira sairiamos vivos daquella aventura. Através a fumaça que nos suffocava, vi um carabineiro saltar sobre o palco, atirar-se ás chammas e abater o incendiario com um tiro de pistola.

Como póde elle atirar a actriz para fóra da fornalha? Como foi que nos achamos na rua? Não saberia explical-o. Desta vez, a Providencia havia sido justa: só o culpado é que fôra punido. O actor que elle ferira com um golpe de punhal nas côxas foi soccorrido a tempo e permaneceu algumas semanas no hospital.

Quanto á actriz, soube, um mez depois, que abandonára o theatro, onde aliás, não tinha nenhuma probabilidade de brilhar, e havia dado a sua mão ao carabineiro que a salvára da morte.

EXIJA-OS NO SEU CALÇADO
Pelo estylo, elegancia e conforto os Saltos de Borracha Goodyear Wingfoot são preferidos por milhões de pessoas.
Fabricados com borracha viva, acolchoam e tornam prasenteiro o andar.
GOODYEAR

GOODYEAR

O lindo "Tom-pouce"

De WHIP

EU havia dito á minha cara metade:

— Querida, esta tarde está muito quente. Desde manhã, respiro poeira, misturada com horriveis microbios; transpirei nos omnibus, abafei no *metro*, incommodado com a canicula prematura, que tem feito soffrer, egualmente, si bem que tenhas soffrido metade do que eu. Faço esta proposta: si o dia foi canicular, o seu crepusculo será ideal e sereno, fretemos um vehiculo automotor e façamos conduzil-o á porta da Dauphine... De lá, subiremos a avenida do Bois; sentaremos nas cadeiras de ferro e, embevecidos contemplação do céo opalino, e de revigorantes perfumes, das arvores aromaticas, exhalaremos no ambiente acolhedor o superfluo das calorias armazenadas durante o dia.

— Falas muto bem, meu amigo, replicou a minha cara metade; e eu acceito a tua alentadora proposta... Mas si queres que a minha felicidade seja completa, levemos a mamãe.

A mãe da minha cara metade, além de uma barba muito espessa e de um caracter abominavel, é titular de proporções cubicas que tornam o seu contacto penoso em um taxi.

Apparentei uma physionomia terrivel, que impediu a minha cara metade de insistir... E vinte minutos depois, estavamos confortavelmente installados sob o céo opalino, previsto no excellente programma.

Para falar a verdade, havia ainda alguma poeira fluctuando no ar da tarde e os revigorantes perfumes das arvores tinham sido levados para longe de nós, pelo vento da manhã, que havia, manifestamente, passado sobre as usinas de Pautin... Mas havia uma compensação, dada a natureza das alegrias, que pode dispensar uma cadeira de ferro, alugada por quarenta centimos.

* * *

Uma dama estava sentada ao nosso lado. Uma linda e joven dama, muito elegante, cujos anneis scintillavam como estrellas e que, em meia hora, se empoou onze vezes. (Minha cara metade diz que foram doze vezes, mas eu creio que ella exaggerou...)

Quando a formosa dama percebeu que tinha muito pó nas suas faces, levantou-se e partiu.

— Ahi está! Ella esqueceu o seu guarda-chuva... disse a minha cara metade, um minuto depois.

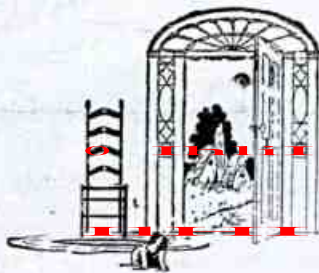
Com effeito, um pequeno guarda-chuva havia ficado no *fauteuil* vasio.

Minha mulher apoderou-se delle e mirou-o como conhecedora que era da materia.

— E' de sêda, declarou ella. De bella sêda azul. E o cabo é de marfim. E' um magnifico guarda-chuva da especie chamada *tom-pouce*. A pobre senhora vae ficar pezarosa de havel-o perdido.

— E' provavel, respondi... Mas que fazer? Deixal-o onde a dona o esqueceu? Elle seria apanhado por qualquer outra pessôa. Esperemos um pouco. Talvez a dama venha procural-o.

— Mas é que... começa a esfriar, meu amigo. E' melhor voltarmos para casa...

Attendi o desejo della. E minha esposa trouxe comsigo o guarda-chuva da dama do pó de arroz.

Minha sogra ainda não estava deitada.

— Olha, disse a filha, o bello guarda-chuva que uma senhora esqueceu ao nosso lado, na avenida de Bois. Uma bella dama cheia de joias e que poz pó de arroz doze vezes.

— Espero que amanhã irás levar o guarda-chuva á secção de objectos perdidos...

— Mas mamãe...

— Não ha "mamãe, nem meia mamãe"... Esse guarda-chuva é soberbo: sêda azul, cabo de marfim... Vale no minimo duzentos francos. Exijo que minha filha seja uma joven honesta, como sua mãe. Levarás, pois, amanhã, o guarda-chuva á prefeitura de policia..., ou eu te abandono para sempre.

Essa ultima ameaça era seductora. Mas a moralidade da ordem era indiscutivel.

A minha terna cara metade soltou um suspiro... E no dia seguinte, de manhã, levou o guarda-chuva á prefeitura.

A' noite, qual não foi a nossa surpreza, ao vêr a mãe da minha cara metade chegar á casa, trazendo, deitado nos braços, o *tom-pouce* de sêda azul e de cabo de marfim.

— Perfeitamente, é elle, declarou-nos, peremptoria... Eu o conhecia, eu sabia onde elle fôra esquecido e a que hora. Pude explicar tudo isso dizendo que fôra eu quem o perdera. E m'o entregaram. Agora elle é meu.

— Oh, mamãe!

— Que? Essa dama possuia anneis e trazia os dedos cheios delles, não é assim? Poz doze vezes...

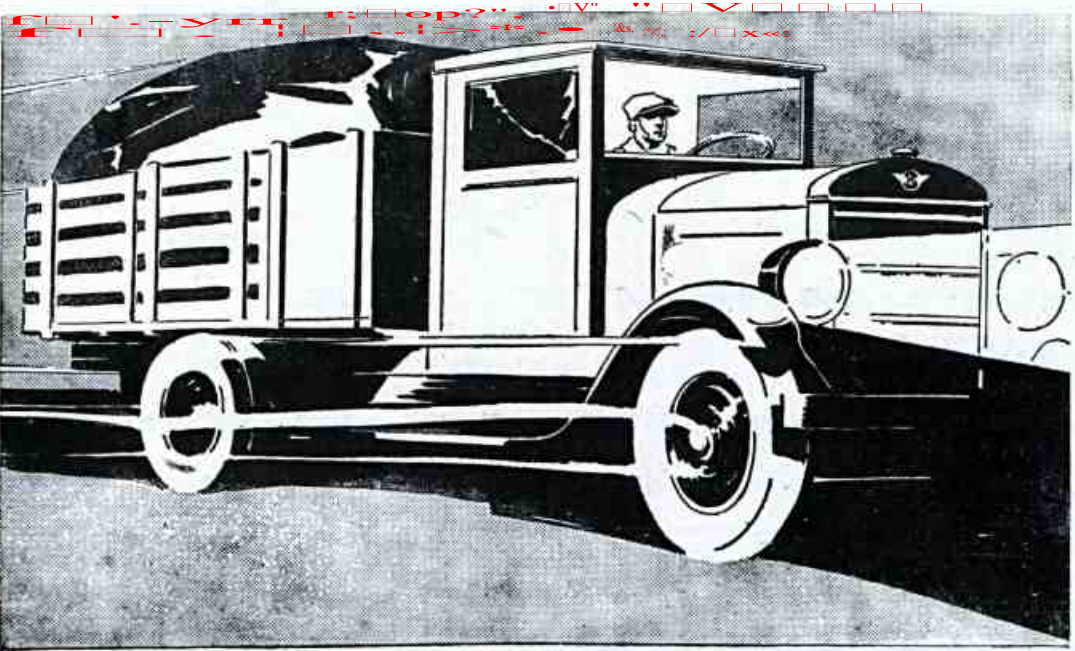
— Onze...

— Doze vezes poz o pó de arroz. E' prova de que é muito rica. Poderia facilmente comprar um outro, mais bonito ainda. Mas não foi só por isso que eu decidi a ficar com elle...

— Que foi mais?

— Foi, sobretudo, isso: essa joven dama saira só. Certamente havia deixado a sua mãe em casa, o que é uma grosseria de filha desnaturada... E as filhas desnaturadas que vão ao Bois, á tarde, sem levar a sua mãe, não merecem que lhes dê o guarda-chuva...

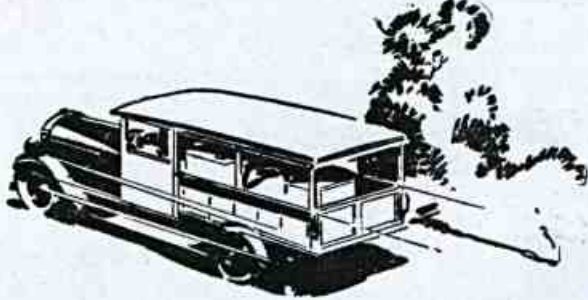
...Não tive tempo senão de estender o braço para amparar a minha cara metade, que ia desmaiar...

CAMINHÕES "SPEED WAGON" PARA 93% DOS REQUISITOS DE TRANSPORTE

OS novos caminhões «Speed Wagon», fabricados pela REO foram de tal fórma melhorados que supprem a 93 % dos requisitos de transporte, quer se trate de passageiros, quer de mercadorias.

Os caminhões «Speed Wagon», são construidos em chassis de 13 tamanhos, com capacidade de carga de 1/2 tonelada, 1 tonelada, 1 1/2 toneladas, 2 toneladas e 3 toneladas.

A diversidade de caixas e carrosserias comprehende os varios typos de omnibus e os desenhos especiaes necessarios para adaptarem-se á quasi totalidade dos requisitos commerciaes.

Produzidos por um dos fabricantes independentes mais antigos e mais prosperos d'esta industria, os ultimos modelos de omnibus e caminhões REO têm provado plenamente a sua capacidade para transportar mais carga util diariamente, devido ao baixo custo do seu accionamento, inspirando, d'esta fórma, mais confiança do que nunca.

REO são as iniciaes de Ransom E. Olds, um dos pioneiros da industria automobilistica, um dos fundadores da REO MOTOR CAR COMPANY e actualmente presidente da directoria da dita firma.

Distribuidores para o Sul e Centro do Brasil
S. A. IMPORTADORA DE AUTOMOVEIS
Alameda Cleveland, 49-53 — S. Paulo

Agentes autorizados
SERGIO PEREIRA & CIA.
Rua Mariz e Barros, 338 — Rio de Janeiro

A sem-razão dos anti-divorcistas

Por MAX MONTEIRO

O divorcio perturba, actualmnte, a mentalidade dos nossos dirigentes.

De tempo em tempo, discute-se no Senado, na imprensa, por todo canto, a sua adaptação ao nosso meio.

A opinião publica, como sempre, divide-se em duas correntes.

A maioria anda alvoraçada com a lei da separação de conjuges, invocando os sagrados canones, o auxilio da Egreja. Allegam os anti-divorcistas que a introducção do divorcio no Brasil virá promover a dissolução da familia.

Acho que não.

Ao contrario, será taboa de salvação a muita gente.

Vejamos porque: supponhamos que um casal vive em completa desharmonia.

O marido obrigado a tolerar a mulher. E vice-versa.

Os genios não se combinam.

Os temperamentos divergem.

Brigam como gato e cachorro. Querem separar-se.

Mas o laço do casamento, á falta da thesoura do divorcio, contiúa apertado, bem apertado, com nó cego.

Que fazem os dois?

A esposa foge de casa.

O marido, desgostoso, entrega-se á bebedeira.

Os filhos, sem carinhos paternos, educam-se nas ruas.

Que fica?

Um lar desfeito. E, dentro delle, a desgraça cantando os funeraes do amôr.

Se houvesse o divorcio — o melhor medicamento da therapeutica social, para taes casos — ambos procurariam a bonança, amparados pela lei e não deixariam os seus rebentos á mercê do destino. Procurariam corações que os soubessem comprehender, novos amores, novas felicidades, nova vida. Construiriam outros lares, no necessario afan da perpetuação da especie. Foi o "laço indissoluvel", porém, que evitou essa ventura, que consummou esse infortunio.

Creio que o divorcio é necessario.

Não ha razão, não existe motivo justo para dizer-se que elle vem desfazer lares. Verdade é, entretanto, que muitos abuzariam delle.

Não vale nada, porque, tambem, muitos abusam do casamento...

Ademais, o divorcio não obriga ninguem a pedil-o. Só se separa quem quer.

Aquelle que estiver bem com a companheira, que viva eternamente feliz, sem cuidado, sem receio, que o divorcio não lhe irá perturbar o idyllio...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Quero dar-te, belleza um presente de escol
Que symbolise o Odor, a Saude, a Pureza
E a Economia emfim, que queres tu, belleza?
— Eu quero, meu amor, sabonete EUCALOL.

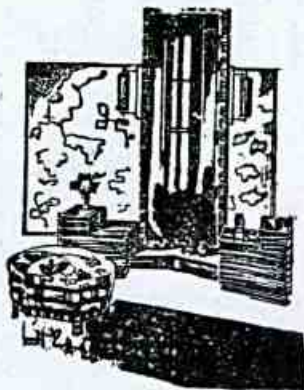
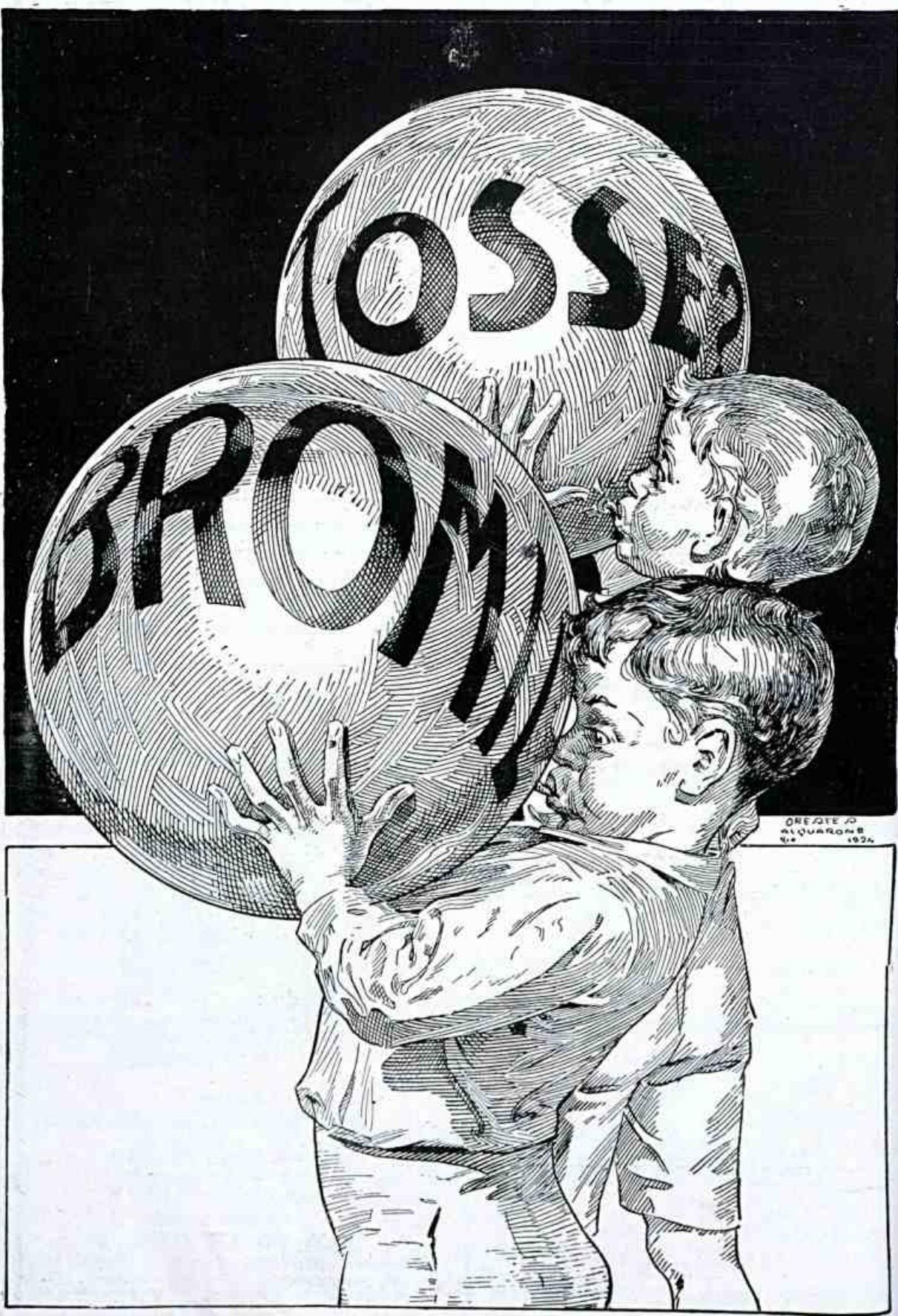
José Maria Dias.

Rua João Pereira 24 — Lapa — S. Paulo.

TOSSES?
BROM

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 43

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1929

Lucette, a flor dos jardins lunares...

No mortuario silencio da alcova em desalinho, o gemido longo de Lucette fez a pobre senhora acordar.

— Mamãe...

A triste enfermeira ergueu-se do canapé, e approximou-se do alvo leito da filha.

— Meu amorzinho...

— Que horas são, mamãe?

— Uma hora da madrugada. Quer tomar o remedio?

— Não vale a pena...

Muito esguia, muito branca, os olhos encovados na orla das olheiras côr de violeta, a pequena enferma agitou-se.

Anciou, inquieta e afflicta. Retorceu os braços frageis, que emergiam das mangas amplas da camisola. A sua cabeça, cujos cabellos castanho-escuros se empastavam, como uma escura massa de sêda, rolava de um lado para o outro. As faces rubras denunciavam a marcha progressiva da febre, e a inquietação da pequena confirmava a gravidade da molestia, a sua angustia e a approximação da agonia...

— Mamãe... — gemeu de novo a adolescente, numa voz entrecortada de dôr. — Mamãe...

A senhora debruçou-se de manso sobre a cabeceira da enferma.

— Descance, minha filha. Veja si dorme... Você está muito agitada... Durma, sim, meu amor?

Os olhos tristes de Lucette, onde a flamma da vida se extinguia, se apagava como uma estrella na bruma escura de uma noite de tempestade, rolavam, dentro das orbitas constelladas de lagrimas.

— Mamãesinha, abra a janella. Quero ver o luar...

— Veja se dorme, meu anjo.

— Abra a janella, mamãe... Quero ver o luar pela ultima vez... Deixe que elle entre no quarto. Olhe, repare, mamãe... Como a noite está branca... E' o effeito do luar... Parece que ha neve a cahir no jardim, por traz da vidraça... Ao menos abra mais a cortina...

A senhora abre a janella e as diaphaneidades da luz se derramam no interior da alcova, do aposento cheio de melancolia e gemidos, como si fossem a alma visivel de um perfume nocturno, de um perfume da luz...

— Assim, mamãe... Assim... E' tão bom ver o luar!... Como eu o adoro! Elle parece feito de rosas brancas... Deve haver muitos jardins dentro da lua... Não é? Ah! como é fino e transparente o luar de junho!

Uma pausa. A mãe, carinhosamente, afaga-lhe os cabellos revoltos. E a enferma:

— Lembra-se, mamãe? Quando eu estava no collegio, gostava tanto de dizer os versos de D'Annunzio... Como são mesmo? Ah, sim, espere... Já estava esquecida... Eram assim...

Dormono l'acque nell plenilunio
di giugno... di giugno...

Ah, não me lembro do resto... O luar... Mamãe, mamãe... Eu sei que vou morrer... E tenho a impressão de que a minha alma irá viver nos jardins nevados da lua... Quem sabe? Talvez vá ser uma flor desses jardins lunares...

Um accesso de tosse cortou a exaltação das suas palavras.

— Descance, minha filha, descance... Você não morrerá. Isso é effeito da febre. E' um delirio que ha de passar. Está fraquinha... Ha tres noites não dorme. Agasalhe-se... Vou fechar a janella, sim? Olhe, você já está tossindo demais. Não fale mais. Vamos tomar a sua poção...

— Não, não, mamãe! Deixe que o luar entre... Que horas são? Duas da manhã? Olhe, ás tres, mamãe, não serei mais deste mundo... Você perderá a sua Lucette... Ah, que frio! E' o frio da morte... Veja, veja, mamãe, estou gelada! Será que já pertenço mais ao luar que á terra? Mamãesinha! Que tem? Sente-se aqui, junto a mim, junto á sua filha..., está chorando? Não, não chore! Olhe, quando eu morrer, você me verá nas claras noites de lua... Eu a verei de lá... Você me enviará os seus beijos ternos, e eu... Ah, não posso mais! Está chegando a hora... Que frio horrivel! O relogio está batendo duas pancadas... Só me resta uma. Mamãe! Mamãe! Já não vejo nada... Onde está você? Mamãe!... Mamãesinha... Mamãe-sinhá!...

Desesperada, soluçando, a pobre senhora se atira sobre o corpo da filha. A pallidez da pequena tuberculosa está mais impressionante... Fria, fria, os seus membros se enrijam, de repente. As unhas se lhe arroxeam. Duas e meia! O coração da enfermeira palpita — mas desordenado, já sem energia, num desanimo...

... ...

Agora, todas as noites de lua, a pobre mulher, a mãe de Lucette, parece mais um fantasma, preso alli á grade do hospicio, a enviar beijos ao astro branco e gelado — beijos que ella suppõe correspondidos pela filha, na tristeza fria da luz lunar...

BASTOS PORTELLA

No Pharol de Mucuripe

NAQUELLE declinar de um dia de outomno, eu fui visitar o Pharol de Mucuripe, que na distancia se desenhava altaneiro e solitario.

Queria dar aos meus olhos sofregos o espectaculo de largos horizontes e panoramas infinitos...

Logo de longe, fomos encontrando enormes pedras e, após a ingreme subida, podemos alcançal-o rodeado de pedras e cascalho. Si bilhão fazendo-o cantar, junto á sua fronte scismadora e silenciosa, as symphonias barbaras de sua orchestra descommunal. Rodeado por pedras que se mostram asperas e hostis, elle as despreza e, altivo, mudo e orgulhoso, sonha e brilha, melancolico e sobranceiro...

de longe elle nos parece uma véla accesa que illumina os horizontes fluctuantes, na extremidade de alvo braço de areia que domina o mar, de perto se nos afigura um ente humano, solitario, sonhando sózinho o seu sonho, sem pedir auxilio ou carinho, distribuindo indistinctamente a sua luz. Philantropia? Talvez, talvez indifferença e orgulho, tão sómente para mostrar o quanto vale e o quanto é necessario, mas tendo uma grande, immensa e humana indifferença por todas as miserias humanas.

Que mais póde desejar o velho Pharol? Tem sobre si o velario dos astros; goza a volupia sem par do silencio das alturas; ouve a litania das aguas revoltas.

O vento canta, para seu deleite, as mais bellas endeixas; o mar veste-se, para agradal-o, de mil côres cambiantes que lhe empresta o arrebol; ouve o silencio da noite e "a gargalhada lyrica da aurora", prende o furacão que passa em tur-

Entretanto, é de nostalgia a impressão que deixa em nossa alma o seu contacto. Quando o visitei, á tarde rosea sobre a verde planicie marinha era de uma simpleza de ecloga; doce serenidade exhalava o campo que confronta o mar; o vento dizia versos de Theocrito e Virgilio; as ondas eram pastores da Arcadia. Mas uma sombra de tristeza veio debruçar-se, despotica, imperiosa, sobre minh'alma — influencia, talvez, daquella côr lilaz, que, absorvendo completamente o roseo que banhava tudo, veio des-

O directorio academico da Escola Polytechnica realizou na penultima quinta-feira a festa annual de seus athletas. Foi uma «soirée» dançante que teve grande brilho mundano.

Cancioneiro do amor ausente

De Monteiro Teixeira

Primavera, alegria!
Vinho morno de seiva em amphoras de rosas
Nos jardins da cidade...
A tarde musical desce toda envolvida
Em gazes frescas e luminosas...
Cantam victrolas... Sambas creoulos... Alacridade!
Primavera, alegria!
Por que sinto no olhar tanta melancolia?

A tarde musical desce toda vestida
De tule gris, ouro pallido e rosas...
Na orchestra dos cafés o delirio fluctúa...
Por que, para mim, cidade,
Só para minh'alma, ó rua,
E's, agora, a canção solitaria e commovida,
O transito vago e melodioso da saudade!

cendo e se espalhando sobre todas as cousas, cobrindo desse matiz o céo e o mar, quaes dois immensos jardins que se defrontassem cobertos de violetas!

Cahiu a noite, e com ella o silencio...

Quando regressei, sob a noite plena de astros, voltei-me para vêl-o ainda, e foi então que elle me appareceu em sua feição exacta e verdadeira: — estranho monstro preso, acorrentado pelo mar, e qual Cyclope monstruoso, com o seu olho enorme devassando o horizonte insensivel e indifferente, á espreita de uma salvação que nunca virá!

. . . .

Triste e orgulhoso Pharol de Mucuripe!

Jamais sobre o teu chão se projectou mais angustiado perfil que o da visitante tardia que, naquelle declinar de um dia de Outomno, acolheste em teu dorso para vêr morrer o sol!...

Suzana de Alencar Guimarães.

A festa dos alumnos da Escola Polytechnica, que se realizou nos salões do Club dos Bandeirantes, quinta-feira penultima, reuniu galantes figurinhas da «élite» carioca.

Primavera, alegria!
Ha studios de flôr nos jardins da cidade...
Delicados pinceis de invisiveis artistas,
Com tintas fortes e manchas rubras, retocando
Pelas alfas verdes, mis-en-scènes vegetaes...

Por que trago a emoção de um pintor evocando
Céos de violeta, paizagens, sébes de amethistas,
Crepusculos do outumno e florações sentimentaes?

Primavera, alegria!
Uma bocca de fauno aberta em cada rosa ardente...
Na orchestra dos cafés o delirio fluctua...
Gemem allucinações de occultos beijos pela rua...

Primavera, alegria!
Paradoxalmente,
Só eu trago no olhar esta melancolia,
Esta angustia do amor quando se fica ausente...

FILIGRANAS

Ninguem tinha cuidados, até certo tempo, em França, com o rio Ducrat. Nem os mappas nem as chorographias o mencionavam. Houve um dia, porém, em que elle resolveu transbordar e inundou grandes regiões vizinhas, causando prejuizos terriveis. Logo o governo se alarmou. Engenheiros o estudaram e o canalizaram, regulando seu curso, dotando de melhoramentos as terras que banhava.

Na vida, sigamos o exemplo do rio francês. Nada de tranquillidade somnolenta no leito. E' agir e é sobretudo fazer mal o que obriga os outros a nos ligarem a importancia que merecemos...

FILIGRANAS

Caminho lentamente ao longo da praia escura, enterrando os pés na areia molle e fina. Caminho para cansar-me e, assim, tranquillizar, sob o peso da fadiga physica, o alvoroço moral que me agita a alma. Ando, ando, ando e, emfim, sento-me num banco deserto. Ninguem avisto. A solidão envolve-me por todos os lados. E os meus ouvidos apurados unicamente escutam a conversa do mar dentro da treva...

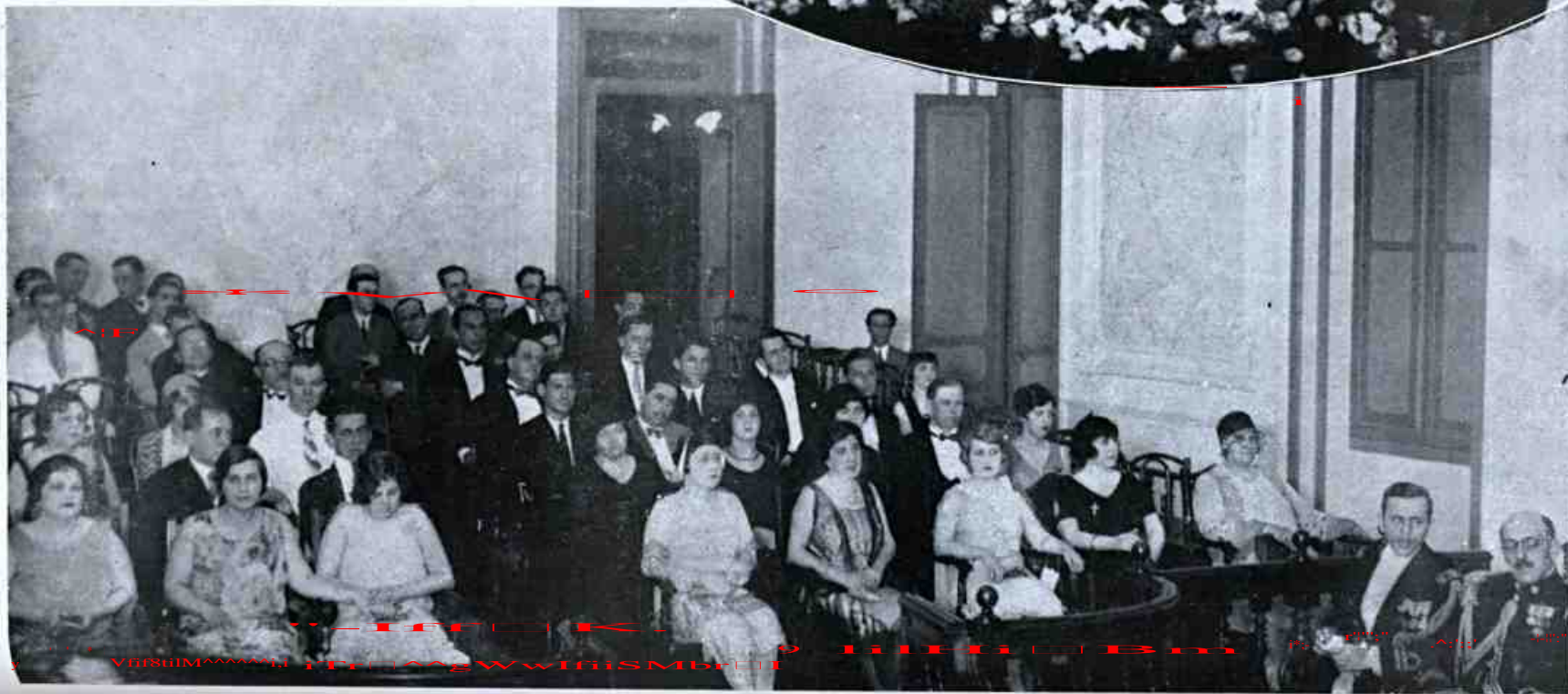
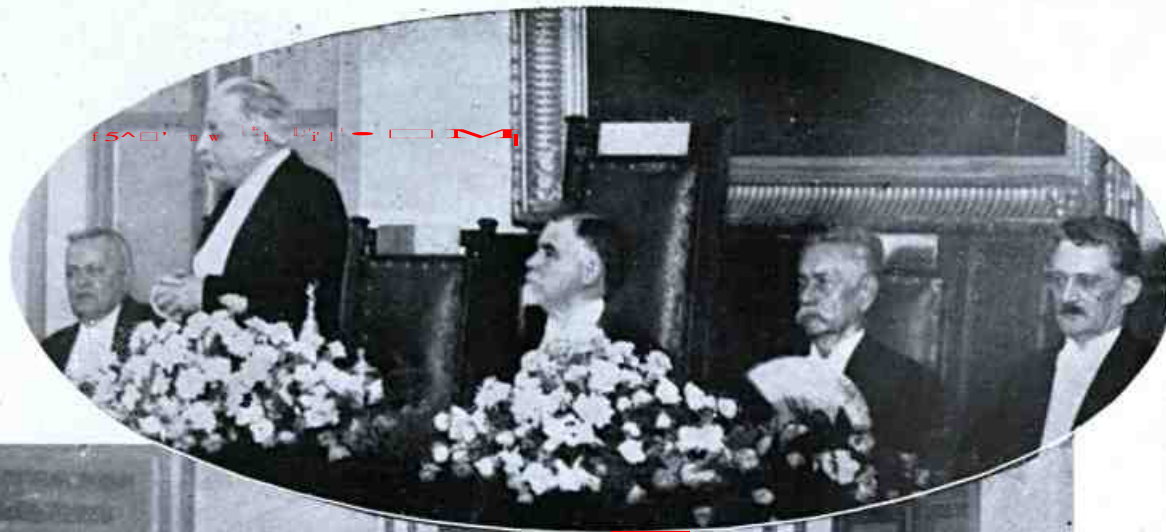
Eu quizera ter a estranha faculdade do Salomão das lendas orientaes, para entender as vozes dos bichos e o sussurro das coisas da natureza. Porque a minha dôr era tão grande que decerto o mar falava de mim...

FILIGRANAS

Dizem observações medicas feitas na Europa e nos Estados Unidos que os homens que trabalham nas refinações de petroleo são os mais sadios do mundo. Porque são, na verdade, maravilhosos os effeitos curativos e desinfectantes dos vapores do petroleo.

Essa riqueza, hoje mais cobiçada na terra do que o oiro nos tempos idos, é, em verdade, assombrosa de qualquer ponto de vista que seja encarada. E os seus effeitos são mais salutares na economia dos paizes pobres do que para os olhos, a garganta ou o pulmão dos seus habitantes...

* * *

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro realizou, segunda-feira á noite, uma sessão magna para commemorar o 91.º anniversario de sua fundação. Presidiu á solennidade o dr. Washington Luis, que é o presidente honorario do Instituto. Estão ahi dois detalhes dessa cerimonia, vendo-se a mesa e parte da assistência.

E VANIDADE...

A VIDA

A vida é cheia de imprevistos. Ou melhor — a vida é uma cadeia de surprezas. Mesmo para aquelles, cujo espirito burguez não dá ensejo a que ella, a vida, lhe possa offerecer uma impressão nova e inesperada.

E talvez por isso é que a existencia ainda vale a pena de ser vivida. Sem a emoção das surprezas, sem o choque que os imprevistos nos possam causar, o nosso viver é vazio como um jarro sem flôres e estupido como uma pedra inutil, encontrada á margem de uma estrada florida...

Tenhamos em conta que a vida é muito breve. Não é, no dizer de Shakespeare, senão "uma passagem para chegar á eternidade." E essa passagem deve ser intensa e vibrante. Vibrante pelas suas alegrias, ou tristezas; vibrante pelas suas vicissitudes ou fortunas; vibrante pelos seus triumphos ou fracassos, pelas suas quédas ou ascenções.

O prazer, como o soffrimento, inclusive o amor, deve ser o objectivo da vida.

MLLE. Cecy Cardoso, filha do deputado Clodomir Cardoso, é uma galante figurinha da nossa sociedade.

E' interessante o que diz Anatole France a respeito. O genial ironista, nesse particular, vae além. Diz elle que si fizesse os homens e as mulheres, não os formaria á semelhança dos simios, como de facto elles são; fal-os-ia "à l'image des insectes qui, après avoir vécu chenilles, se transforment en papillons et n'ont, au terme de leur vie, d'autre souci que d'aimer et d'être beaux".

Numa palavra: o mestre quer a vida para que ella seja gosada. Mas como dizia, ella não póde ser comprehendida sem a violencia das surprezas, que constituem a sua razão de ser...

Ao chegar até aqui, quero perguntar-me porque motivo é que faço essas considerações? A que proposito vieram ellas a esta chroniqueta?

Justamente para illustrar a minha these: a vida é uma cadeia de imprevistos. E, muitas vezes, esses imprevistos são tão agradaveis que a vida seria uma fonte de encantos e maravilhas, si elles se repetissem a cada passo...

* * *

Vejamos... Hoje eu estava sem assumpto. Pensava em descompôr a vida — accusando-a de brutal e insipida. Chego á minha estante. Apanho um livro ao acaso: "Tierra de encanto y maravilla", F. Villaespesa. Esse livro, que é presente de uma mulher bonita, traz uma capa de papel e uma data expressiva: 1926. Está comigo ha seis annos. De repente, o volume me cáe das mãos. A cobertura de papel que o reveste se desfaz. De sob essa capa me sáe este soneto de amor:

TU

Quantas vezes, na minha ardente phantasia,
Senti acariciar-me a luz do teu olhar;
Quantas vezes, fitando os astros, eu ouvia,
No silencio da noite, a tua voz me chamar;

E tanto em ti pensava, e em toda a parte via,
Qualquer cousa que em ti me fizesse pensar,
Que, sem te ver jamais, eu já te conhecia,
De um sonho, que passei, toda a vida, a sonhar.

E agora que tu vens, — minha alma enamorada,
(Querendo te offertar uma digna pousada,)
As grades de sua cella abre, de par em par...

De rosas junca o chão... e de joelhos escreve
O teu nome tão lindo, o teu nome tão breve,
Com letras de ouro, sobre o marmore do altar!

COLOMBINA.

Não ha duvida: a vida vale pelas suas surprezas...

CHARLA — Os senhores podem achar que o telephone é um martyrio. Sim, é muito desagradavel pedir uma ligação e a telephonista não dar importancia ao assignante. O telephone é, assim, um martyrio moderno. Mas ha martyrio peor: é o "trote". E' o trote que tanto depende do apparelho de communicação auditiva.

Conhecem os srs. essa estopada? Si não conhecem, devem julgar se felizes.

Imaginem... Está um cavalheiro sentado á sua banca de trabalho. Na redacção o movimento é febril! Ha uma necessidade premente de se produzir. As machinas, Molochs de typos, estão de fauces abertas, á espera das tiras de papel que vamos enchendo. O chefe das officinas, não tem senão este estribilho: "Seu Y..., estou precisando de materia. A sua secção está atrazada."

A gente põe o motor do cerebro a trabalhar. Sim, porque para escrever vertiginosamente só transformando a cabeça em motor e o pensamento em força motriz.

Mas, como dizia, está a gente trabalhando, seguindo o curso das suas idéas, quando o telephone nos chama.

— Allô, quem fala? E' o sr. Y...?

A voz é de mulher. Respondemos:

— Sim. Sou eu mesmo. A's suas ordens. Que deseja?

— Nada!

— Nada?

— Quero ouvir a sua voz.

Desligamos. Dahi a momentos, vem outra.

— Allô? E' o sr. Y...?

— Perfeitamente.

— Olhe, quem fala aqui é a "Dama Mysteriosa"...

— Muito bem. Em que lhe posso ser util?

— Queria dizer-lhe apenas que o sr. é muito máo...

— Máo, por que, minha senhora?

— Porque fala mal de nós mulheres...

E' claro que somos forçados a desligar o apparelho, afim de continuar o serviço interrompido.

Mas julgam que a praga terminou? Qual nada!

Meia hora depois, chega outra:

— Sabe? O sr. é duro de coração.

— Por que?

— Porque metteu a minha poesia na cesta.

E energica:

— Isso não se faz com uma moça. Ainda se fosse um homem...

E desfia um rosario de desaforo. Acha que temos a obrigação de amparar os "novos" (ou as "novas"... *vieilles filles?*) O nosso dever é corrigir os defeitos literarios das suas producções.

E palram, palram, amolam os nossos ouvidos...

E quando perguntamos:

"Que lucro temos nós em servir de mentores literarios de pessoas a quem não conhecemos?", ellas, as troteadoras, respondem com a maior convicção: "Conquistar uma admiradora"...

Francamente, os srs. precisam passar um dia numa redacção de revista. E depois conversaremos...

OS HOMENS... AS MULHERES — De Yves — O amor...

— Não, Mlle. Cléo, por favor, mudemos de assumpto. Caramba! E' só em que ouço falar — no amor! Parece que no Rio só ha duas preoccupações dominantes: o dinheiro e o amor.

— Ih! Como o sr. está hoje neurasthenico!... E então? Que quer o sr.? Para que havemos de viver nesta maravilhosa cidade, cercados de tão grandes maravilhas da natureza? O nosso pensamento dominante não póde ser senão o dinheiro que produz o prazer, e o amor que sublima a vida.

Resmunguei:

— O amor que sublima a vida... Uma phrase! Mas é falsa. O amor!... O amor infernaliza a vida. Isto sim!

— Então o sr. nunca amou.

— E' justamente por ter amado muito que hoje maldigo o amor.

— O sr. é paradoxal.

— Sou talvez um pouco philosopho.

— Philosopho? Chi! O sr. chama a isso philosophia? Então desculpe, doutor, o sr. está mal, quinho da Silva...

Quando menos esperavam o photographo...

. . .

— E' possivel que esteja maluco. Mas, maluco por causa de vocês, mulheres... Pretendo curar-me de uma vez...

Mlle. Cléo fitou longe o vôo sereno das gaivotas sobre a movimentação constante do mar. As ondas vinham quebrar-se perto de nós, naquelle marulho evocativo das aguas do oceano — e que tanta poesia derrama nas almas contemplativas. O azul do céo era doce como um beijo. Em torno havia o borborinho da gente "chic," dos banhistas alegres. Sentado ao lado de Cléo, cerrava os olhos para evitar a luz forte do sol.

é patenteal-a mais uma vez. Exaggeral-a — nunca!

— Estou gostando da sua tirada literaria.

— As tiradas literarias hoje são privilegio das *bas bleus*...

— Isso é commigo?

— E' com as suas collegas.

— As *bas bleus*?

Atrapalhei-me:

— Não... As suas collegas... de... sexo...

— Máo! Perverso! E tudo por causa do amor. Teve já alguma decepção? Alguma das suas predilectas já lhe mentiu?

— Ellas não podem decepcionar, no terreno da mentira, porque dellas é

suas leis proprias. Cada um nasce, cresce e morre de modo differente. E muitas vezes, de maneiras oppostas.

— Bonito!

— Bonito, como theoria. Como pratica...

— Que tem?

— E' um inferno... um inferno... por cima do qual ha sempre a imagem de um anjo: a mulher!...

FARPAS — Dr. Yves — Eu móro defronte a uma sociedade dançante. Não é a mim só que esse desastre acontece. Conheço muito sujeito infeliz que soffre o desespero de passar uma noite em

As pequenas, grudadas aos almofadinhas, rodam e tremelicam na sala, que é uma belleza deslumbrante.

Então, á medida que ellas vão passando, eu classifico, de accordo com uma z o o l o g i a comparada...

Aquella é a *raposa* de *La Fontaine*. Passa outra, cheia de tiras e babados. Sabem que é? E' a senhorita *Feira Livre*. A sua vizinha, com aquella toilette vermelha, escandalosamente decotada, é *D. Sapéca*.

Uma que está de amarello, que nome deve receber? — *Canario belga*. E aquella dos cabellos oxygenados? — *Gemma de ovo*.

A de verde, e de nariz torto, é Mlle. *Periquito*

Nova geração... Ou quando a vida começa...

Ella embicou o chapéo largo, de palha. Sob a sombra macia, o seu rosto, que se concentrára, abriu-se, illuminou-se de novo, num sorriso, emquanto as suas mãos rosadas brincavam com a areia dourada. Disse Cléo, num repente:

— Pretende curar-se do amor?

E antes que lhe respondesse:

— Quer dizer com isso que não amará mais...

— Para que? Si as mulheres não nos entendem... não acreditam em nossa sinceridade...

— Mas o sr. exaggéra...

— Frizar uma verdade

só o que se póde esperar.

E ajuntei:

— Ellas são a propria mentira.

— Como o sr. é cruel!

— Póde ser. Mas tudo isso que affirmo, é perfeitamente razoavel. Não pretendo defender os homens, nem accusar as mulheres...

— E por que então tem taes idéas a proposito do amor?

— Porque penso como Etienne Rey...

— Etienne Rey, o pensador francez? Que diz elle?

— Diz que o amor do homem nada tem de commum com o da mulher. Cada um delles tem as

claro, ouvindo o *jazz* berrar *foxs* e sambas:

Olha a pomba...
Olha a pomba...

Ou então:

"*Seu*" *Julinho vem*...

Ora, como eu não vou aos bailes do tal club recreativo, o que faço é ficar em vigilia, a acompanhar de longe, com os olhos, o movimento da sala esplendente e colorida de toilettes berrantes.

E' claro que me hei de occupar em alguma coisa. Pois bem, que é que faço?

Apenas isto: ponho appellidos nas damas.

Ah, é uma delicia! E' um gozo para minha vigilia vadia e desoccupada.

do norte... Agora, chega uma que parece um espeto, de tão magra. E claro que só póde ser — o *Fantasma da Opera*.

Muito interessante é aquella dama de bigodinho e um pouco zarolha. Que nome lhe devemos dar? Mlle. Carlitos ou a *tia de Carlitos*! Opino pelo ultimo.

Afinal de contas ainda outras, que dançam incessantemente. São ellas: *Miss Jacaré*, a *Leôa*, *Ave do Paraiso* (Essa traz na cabeça um penacho do tamanho de um bonde). Em summa, ha a *Cegonha*, *D. Corcovado*, *Bicuda*, *Elephante de Sião* e outras mais.

E' verdade que passo a noite em claro. Mas em compensação fico vingado...

Depois da Parábola

EM meio da turba heterogenea e sob o céo da Galiléa, caminha o Filho do Homem proferindo a sua palavra de Luz e de Verdade. Já seus olhos viram os crepusculos da Bethania e suas plantas sentiram o frescôr das aguas do Cedron; a rude plebe de Capharnaum soube tambem de sua parabola e as mulheres de Samaria ouviram o canto de sua doutrina magnanima.

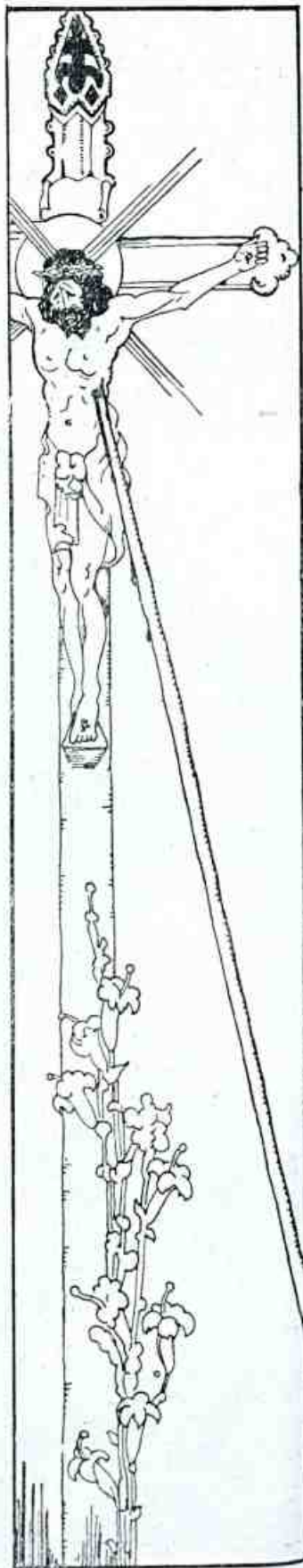
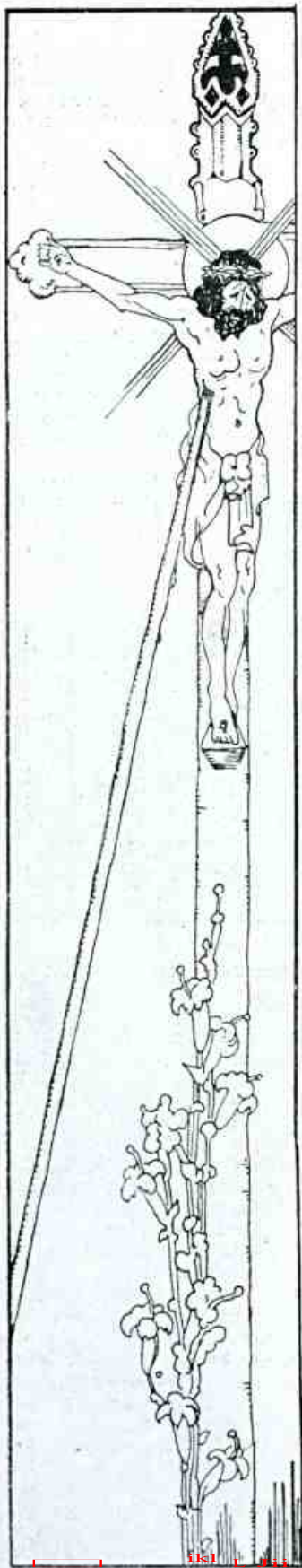
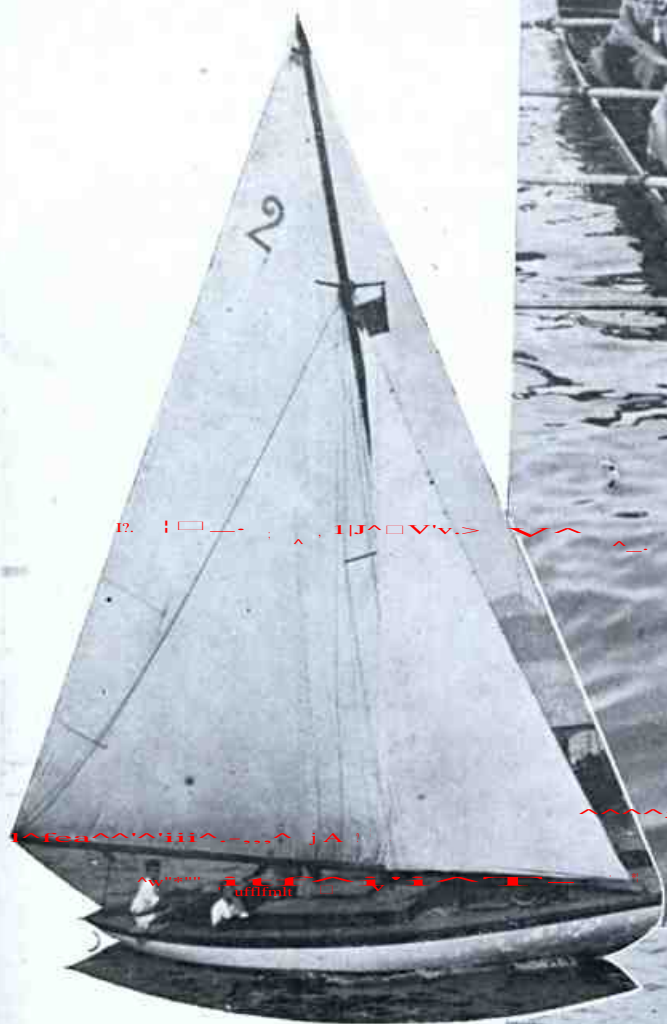
Publicanos e phariseos, escribas e peregrinos de Magdala, homens de Neftalim e do Hebron seguem a pégada luminosa e nazarena do Rhapsôdo de alva tunica que marcha em busca da cidade de Levi.

Sua voz de milagre rola sobre a terra arida, illuminada pelas rosas de Sarón, e ascende para a atmosphera limpida confundindo-se com o harmonioso acento das flautas querulas e o cantar dos passaros de Deus.

Já Maria Magdalena sabe de seu perdão e de seu grande amor; os lirios se tornam mais alvinitentes á sua passagem, e na Montanha resôa ainda aquella palavra lyrica e incomprehendida, que, apesar de adulterada por escribas e doutores, inflamma fogo de justiça na estepe dos seculos.

Mas, na Judéa, se promoveram tumultos. Tiberio se inquieta em Roma, e mais além das palmas e dos hosannas, mais adeante da Porta Antoniana, espera Quinto Cornelio, o Centurião, para cumprir a sentença de Poncio Pilatos, que, em nome do Imperio, depois da Parabola, crucifica o divino Verbo da Verdade e da Luz.

Quarta-feira de Trevas, 1929.
(Caracas — Venezuela).

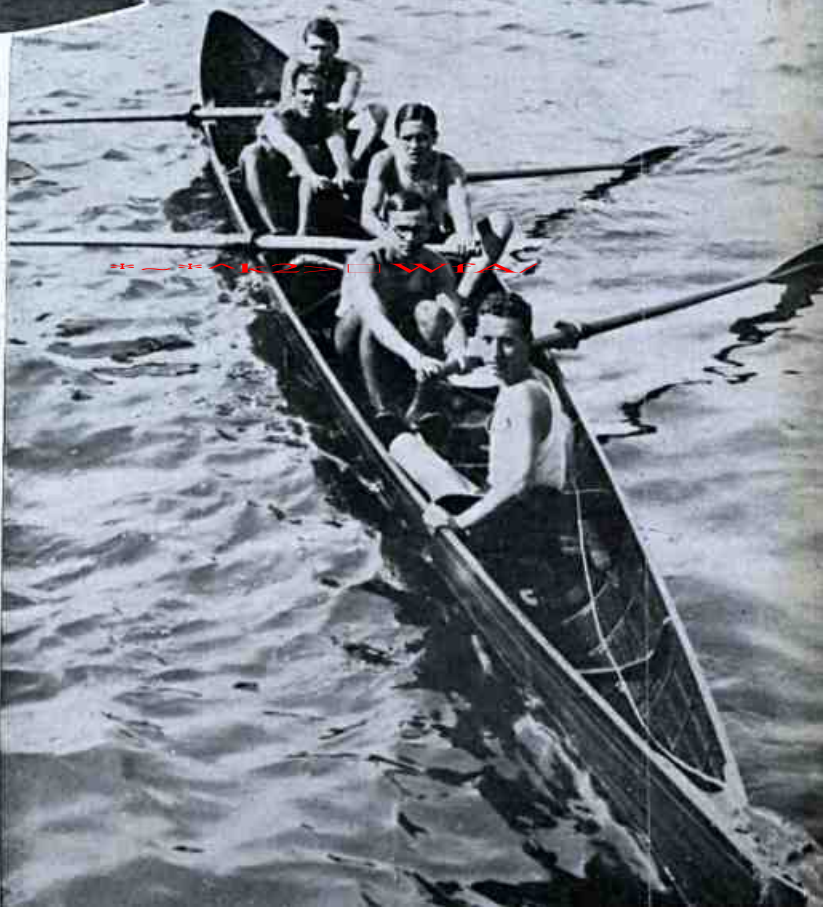
José Nucete - Sardi

FLAGRANTES pittorescos da grande tarde nautico-sportiva de domingo passado, na enseada de Botafogo.

. . .

FILIGRANAS

As coisas melhores e mais uteis da vida são justamente aquellas de que fazemos menos caso. Sua constancia junto de nós faz com que as julguemos até desnecessarias. O pão, por exemplo, é uma dellas. Si nos faltasse de repente, é que sentiriamos o seu valor. Conta-se que o explorador Stanley, perdido nas solidões africanas, achou numa caixa da bagagem uma garrafa de "champagne" e exclamou:

— Antes fôsse um naco de pão!...

As mulheres que sentirem fenecer o amor do homem pelo seu contacto diario façam delle um Stanley, desapparecendo algum tempo. Verão como desprezará a garrafa de "champagne"...

:: Painel de Azulejos ::

AS VOZES DO SILENCIO

O professor Agenor Porto, que é uma figura illustre da classe medica brasileira, acaba de receber expressiva homenagem dos seus innumeros amigos e admiradores. Mais uma vez o dr. Agenor Porto teve occasião de verificar o gráo de apreço em que é tido em nosso meio.

DR. Jonathas Fernandes, integro e competente membro da magistratura paulista, com exercicio na capital do Estado. O illustre juiz, que se tem sabido impôr pelo caracter e pela cultura, foi quem, recentemente, inaugurou a sala de audiencias do novo e majestoso Palacio da Justiça de S. Paulo.

GENERAL Ivo Soares, director geral dos serviços de saúde do Exercito e figura de grande projecção na sociedade brasileira. Eleito, recentemente, membro titular da Academia Nacional de Medicina e presidente da Cruz Vermelha Brasileira, o illustre militar e scientista tomou posse desses dois altos cargos, onde o levaram a sua alta capacidade technica, a sua cultura, o seu patriotismo e os seus grandes e assignalados serviços ao Exercito e á Nação. O general Ivo Soares já representou, por varias vezes, o nosso paiz em importantes certamens scientificos internacionaes, desenvolvendo em todos uma acção notavel pela intelligencia, operosidade e efficacia.

O sol cálido barrava o pateo das fazendas com sua luz crúa. Sobre o capinzal verde as vacas manchadas de branco e negro ruminavam em silencio, cada uma com o seu bentevi ou o seu anú ás costas, catando-lhe os carrapatos. E, á sombra das arvores, na beira da estrada, as gallinhas multicores mexiam-se, esgaravatando inquietamente a terra humida, sob o olhar vigilante dum grande gallo emplumado.

De vez em quando, grandes nuvens deslisavam pela toalha anil do céo e punham manchas de sombra movediça sobre a paisagem. Depois, novamente o sol esplendia como que mais claro, mais bello. E as altas serras paradas perfilavam-se na luz quente, escalando o espaço com os seus corucheus e as suas ediculas de granito.

Do ponto em que estavamos, nós viamos todo o valle com suas habitações, campos plantados e rezes pastando ou repousando somnolentas. O caminho torcicolloso que grimpava pelo flanco do monte formava alli um belvedere natural. E ficámos muito tempo as mãos nas mãos, os dêdos entre os dêdos, olhando a natureza ensopada de sol.

Subimos mais e, por uma vereda agreste, penetrámos no bosque. Sob as altas arvores o chão cobria-se de fôlhas sêccas e de moedas de luz. Mais adeante, entre arbustos floridos, estirava-se uma lage sobre que nos sentámos. E, na tranquillidade do mato ensolado, primeiro ouvimos sómente o rythmo de nossos corações. Continuámos calados e somente os nossos dêdos se communicavam e entendiam. Depois, começámos a escutar os rumores da mata. Pouco a pouco fomos distinguido uns dos outros: o ciciar do vento nas frondes altas, o pipilo dos passaros, o chiado dos insectos, o roçar dum galho noutro, o som longinquo d'agua que cáe, o rumor tremulo das fôlhas que tombam, o canto das aves, o fugir dum animal rasteiro nos folhiços. E cada vez mais iamos apurando o ouvido e sentindo o ruido da vida naquella dôce e morna quietação.

Quanto tempo se passou? não sei. Lembro-me só que os gallos das fazendas proximas cantaram algumas vezes, bem espaçadamente. De repente, uma gase violeta desceu sobre as coisas, tenue, ligeira, profundamente triste. Um ventinho frio arripiou-nos a pelle. Um adormecimento invadio a mata envolta nas primeiras sombras. Foi quando desunimos os nossos labios e de novo procurámos a estrada muito branca nos tons magoados da tarde que se estendia sobre o mundo.

E a tua voz quebrou a quietude do crepusculo:

— Como eu adoro, querido, as vozes do silencio!

— Como nós as adoramos! disse eu.

E os nossos passos buscaram de novo a onda inquieta da vida entre os outros homens...

D. JAYME

Você

Amarylio de Albuquerque

Você, que agora passa o dia inteiro
Agulha presa á mão, sempre a bordar,
Sempre a fazer roupinhas, num primeiro
Labor, de quem já quer acalentar;

Você, que gosta de fazer cinteiro,
Prenda tão rara, mimo singular,
Que guarda, num sorriso feiticeiro,
A ventura de um sonho, a me offertar;

Você, que adora as creancinhas bellas,
De olhos de leite, olhos de saphira,
Rosto feito de lindas aquarellas...

Embora seja engano o que se vê,
Embora seja tudo uma mentira,
Eu sou louco, louquinho por Você!

(Illustrado por Marcelo Roberto)

MANHÃ SANGRENTA

O sol desta manhã de outubro está vermelho como o sangue quente que me ferve nas veias. A Primavera soffreu, hoje, um eclipse no seu deslumbramento.

A natureza amanheceu feia e triste, e os passaros cantaram menos neste alvorecer carioca. Aquelle pardal que, todas as manhãs, enche de gorgeios o trecho mais lindamente grato da nossa rua estava calado á hora em que eu atravessei o jardim e fui ficar, pensativo, sob a arvore onde costumo esperar o meu bonde matinal. Havia um silencio inquietante naquella esquina movimentada. Até o barulho dos vehiculos era surdo e enervante aos meus ouvidos.

O asphalto estava como que lavado em sangue. Um sol rubro purpurejava o chão.

Ha dias em que a natureza tem grandes analogias com a nossa alma. A manhã está desalentada e sangrenta. Eu tambem acordei hoje com este desalento rubro da manhã. Acordei presentindo amargos acontecimentos na minha vida. A esquisitice da natureza talvez seja um aviso fatidico...

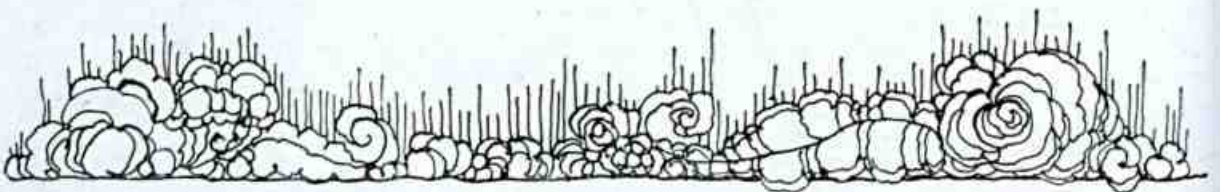
*

Você estava, hoje, tão differente de hontem, minha amiga... Eu não gosto de vêl-a assim: desdenhosa e ironica. Gosto de vêl-a triste, mas com essa doçura que é o seu grande encanto feminino.

Você estava, hoje, tão differente de hontem... Sem aquella ternura que esplende, luminosamente, nos seus olhos côr de ouro. Sem aquella melancolia doce que fulge, mansamente, no seu sorriso. Sem aquella serenidade que augmenta a sua seducção pessoal.

Quando, hoje, eu sahi de casa, e vi o sol sangrento, senti que havia sangue tambem na minha alma. Sangue de amargura e de tristeza. E o silencio do meu pardal era um silencio que me desolava. Eu estava tão habituado ao seu trino festivo das manhãs de sol...

Depois as horas se desdobraram, ameaçadoras e melancolicas, sobre a minha angustia. Quando você me appareceu, sem o seu doce sorriso timido, foi para tornar maior a desolação da minha alma afflicta. Você estava tão differente, minha amiga... Seus olhos côr de ouro estavam sangrentos como o sol que vestia de purpura a manhã. Seu riso desdenhoso era uma gargalhada sarcastica para o meu coração.

Você estava tão differente, que eu não pude reconhecêl-a na manhã sangrenta...

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

INNOCENCIA DA ROCHA

PARA os que professam a religião-philosophica das reincarnações; para aquelles crentes na gradual evolução de espiritos aprimorados pelo transitar millenario na materia, — Innocencia da Rocha seria um exemplo illustrativo dos subitos remigios dessa inapagavel scentelha que o sôpro potente do Creador insuflou na argila fragilima e humana.

Talvez vissem, através dom insophismavel da grande interprete do piano, decadas de saber aprimorado em vidas anteriores, num cyclo de phase terrena e de phase desconhecida, dentro desse equilibrio fantastico, immensuravel que sustenta o sol para a nossa vida, e illumina a lua para requinte do amor e da saudade.

Innocencia, ultima etapa, até hoje, da peregrinação magica de um microcosmos onde se reflectem as harmonias do mundo, concebeu da vida a percepção sonora e melodica. Canta, sob o rufiar de seus dedinhos brancos e expressivos, o teclado sesamico que define apenas as emoções mais altas nos passes kabalisticos da Arte!

Mas a musica não define nada! E' a arte mais arte de todas as artes.

Todas ellas propendem para a condição de Musica.

A joven pianista Innocencia da Rocha.

Innocencia, ao piano, lembra a hogistila-bôa de Ariosto, governando nas aguas verde-encanto do seu lago o Macrosaurio prehistorico que domou com o cerebro e captivou com o coração.

Quando Innocencia silenciava em suas audições na França e na Italia, os ouvintes permaneciam ainda alguns instantes na quietude mystica de um sonho.

O milagre!... o milagre seria maior se nós ficassemos na vida dentro desses momentos divinos que são eternidades de belleza!

Se nós não adivinhassemos mais os soffrêres desta "passagem", e continuassemos imbuidos na Arte, todo o resto da peregrinação até os primeiros vislumbres da morte...

Um halos perceptivel aos iniciados desdobra-se de Innocencia... Ella transfigura-se, diviniza-se, soberba de formosura, inattingivel quasi aos olhares que se apagam em derredor...

O piano arfante, chora no calor arythmico dos soluços...

E então se póde ver a imagem miraculosa de Valina, translucida, illuminada em rosa e oiro, harpejando, ao lado da irmã querida, a lyra arrebatadora das symphonias do céo!

HERNANI DE IRAJA'.

ROMEO GHIPSMAN

Romeo Ghipsman, que já é brasileiro, deu-nos um soberbo concerto na semana passada, acompanhado pelo pianista Mario de Azeredo.

O seu programma, com excepção da Sonata Op. 13, de Stojowsky, não poderia ser melhor nem ter tido mais cabal desempenho.

Não achei na referida sonata russa nada de interesse para que se incluisse numa primeira parte de concerto como unico numero, como "prato de resistencia".

Rimsky-Korsakow, que occupou a 2ª parte com a sua Phantasia de Concerto, sim, agradou por completo. O mesmo aconteceu com os numeros da 3ª parte, todos bellos, que foram ouvidos com enthusiasmo. E' que Ghipsman, violino de escól, tem o dom de comprehender e dominar os auditorios.

A Tarantella de Concerto, de Auer, terminou a noitada, que foi, sob todos os pontos de vista, excellente.

Mario Azevedo fez brilhar a sua parte de piano, por vezes cheia de responsabilidades.

H. DE I.

A CABEÇA

LEANDRO, quando chegou ao escriptorio da fabrica de tecidos onde exercia as funcções de guarda-livros, sentiu-se ligeiramente indisposto.

A grande sala, mal illuminada naquella manhã de inverno, infundia-lhe pavor, o que certamente mais concorria para excitar-lhe o animo.

Não havia ninguem, porém, um a um, foram entrando os companheiros de todos os dias e, dentro em pouco, trabalhavam curvados sobre as mesas, tementes das vistas vigilantes do gerente.

Só elle, Leandro, alli estava num verdadeiro abandono, com o enorme livro contas correntes aberto á sua frente, sem coragem para jogar com os algarismos.

Sentia necessidade de respirar forte, carecia de ar para inundar os pulmões.

Uma angustia dolorosa, inexplicavel!

Fazia um grande esforço para abrir os olhos, mas, lentamente, as palpebras desciam sob o peso de um presentimento máo...

Que era aquillo?!

Ainda trazia os lábios humidos do beijo da mulher, e ella o aguardava para outro beijo na hora do regresso á casa.

Maria!

O doce poema da sua vida, que tanto o animava nas horas de desalento, aquella que o fazia feliz...

Leandro levantou a cabeça, impulsionado por um affluxo de sangue que subira do coração, que parecia comprimir-lhe a garganta.

Caminhou até o gerente, desculpou-se: sentia-se enfermo, requeria cuidados medicos, carecia recolher-se á casa.

E, attendido na solicitação, apanhou o chapéo, nervoso, caminhando apressado, lamentando que o seu estado dalma fosse provocar inquietação á esposa amada, no instante da chegada brusca, inesperada.

* * *

AO penetrar em casa, Leandro encaminhou-se naturalmente para o quarto, em busca do leito.

Qual fôra, porém, o seu espanto, quando sentiu a porta fechada por dentro, e, ao forçal-a, distinguira, nitidamente, um grito de horror, da mulher.

Em seguida, o rumor de janellas que se abriam de par em par, e o ruido surdo de dois corpos que se projectaram por terra.

Leandro, suffocado, media a extensão da sua desgraça, e, levando a mão ao revolver, recuou em face á porta, para cercar os que se evadiam pelas clareiras do quintal.

Baldado esforço, pois vira apenas a sombra da mulher muito ao longe, e um homem que voltou a cabeça na fuga, para medir a distancia que o separava do perseguidor...

Leandro, empunhando a arma, jetonou-a por vezes, mas os tiros perderam-se no espaço.

A vizinhança, porém, alarmara-se ao rumor dos tiros, e o alarido de vozes consumou o escandalo.

Leandro, atonito, tinha presos os movimentos, como atacado de estranha paralysia.

Olhos fóra das orbitas, numa expressão senil, não podia modular palavra, não se apercebia do commentario da multidão curiosa que o cercava.

Quando um policial lhe tirou das mãos o revolver, Leandro chorava convulso, de metter piedade.

— Adultera!

Fôra a única palavra que lhe sahira estrangulada da garganta...

* * *

A que devia elle attribuir aquella desgraça?!

Toda a sua vida de casado desfructára em perfeita communhão de sentimentos com a esposa.

Arrebatado pelos braços de Maria, construira um lar feliz, e só ella sabia crispar-lhe a carne quando o acariciava com os seus beijos quentes.

Rcordou o passado e aos ouvidos cantava-lhe a canção da mais louca felicidade, aquella que não se esquece porque não se repete!...

Entretanto, agora, não passava de um misero ser, objecto do escarneo publico de toda a cidade onde vivia, suppondo haver construido um lar honrado.

O processo, os commentarios impiedosos dos jornaes, a prisão, o julgamento, tudo isso lhe punha uma grande confusão no cerebro.

E, quando lhe restituiram a liberdade, Leandro sentiu que della não carecia para coisa alguma.

Era um prisioneiro da sociedade onde crescera e formára o seu caracter, era uma sombra vivendo entre sombras.

No instante em que almas piedosas vieram recebel-o ás portas do carcere, Leandro só teve um pensamento: — fugir!

Para onde?!

Ora, o mundo era grande...

* * *

NA rua, sentiu que os olhares procuravam devassar-lhe a alma.

Corrido de vergonha, soffrego de vingança, buscou a mulher, mas ella havia desapparecido sem deixar vestigios.

Foi á estação e entrou num comboio, ao léo, sem destino.

Andou mundo, tentou varias profissões, porém, atormentado pela sua dôr, resvalára para a mysanthropia.

Eram passados vinte annos, quando Leandro arribára num verdadeiro acampamento de aventureiros que rasgavam o sertão bravio, plantando o marco de uma nová cidade.

Fizera-se barbeiro, montando um pequeno estabelecimento.

Uma aventura que lhe daria para comer, até ensaiar rumos novos.

Estava á porta, quando surgiu o primeiro freguez.

Entrou um individuo denunciando boas maneiras, sentou-se, pedindo que lhe fizessem a barba.

Leandro aproximou-se para lhe atar a toalha ao pescoço e, subitamente, estremeceu.

Aquella physionomia!

Continuou, entretanto, o trabalho com requintes e zelos no ensaboar o rosto, procurando devassar o segredo do homem que alli estava, sentado á sua frente...

Demorando o escanhoar da barba Leandro tinha a sensação de estar saboreando o mais delicioso prazer da sua vida.

Fitando os olhos do freguez, veiu-lhe á imaginação a sua Maria.

Viu-a, abrindo-lhe os braços, o collo arfante, chamma que o devorava nos grandes momentos de amor!

A sombra escoara-se ao fundo do quintal...

(Conclue na pagina [illegible])

CONTO DE MARIO POPPE

ILLUSTRADO POR MARCELO ROBERTO

OS jornalistas que assistiram, no salão particular de projecção da Empresa Brasil Cinematographica, a convite do Comité Promotor da Commemoração do Jubileu da Lampada Incandescente, á exhibição especial do film sobre a vida de Edison.

A CABEÇA

(Conclusão)

O homem que voltou a cabeça, na allucinação da fuga...

Vira-lhe o rosto uma vez, apenas, ao longe, mas ficara-lhe a imagem para sempre gravada na retina... Elle!

Que prazer satanico aquelle que o assaltava!

Prolongou quanto poude aquella sensação, correndo a navalha de cima a baixo, voltando, descendo, descendo até o pescoço.

E, delicadamente, de instante a instante, interrogava si a navalha acaso lhe magoava o rosto...

Porém, de repente, impulsionado por um movimento indomavel, murmurou baixinho: — Maria...

Fechou os olhos e, quando os abriu, ria, ria desesperadamente, exhibindo á assistencia estarrecida a cabeça do seu algoz!

Com a roupa tinta de sangue, agitava aquella cabeça, numa dança macabra, sedento de vingança, pronunciando palavras incomprehensiveis...

— Fugira como um cão, mas, passados vinte annos, ali estava nas suas mãos! — repetia...

Quando o acudiram, Leandro curvou as pernas e mollemente tombou o corpo, por terra, no ultimo alento, rindo...

TEUS OLHOS

Os teus olhos!...

Não sabes que thesouro de ternura possues nesses dois sóes maravilhosos de velludo em chammas...

Não sabes que de amor me envolve a alma toda quando me fitas, quando me falas, quando me sorris, quando me tocas!...

E' o céo que desce á mão que se levanta...

E' a explosão sublime das palavras de fé que nunca foram ditas...

E' a resurreição das confissões de amor que morrem na garganta...

E' a synthese grandiosa do mais sublime soneto de Bilac!

Nesses momentos, nesses instantes dulcissimos em que sinto nos meus teus grandes olhos jesuiticos, tenho um desejo, gigante de calar a minha vez titubeante, airada, quasi absurda, de quedar em extase ante a tua imagem de Nazareno, e cahir de joelhos, de mãos postas, e adorar-te!

Nesses momentos eu quizera esquecer todas as conveniencias, todos os preconceitos, todos os deveres, todas as angustias, para dizer que te amo, que te adoro, que te admiro, que te respeito, como mulher nenhuma o fez ainda!...

Ah!... Quem ha de dizer as ansias infinitas do sonho?!

E a ira muda, e o asco mudo, e o desespero mudo?

E o céo que foge á mão que se levanta?...

E as palavras de fé que nunca foram ditas?

E as confissões de amor que morrem na garganta?!...

B. B.

O retrato de Thomas Edison numa curiosa allegoria da lampada incandescente que o Comité fez collocar na avenida das Nações, e que segunda-feira á noite ostentava deslumbrante illuminação.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

"Miragem"... Sim, você veiu para mim, minha desconhecida amiga, com o encanto feitiço e fallaz de todas as illusões, de todas as... miragens, que fascinam e attrahem e deslumbram, por um momento, os olhos inquietos da gente, illuminados de desejo e de ansiedade, para logo se esgarçarem, a pouco e pouco, até se desfazerem, levando comsigo um pouco de nossa alma... Mas você é uma miragem triste, uma miragem feita de melancolia, a esbater-se no crepusculo-cinza de tarde que morre... Não tem a illuminação nem o deslumbramento verde e magnifico das miragens cheias de arvores e corôadas de flores, em que a canção pipiante dos ninhos inquietos e a canção de crystal das aguas murmuras, caricio-sas, como braços frescos de mulher, fazem, por um instante, illusoriamente embora, a alegria a festa de nossos corações.

Você veiu, porém, para mim como o perfume suave e envolvente de sua carta, trazendo para o balcão florido de meu coração a melancolia e a fragrancia de sua alma de violeta, de sua pobre alma de desencantada.

E não sei por que "a sensação envolvente de abandono, de saudade, de distancia, de cansaço e de agonia" da tarde que descia sobre sua alma, chegou tambem até mim e sobre mim fez descer o velario de sua melancolia...

Terá, porém, você razões bem profundas e ponderosas, minha desconhecida e gentil amiga, para se revelar, assim, com tanto desencanto e desillusão?

Meus olhos verdes sorriem, agora, meigamente, ternamente e — perdôe-me — tambem um tanto maliciosamente para você, suave miragem de violetas do meu balcão florido. Maliciosamente, num pisca-pisca irreverente, porque não creio que haja no mundo almas completamente desilludidas.

E' uma alma que ainda tem, como a sua, o generoso e largo impulso de desejar a felicidade para alguem, como bondosamente diz desejar para mim, é uma alma capaz de semear ainda em redor de si as tres grandes illusões da vida — a esperança, a fé, o amor. E quem semeia é porque tem a semente que semear.

Diz-me, por exemplo, que lhe tenho feito muito bem com as palavras tocadas de emoção e de sentimento, com que, do meu balcão, onde nunca faltam flores de carinho, de bondade, de alegria, e tambem de melancolia, vou enchendo, uma a uma, as paginas do livro de minha vida, uma vida duramente provada pelas mais crueis decepções. Nem por isso, porém ella buscou fugir ao calor da chamma generosa e amiga da illusão que trabalha e condiciona o seu anseio de felicidade.

Renunciar? Mas renunciar a todo desejo de ser feliz é renunciar á propria vida. E' enchel-a, loucamente, de tristeza, quando ella deve ser vivida e ser comprehendida, como nos contos de fadas, num ambiente de encantamento e sortilegio. E não ha

PINA Monaco, a linda artista brasileira, que tem sido, nestes ultimos dias, uma notavel revelação á critica musical, realiza, hoje, o seu annunciado concerto de canto, no Theatro Municipal. As expressivas qualidades da moça e formosa artista lhe asseguram um exito definitivo, na encantadora noite de arte, que se offerece ao bem gosto e á cultura da melhor sociedade do Rio.

(Photo Nicolas)

coração humano, minha desconhecida amiga, por mais desilludido que seja, que não tenha a seu alcance a varinha de condão, mysteriosa e magica, com que, sempre que o queira, poderá encher de alegria e de festa, de fascinação de encantamento o "mundo" de sua vida.

E nisso, creia, nesse constante ascender pela escada de Jacob do sonho interior que illumina a nossa vida, é que vamos encontrando, com os nossos olhos deslumbrados de creança, essas pequeninas, simples e boas "felicidades", de que você fala, e que muitos, quasi todos despresam ou destroem, quando a somma dellas é que dá realmente a medida da grande felicidade que ellas, reunidas, constituiriam.

Comprehender... Estou de accordo com você, neste ponto. Comprehender, para que? A vida foi feita mais para ser *sentida* do que comprehendida. Assim o amor, assim a fé, assim a felicidade. E foi por isso mesmo que Deus, de certo, nos deu um coração, para adivinhar e *sentir* o que a razão busca, em vão, apprehender e comprehender, o que ha de maravilhoso, de deslumbrante e mysterioso na caverna de Ali Babá da nossa vida interior.

Diga, grite a seu coração as palavras magicas do *abre-te sesamo* da sua revelação interior e verá, você propria, deslumbrada, quanto é prodigiosamente rico e inesgotavel o thesouro de illusões fecundas e generosas que ha ainda dentro de si...

"Miragem", pobre e melancolica miragem, que veiu até mim, a reflectir na mansa quietude da planura verde de meus olhos, sua angustia, sua tristeza, sua afflicção, seus incomprehendidos anseios, olhe para dentro de seu coração porque ahi é que cresce a arvore sagrada da vida, como dizia o poeta. E bem mais lindas, e verdes e illuminadas e consoladoras serão as miragens com que irá deslumbrando o seu caminho na vida — semeando muito, para colher muito pouco...

E não esqueça nunca as "pequeninas, simples e boas felicidades"...

Fico a aguardar sua rosa vermelha. Certo que não será a de sua bocca, não é? Porque se fosse... alguem, que está aqui bem proximo, talvez não gostasse da lembrança...

Comprehende-me?...

PETIT-BLEU

O verão ahi está a derramar sobre a cidade sua festa de luz. Por toda parte, sol, deslumbramento, esplendor...

Sob os rigores da canicula começa a invasão elegante das praias que se povôam de lindas nereidas e tritões, em cujo meio tambem não faltam as *baleias* e os *tubarões*.

Meus olhos, fixos na calma indifferença do papel em que venho garatujando, a pouco e pouco se enchem de mar, de mar verde a se quebrar em ondas que vêm beijar a praia prateada e teu alvo corpo de nereida...

Recordo e evoco. Na esmeralda de meus olhos o mar se agita ora calmo, ora impetuoso; e, ao compasso do rythmo de meu coração, suas ondas ora alteiam o collo verde e inquieto, ora se curvam e quebram de mansinho, espraiando-se como uma caricia preguiçosa á flor das aguas, ou rebentam com o impeto de labios sequiosos de beijos sobre a praia casta e serena...

Uma canção de mar vibra em todo o meu ser. E o mar verde de meu coração, meu amor, rebenta em ondas de caricia na praia enternecida de meus olhos cheios de ti.

Por que não vens para que eu tambem derrame sobre teu alvo corpo palpitante e cheiroso todo o mar de carinho que, inquieto, se agita dentro de mim?...

Ipanema... Um trecho de praia... O mar a cantar para ti, a envolver-te na inquietação glauca e liquida de seus anseios amorosos. E eu, a teu lado, tua mãosinha presa á minha, para que o mar não te roubasse, a derramar sobre ti o mar verde e fluidico de meus olhos illuminados de caricias quentes...

Meu amor, quando virás? As praias se povôam a pouco e pouco de lindas nereidas. A mais linda, porém, que appareceu, no ultimo verão, lá, na alva praia de Ipanema, ainda não veiu, para alegria de meus olhos, e tambem do mar, e tambem do sol...

A senhorita Maria de Lourdes Garcia, da sociedade carioca, que sabe encantar quando canta com sua linda voz de mezzo-soprano, cheia de harmonia e de suaves modulações, tambem encanta pela sua belleza e pela graça irradiante de seu ser.

SOCIEDADE

Elegancias — A sessão cinematographica e a "festa de arte" do mez de outubro, que a directoria do Botafogo F. C. está organizando para os proximos dias 29 e 31, promettem revestir-se de muito brilho e animação.

Os programmas para essas reuniões elegantes estão sendo organizados a capricho e serão publicados brevemente.

Na "festa de arte" tomarão parte elementos de accentuado e prestigioso relevo nos meios litterarios e musicaes desta capital.

— Promette ser encantadora a "soirée" dançante que o Tijuca Tennis Club offerece, hoje, á Escola Naval e ao Grajahú Tennis Club.

E para o dia 30 do corrente já está annunciada uma linda "noite de arte".

SEARA ALHEIA

EL MAR EN LA TARDE...

Fermin Estrella Gutierrez

El mar en la tarde sus
[olas encalma,
las nubes se tiñen de un
[rojo fulgor,
se escucha a lo lejos un
[canto de ausencia
y sangra la herida del
[viejo dolor.

El mar ha escuchado mi
[grito de angustia,

sus olas tranquilas me
[mojan los pies,
y vienen las brisas sala-
[das al rostro,
me dejan su beso, y ván-
[se después.

La tarde.... qué triste se
[duerme en las aguas,
qué grande el silencio,
[qué obscura la mar,
qué locos deseos de echar-
[me en la arena
y solo en la tarde, llorar
[y llorar.

De pronto los hojos han
[visto una vela,
un barco que parte, ya
[apenas se ve;
así se alejaran un dia mis
[sueños,
y triste en la vida sin
[ellos quedé.

El mar en la tarde sus
[olas aquieta,
mi espiritu extraño no
[encuentra la paz;
la vela se ha ido, lo mis-
[mo que todo,
y yo sé que nunca la ha-
[bré de ver más.

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu amor e minha consolação — São de perdão as primeiras palavras com que vou ao encontro de tua alma angustiada e afflicta, Maria. Perdôa-me, sim? Num momento de fraqueza, sob a angustia do meu isolamento, da dolorosa solidão, do abandono em que vivo, perdi a calma, a serenidade e deixei-me dominar pelo soffrimento, pelo desespero.

Foi nesse estado de espirito, minha doce e consoladora Santa Therezinha do meu amor, que te escrevi aquella carta louca, cheia da indescriptivel tortura que me ia n'alma.

Em meio á minha dôr, Maria — vê como o homem é egoista mesmo no soffrimento — pensei que soffreria menos se soubesse que tambem tu soffrias.... E não te poupei, minha querida, embora não tivesse feito o que fiz por maldade. Não, acredita-me que não o foi, Maria. Eu estava louco, desesperado, revoltado contra o destino — que te poz, já um tanto tarde, no caminho da minha vida. E tu, Maria, tu vieste para mim com teu sorriso de bondade, com tua alma pura e casta, ungida de santidade, com teu coração de mulher amorosa e orgulhosa do seu amor. De teus olhos negros desceu, então, sobre mim o suave raio de luz que haveria de illuminar para sempre as sombras da minha vida. E era tão pura, tão cheia de céo, essa luz de consolação que baixou sobre mim e penetrou em minha alma e meu coração, Maria, — que, a pouco e pouco, á proporção que meu amor subia para ti como uma prece ou como um cantico sagrado, ella se foi transformando na divina chamma da minha adoração perpetua a ti.

Has de perguntar-te por que, amando-te como te amo, sou ás vezes injusto e máu, máu a ponto de te affligir e fazer-te soffrer.

Pudesses tu comprehender o que tem sido a vida para mim: ou o que tenho sido eu collocado em face da vida... Quando te conheci, eu vinha de longe, de muito longe, de uma longa e exhaustiva peregrinação de soffrimento. Brilhavam-me na retina entristecida a inquietação e a angustia das grandes, dolorosas e silenciosas desillusões. Vestidos o coração e a alma de trapos dos sonhos que sonhei e que me alcandoraram á vertigem de todas as alturas, eu tinha ainda, naquelle momento, a impressão da vertigem de todas as quédas com que, de desengano em desengano, de desillusão em desillusão, vinha marcando os meus passos no saibro doloroso da vida.

Tu, porém, surgiste e, meiga e boa, começaste a me guiar pela estrada de Damasco, matizada de flores, do nosso amor..

MLLE. Dalva Reis, graciosa figura da sociedade gaucha, que está fazendo agora uma «tournée» de seu «charme» pessoal na terra carioca.

(Photo De los Rios)

* * *

Mas, não eras, não podias ser minha ainda, minha como desejava fosses, e como serás um dia...

E a minha solidão continuou, e meus labios em febre não tinham a todo momento, sempre que tivessem sêde, outros labios que o refrigerassem. E a caricia de tua mão macia e fresca não desceu ainda, constante e solicita, sobre a minha cabeça soffredora...

Foi num dia assim, numa noite assim, que tive aquelle gesto de revolta e de desespero. Estava tão só; sentia-me tão abandonado. E tinha tanta sêde, Maria do Céo, sêde da tua bocca, do teu beijo... E tanta saudade... uma saudade louca!

Escrevi-te, então, e tive a crueldade de te enviar o grito do meu desespero!

Perdôa-me, minha Santa Therezinha, e recebe agora, no beijo casto e puro que te envio, a paz, a serenidade, a confiança e a sinceridade do meu amor...

CINEMA

TARDE serena e bella, desabrochando sua immensa rosa de crystal na transparencia do firmamento.

No edificio do hotel alcandorado numa eminencia abre-se bruscamente uma janella sob um impulso estabanado, e o vulto de um homem se debruça ao peitoril. Está de roupa de banho, nús os braços musculosos, moldado o thorax desempenado e robusto. No perfil intelligente e fino os olhos vivazes perscrutam o céo, a rua, os predios fronteiros. Logo se detêm noutra janella na qual se recorta no fundo semi-escuro uma graciosa silhueta feminina. Tambem ella está de traje de banho. A roda do destino parecia marcar um ponto bom.

O rapaz fita-a demoradamente. Si bem que a distancia seja regular, tambem ella já o notou. De cabeça baixa, porém, lustra as unhas com ar displicente. O moço desconhecido sorri... Ella quasi lhe vira as costas. Elle assovia a meia voz um fox-trot que acompanha com os dedos sobre o peitoril. De repente, desapparece.

A criaturinha da outra janella espreita de soslaio, vira-se lentamente, debruça-se. Elle resurge, a rir, e lhe atira um beijo, num gesto semi-comico, semi-galante, requintado e solenne. Ella, então, fecha impetuosamente as venezianas com modo raivoso. Talvez tenha ficado a espiar por dentro das gretas...

O moço de porte athletico solta uma gargalhada e vira-se para o interior do seu quarto.

Do predio fronteiro, mais alto ainda, podia-se vislumbrar um trecho delle: quarto modesto de estudante... talvez. Em frente á cama, um armario de espelho.

O moço já parecia esquecido da galante vizinha. No crystal do espelho passavam algumas nuvens sobre o fundo azul do céo; a symphonia luminosa da tarde revivia no polido claro do vidro.

Entretanto... docemente, a outra janella se reabria. Agora era ella quem sorria... Mas elle permanecia immovel, de costas. Não a veria?... Estava zangado?... Ella esperou, impacientou-se, desappareceu, reappareceu... Aquelle painel azul e rosa luzindo no espelho parecia haver concentrado toda a attenção do joven de roupa de banho.

Quantos minutos marcou o relogio? Terminados estes, elle se virou preguiçosamente e fitou-a, sério, formalizado. Ella ficou a olhal-o tambem enleada... ou fingindo que o estava. Depois, sorriu novamente... seu sorriso era luminoso... luminoso como o crystal do céo boiando no crystal do espelho.

Elle não se conteve mais, e, num gesto de supplica, lhe fez signal para que ella o aguardasse em baixo, na rua... O destino marcaria dois pontos bons si ella consentisse em ir á praia com elle...

Desta vez a espectativa foi de um segundo apenas... e a cabecinha risonha abaixou duas vezes num consentimento discreto... Logo a janella tornou a fechar-se... docemente, porém, desta vez.

Elle, assoviando triumphalmente o mesmo fox-trot, rodopiou até o armario, mirou-se e remirou-se batendo no peito rijo, ensaiando um golpe de box. Ia apanhar o roupão quando seus olhos chispantes de vida encontraram um livro que jazia sobre uma mesinha. Era o Werther... O rapaz pegou-o, abanando a cabeça com profunda commiseração... Depois... numa explosão, jogou-o ao tecto, apanhou o capote de atoalhado grosso, pulou por cima do leito num salto lesto e bem calculado e sumiu pela porta, fechando-a ruidosamente.

O pobre livro cahira desmantelado, proximo á janella. E como um riso de ironia o sol, entrando no quarto alaçava-o, enquadrando em luz as lamurias exclamativas e profusas do moço suicida...

PETITE SOURCE

ARRANHA-CÉO

LUSCO-FUSCO. Doçura aveludada de primeiras sombras. O desenho esbatido do crescente branqueja na porcelana azulada do céo.

Escurece. E' quasi noite. O tempo que apaga a hora crepuscular vae avivando os contornos finos da foice lunar, no fundo cada vez mais sombrio do firmamento.

A alta, enorme fachada do arranha-céo anima-se paulatinamente. Nos seus alveolos que sobem pela parede acima, regulares como os quadrados de um mosaico, florescem retinas luminosas a espreitarem a via publica. Uma... outra... mais outra...

Os losangos escuros vão se tornando placas côr de ouro. E nas pequenas télas agita-se a vida interior do aposento numa animada scenographia de minusculas silhuetas.

Algumas janellas persistem cerradas, sombrias e na altura vertiginosa da fachada os espaços em que falha o mosaico luminoso dão uma impressão de abandono, imperfeição, tristeza.

De seu leito na casa de saúde, uma mulher moça emmagrecida e pallida contempla, pensativa, aquelle espectaculo que a cidade realiza para distrahir sua solidão. Deitada como ella se acha, o colossal painel de cimento armado parece inclinado, irreal, scenario estravagante de theatro com innumeros palcos em que se desenrolam simultaneamente os actos variados de um drama singular.

Aqui uma mulher, que a distancia tornára comparsa de um guignol imprevisto, vae e vem em torno de uma mesa carregando louças e crystaes... Lusco-fusco... é a hora da refeição da tarde.

Ali um homem, tirando o casaco, o collarinho, a gravata, veste sua roupa de interior, commoda e fresca... Lusco-fusco... é a hora da volta ao lar, do repouso ganho no labutar do dia.

A vida, toda a vida com sua multiplicidade de aspectos e personagens, se agita no edificio colossal, porejando pelas suas janellas escancaradas... A fachada gigantesca é uma feira luminosa de amostras... recortes de existencias resumindo a alma da cidade.

A enferma, pallida e prisioneira, contempla a superposição fantasmagorica dos pequenos palcos em que agem a saúde e o movimento.

Eis que, numa zona escura, a palpebra inerte de uma janella descerra-se, e a luz que brota e completa um correr de pontos accesos parece um segundo mais rutilante que as outras todas... Effeito do que não era... e é de repente.

No fundo illuminado destacam-se, nitidas, duas silhuetas. Um homem e uma mulher. A dualidade eterna da natureza. Approximam-se da janella e, debruçados, parecem contemplar a planta da cidade que a noite vae pespontando com linha côr de oiro.

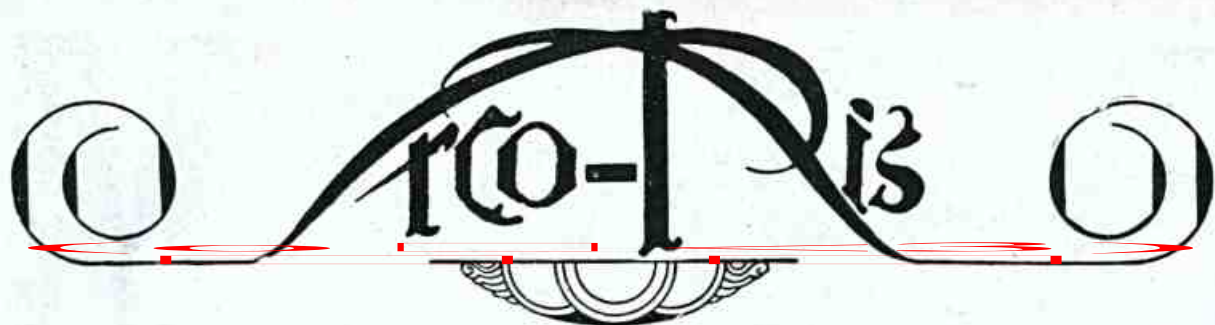
Os dois vultos estão muito juntos, unidos numa sombra só; dir-se-iam enlaçados e constantemente o perfil de um se vira para o do outro. São esposos...; amantes... companheiros... A attitude não engana; é a tendencia para a unidade fertilizadora que reponta em tudo como a força maxima da vida.

A enferma olha, fascinada, o pequeno palco. Por coincidencia estranha e symbolica, elle se acha bem no meio do mosaico claro-escuro... alveolo nuclear, cellula concentradora de toda a agitação que irradia em torno.

Numa tristeza infinita, seu isolamento lhe pesa sobre o coração como algo monstruoso. A hora do lusco-fusco é tambem a hora do amor...

Duas lagrimas escorreram lentamente de seus olhos scismadores. Ella comprehende profundamente que na cidade, como na floresta virgem, no artificio da civilização, como na animabilidade primitiva, a verdade unica da vida é a que palpita sob seus olhos como um rotulo expressivo na fachada vertiginosa: a verdade da existencia a dois.

a mulher chic

Uma "toilette" de estylo bordada a prata.

A ARVORE FANADA

A Inspectoria de Mattas
plantou uma arvorezinha
em frente á minha janella,
entre outras muitas da rua,
que crescem, intemeratas,
cada qual mais pura e bella,
emquanto a minha,
nuazinha, pobre e núa,
mal um pouco se insinua
entre as outras — pobrezinha! —
logo se encolhe e definha,
renasce e, emfim, continúa...

Não tem culpa a Inspectoria
das nossas Mattas:
plantou-a com as mais, um dia.
Mãos infantis ou gaiatas
tangeram-na... A Inspectoria,
no outro dia,
replantou-a...
Todavia,
ou a seiva não é bôa,
ou as sementes, ingratas,
o que é certo é que as demais
pegaram, verdejam bellas
deante das outras janellas,
refolhudas e triumphaes,
e a minhazinha, coitada!
dia, morta, dia, viva,
anda nessa alternativa
desde o dia
em que se encontrou plantada
em frente á minha janella.
E, ora fresca, ora, mirrada,
ora verde, ora amarella,
cuidados da Inspectoria,
safanões da criançada,
a arvorezinha — coitada! —
leva a vida, nessa vida
parecida
com a do dono da cazinha,
em frente á qual
ella definha,
dia, bem, e dia, mal.

Vae sinão quando, outro dia,
a Inspectoria,
para amparal-a, mandou
collocar uma forquilha
de cada lado, e a arvorinha
não melhorou, nem peorou.
Mas — e é essa a maravilha! —
com as taes forquilhas formou
um desenho parecido
com uma lyra, sobre a qual,
semvergonha e intromettido,
vem, toda tarde, um pardal
explicar-me com o seu trisso
desafinado e jovial:
— Parece que deu enguiço
na arvorezinha, não é?
Não se importe, não faz mal.
Não ponha adubo na leiva,
nem mais agua em torno ao pé.
O que lhe falta na seiva,
talvez lhe sóbre na fé.
A questão
é que não morra. E não morre
Pois, emquanto o tempo corre,
as demais, tão refolhudas,
passarão,
mudarão com as proprias mudas,
e a enfesadinha, que ahi está,
dia, morta, dia, viva,
nessa eterna alternativa
ficará.
Frágil, teimosa, discreta,
viverá.
Sinão, ouça ahi, poeta.
Você prefere o sabiá
a mim, pardal semvergonha,
porque o sabiá canta e sonha
lá no matto, e não vem cá.
E eu que venho, todo dia,
meu canto é monotonia...
Mas, toda tarde — ulalá! —
venho ver si a arvorezinha
ainda está muito bisonha
e si você ainda sonha,
si ainda é o mesmo sabiá
para a visita enfadonha
deste pardal semvergonha
que, toda tarde, aqui está...

O jogo mais importante de domingo foi o encontro Vasco-Botafogo, que se realizou no «stadium» de São Januario. Esta pagina fixa tres detalhes desse «match», que tanto interesse despertou em nossos circulos sportivos.

TREPAÇÕES

DE onde não se espera, dahi é que vem — diz o dictado. E assim é. A cada passo, estamos vendo esse proverbio confirmado.

E' o que acontece com o elegante escriptor de olhos côr de esmeralda. Quem o vê com aquella serenidade e aquellas attitudes que se diriam benedictinas, não será capaz de suppôr que alli está um terrivel *homme á femmes*, tal é o furor com que o seu coração palpita e se abraza por outros corações.

Ha dias, numa dessas tardes suaves de outubro, o nosso heróe foi visto numa das nossas praias mais *chics*, ladeado por duas creaturinhas adoraveis.

Elle, entre as duas, permanecia sereno. Mas o seu sorriso hesitante parecia traduzir, nas suas meias tintas, a velha duvida do galanteio francez: "Entre les deux, mon coeur balance"...

HA muito tempo, ha muitos mezes pode-se dizer, a graciosa morena não se defrontava com o jornalista, por quem ella já alimentou uma viva sympathia.

A razão era muito simples: é que, embora elles morem perto um do outro, nem um dos dois tem a preoccupação de passar pela casa do outro. E' como si um morasse no Polo Norte e o outro no Polo Sul.

Acontece, porém... (essas coisas sempre acontecem... Como, não se sabe...) que, ha dias, ella passou pela casa do rapaz e o viu despreoccupado, num grupo de creaturas formosas...

Sem duvida, a joven morena se encheu de despeito. Era urgente vingar-se do intellectual, fazendo-lhe uma picuinha...

Que fez ella? Arrebanhou, ali por perto, dois almofadinhas, typo de "penetra" de festas e de caixeiro endomingado e, dando braço a um delles, foi passar, de novo, em frente á casa do jornalista.

A que ridiculos não se atira uma mulher despeitada!

MADAME bancava a importante, com *toilettes* caras, automovel á porta e outras coisinhas mais...

Sylvia Toledo, a nova actriz da companhia Jayme Costa, e que teve uma auspiciosa estréa no Trianon.

(Photos Nocla)

* * *

O actor Teixeira Pinto, outro elemento festejado da companhia que presentemente occupa o Trianon.

Pela apparencia, suppunham todos que *madame* estava perfeitamente installada na vida, *solidamente* installada.

Já a sua sorte era invejada pelas amigas mais intimas, aquellas que lhe filavam o chá e se deslumbravam com o confortto, o luxo das recepções de *madame*.

Mas, de repente, tudo mudou, num abrir e fechar d'olhos, como nas magicas...

Acabaram-se as recepções, os chás, o automovel e as *toilletes chez* qualquer coisa...

A mudança dos habitos de *madame* foi tão radical, tão profunda, que feriu a vista até mesmo dos miseros mortaes que nunca tiveram a ventura de participar da sua intimidade.

Madame, mesmo physicamente, soffreu transformação, perdendo a sua *pose* de rainha...

E ainda dizem que o dinheiro não faz a felicidade...

UMA complicação de todos os diabos, que ninguem entende e nem os vizinhos decifram.

Quando o rapaz moreno, que dizem ser o marido, sáe de casa, entra um cidadão carregado em annos.

Quando sáe o velhote, apparece, ás vezes, um rapazote imberbe, de olhos claros, physionomia ingenua...

Quem manóbra as entradas e as sahidas é uma creada de confiança de *madame*, creada que, pelo geito, parece *sabida*.

Os signaes da campainha estão perfeitamente regularizados lá para o interior, pois o aviso é dado de accordo com a cara que apparece...

Uma comédia divertida, porque quando um coincide chegar e outro está lá dentro da casa, a creada não dá signal de alarme!

Como é, ninguem sabe, nem mesmo nós, que temos um *faro* extraordinario para adivinhar coisas esquisitas e complicadas...

Mas, qualquer dia destes, faremos uma experiencia, cujo resultado será efficaz.

Vamos imprimir o botão da campainha com o nosso dedinho e... *madame* que conte o resto da historia á sua amiguinha inseparavel...

REUNIU-SE no Club dos Bandeirantes a commissão promotora do banquete que será offerecido aos próceres das candidaturas Julio Prestes-Vital Soares á presidencia e á vice-presidencia da Republica. Nessa reunião tomaram parte as pessoas que apparecem na photographia acima, e que são as seguintes: srs. dr. Gustavo Barroso, dr. Armenio Juvin, deputado Machado Coelho, dr. A. Porto d'Ave, deputado Mauricio de Medeiros, dr. Mario Cabral, deputado Flavio da Silveira, João Augusto Alves, dr. Antonio Martins, Costa Pires, dr. Laurindo Macedo, dr. Edson Amaral e dr. Pereira Lessa.

PIEGUISMO

Chove.

As aguas dos beiraes martelam as pedras das calçadas, num rythmo calculado, igual, repetido, de metter nervos a gente.

O nevoeiro dos dias abafados de outubro, nevoeiro baixo, que envolve as casas e suffoca as almas, domina a cidade.

Céo chumbo, ameaçador...

E' neste ambiente de tristezas que me vejo hoje, no instante em que, debruçado sobre a mesa de trabalho, com o cerebro a arder, tenho necessidade de encher as linguas de papel em branco que aguardam pela gravação das idéas, afim de transmittil-as aos leitores amigos!

O jornalista moderno pertence a uma nova especie de artifice, gravador de discos...

Mas, hoje, nesta manhã pardacenta, é impossivel produzir discos alegres.

Sinto a monotonia do dia invadir-me, tomar conta dos meus nervos.

Não tenho, para o consolo das minhas horas vazias de amor, o carinho dos teus beijos, o consolo da tua companhia!

Tivéste o capricho de abandonar-me, deixando-me entregue aos azares do mais cruel isolamento.

E' a minha vida, é a tua vida, tu, só tu, ó lindo amor!

Chove, e eu soffro abalos de nervos com a monotonia das marteladas da agua que cáe dos beiraes.

Não queres vir, para encher de vida a minha casa de livros.

Entretanto, as rosas que lá fóra sorriem seriam arrancadas das hastes para a festa da tua chegada!

Marion.

SOB a presidencia do ex-senador Sampaio Corrêa, realizou-se, ha dias, o banquete com que os nossos collegas de imprensa Veiga Cabral, Joaquim Campos, Antonio Costa e Alfredo Sade commemoraram a passagem do 3.º anniversario do «Correio do Brasil», de que são directores. Na gravura apparecem o dr. Sampaio Correia, os nossos brilhantes collegas e demais convidados.

LANTERNAS DE PAPEL

RETALHOS DE JORNAL

NYMPHAS COM OU SEM SATYROS...

Nos antigos bosques sagrados da Hellade e do Lacio, da Umbria e da Sicilia, as nymphas dansavam com os satyros. Os deuses florestaes capripedes e cornudos entremeavam-se, tocando as frautas de canna, aos corpos nús e deliciosos das hamadryadas. E a ronda divina povoava as clareiras solitarias de visões maravilhosas, sob a chuva de moedas de oiro do sol ou sob a chuva de moedas de prata do luar, esmagando com os cascos bifurcados e com os pés roseos a pelucia da herva semeada de margaridas e de anemonas, de boninas e de violetas. Eis porque René Boylesve, quando escreveu a farândola magnifica de seus contos leves e de sabor antigo, lhe deu o titulo magico de Nymphes dansant avec des satyres...

Agora, os satyros despresam as nymphas e não querem mais essa historia de dansar com ellas...

Faz pouco tempo, na Irlanda, narram os telegrammas, algumas moças, vinte e duas, creio, resolvêram ir a uma festa de militares inglêses. Seus patricios ficaram furiosos e decidiram impedil-as de alegrar o baile dos adversarios. Odio de raça! Então, reuniram-se, mascararam-se, assaltaram o caminhão que as conduzia no meio de uma matta deserta, despiram-nas completamente, queimaram-lhes roupas, chapéos e sapatos, e deixaram-nas núas em pélo, ao sereno orvalhado e frio...

Mas não quizeram dansar com ellas... Os satyros de hoje não valem mais nada...

Teria sido porque faltou a musica?...

O dr. Luis Gallotti é o novo procurador da Republica no Districto Federal, recentemente nomeado por acto do governo federal.

A MENINA E A SERPENTE

Noticiam os jornaes inglêses esta aventura occorrida, affirmando-a perfeitamente authentica, numa fazenda do Transwaal.

A menina da casa, de uns seis annos de idade, tinha o habito de levar todos os dias pela manhã a chicara de leite e o biscoito, que lhe davam para o pequeno almoço, ao jardim, afim de saboreal-os sobre o gramado. A mãe achava aquillo muito natural e nunca se preoccupou com o que alli fazia a criança. Certo dia, porém, por acaso, indo áquelle logar, soltou um grito de pavor. A menina dava a uma grande serpente o resto do seu leite, calmamente.

Ao seu grito, acorreu o marido, que, mais calmo, observou reinar uma entente cordiale entre as duas criaturas. Não fez movimento algum e obrigou a mulher a ficar quieta. Terminada a refeição, o reptil retirou-se devagarinho e, então, os paes correram ansiosos, a abraçar a pequenita, que não sabia a razão do seu anseio e dos seus affagos demasiados.

— Menina, que é isso? indagou o agricultor.

E a criança:

— E' a minha amiguinha cobra que vem todas as manhãs almoçar commigo.

Os paes não confiaram em tal amizade e resolveram impedir as perigosas visitas do bicho, apesar dos rogos e chôros da pequena.

O dr. Salvador Caruso é o autor de um precioso trabalho: «Noções Praticas do Direito em geral», do qual fez publicar, recentemente, os 1.º e 2.º fasciculos. Esse compendio foi recebido com muito agrado por parte dos interessados.

Mas ella tanto soffreu que elles consentiram no seguinte: que todos os dias se puzesse o leite sobre a grama, contentando-se a filha em contemplar o animal da janella do primeiro andar.

Vejam neste exemplo, leitoras, a antiga alliança da mulher e da serpente. Data do paraiso, quando o nosso primeiro pae aguentou o repuxo por causa da maçã. O que não impede, porém, as mulheres de usarem cintos, bolsas e sapatinhos da preciosa pelle de suas amigas tradicionaes...

CLAUDIO FRANÇA

DR. VITAL SOARES

No scenario brasileiro, neste momento de crise politica, felizmente já quasi vencida, o nome do dr. Vital Soares, Governador da Bahia e escolhido Vice Presidente da Republica, como companheiro de chapa do sr. Julio Prestes, é um dos que mais se têm imposto. Administrador consciencioso e esclarecido, politico idealista, discipulo de Ruy Barbosa, vio pela lealdade de sua attitude e pela altivez do seu procedimento, aureolar-lhe a individualidade, um prestigio seguro. E reune a essas qualidades de primeira ordem o valor intellectual, decerto não muito commum nos arraiaes da politica nacional.

O sr. Vital Soares é um orador de primeira ordem pelo brilho da forma e pela profundez dos conceitos. Burila a frase como escriptor, ama as bôas letras, cultiva a arte de bem dizer e, para bem pensar, alicerça-se numa cultura digna de nota. Com semelhantes dotes intellectuaes, forçoso é reconhecer nelle um vulto invulgar de estadista e de homem de gabinete, amoroso do estudo e dedicado á arte.

S. ex. o dr. Vital Soares, governador do Estado da Bahia.

Seu governo na Bahia tem-se notavelmente distinguido pela honestidade e pela tolerancia, pela intelligencia e pela actividade, imprimindo ao grande Estado do norte uma directriz segura e efficiente e um surto novo e forte de progresso.

A escolha do nome do dr. Vital Soares para a Vice Presidencia da Republica foi o resultado fatal de uma bella actuação na administração e na politica desde a Camara Federal, onde o prestigio do seu nome se fez de modo definitivo. Ainda recentemente, no livro de Discursos e Conferencias que publicou, se evidenciaram as **suas** qualidades de verdadeiro homem de letras, digno dos justos encomios que recebeu da critica em geral e mesmo de maiores recompensas.

Tendo brilhantemente vencido todas as grandes etapas de sua carreira de politico e de administrador, vencerá outras e verá seu nome com justiça apontado entre as culminancias mentaes do Brasil.

O Governador Vital Soares é um desses homens que em qualquer posição estão á vontade pelo seu merito pessoal.

Palacio Rio Branco — Bahia. — Séde official do governo.

Trecho da grande avenida á beira-mar, que vai da cidade da Bahia ao rio Vermelho, uma das mais lindas do Brasil. Ao fundo, o pharol da Barra.

A BAHIA DE HOJE

A Bahia é a cidade mais tradicional, mais cheia de historia e de lenda do Brasil. Velha capital da Colonia, ella teve sempre papel preponderante nos fastos da nacionalidade e o tempo somente tem feito augmentar-lhe o prestigio e a nomeada. Por elles o Brasil inteiro a admira e a ama como o seu proprio berço, terra escolhida pelo destino para o alvorecer da conquista e para os dias mais gloriosos da Independencia.

Actualmente, passa por uma transformação completa e o seu esplendido desenvolvimento a orna de novos brilhos. A administração efficiente e elevada do governador Vital Soares, auxiliado por homens de trabalho, cultura e intelligencia como o prefeito Francisco de Sousa, vae traçando á cidade do Salvador rumos novos e levando-a a um ponto notavel de desenvolvimento que, em breve, a tornarão uma das mais progressistas capitaes brasileiras. A belleza de sua situação excepcional, o perfume de seu passado glorioso, a riqueza sem par de seus monumentos dão á Bahia tudo quanto é necessario para ser uma urbs admiravel. E do valor de seus actuaes governantes ella pode esperar todos os triumphos.

Outro trecho da mesma avenida, uma curva de lindo aspecto.

O PREFEITO DA BAHIA

Dr. Francisco de Sousa, prefeito de São Salvador.

Entre os auxiliares do fecundo governo do doutor Vital Soares, é figura de inconfundivel relevo a do Prefeito da capital bahiana, dr. Francisco de Sousa. A excellente direcção que imprimiu o mesmo aos negocios publicos da grande cidade tem tido fructos optimos a colher: diminuição de despesas, regularização do serviço de dividas estrangeiras, reducção do grande passivo municipal, augmento auspicioso das receitas, melhoria das condições de vida da população, incitamento da iniciativa particular, progresso do systema de communicações, crescimento dos arrabaldes, realização de obras novas visando a belleza e a utilidade, surgimento de ruas, crescimento do numero de construcções, etc.

Essa rapida resenha do que se tem executado na cidade do Salvador demonstra claramente o que tem sido a esplendida administração do actual prefeito, em bôa hora escolhido pelo governador Vital Soares.

Assim, a capital bahiana se enfileira entre as melhores cidades do continente sul americano. Os arranha-céos sobem para o céo azul. Os ascensores modernos sobem e descem, ligando a parte baixa e a parte alta, em torres de cimento armado. Um grande hotel se ergue no meio da urbs.

O popular e prestigioso jornal *A Tarde*, brilhantemente dirigido pelo notavel deputado Simões Filho, eleva o seu novo e alto edificio. O bairro commercial vê construirem-se como por milagre ruas novas. Os predios modernos dos bancos e das grandes casas commerciaes desafiam a admiração. Desapropriam-se os velhos casarões. Melhoram-se as ladeiras. Modificam-se calçamentos. Os bairros residenciaes surgem risonhos e sadios. E o amor das coisas antigas não desapparece na actividade febril do momento.

Antes pelo contrario. Um dos cuidados do operoso prefeito foi salvar do criminoso abandono e custodiar dignamente o precioso archivo da cidade, cellula mãe do Brasil que hoje occupa salas magnificamente decoradas e mobiliadas, podendo ser facilmente consultado.

O que torna mais digna de encomios a administração do dr. Francisco de Sousa é a realização de tanta coisa sem operações de credito, com os proprios recursos do municipio e o seu excellente tino administrativo.

O bello palacio da Prefeitura da Bahia.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

SEMPRE que se sorri é preciso que a gente se interrogue — aconselhava Stendhal num de seus livros. Porque ninguem sorri atôamente: haverá um motivo, uma razão, qualquer coisa a se esconder atravez de um sorriso, como ha, atraz, não, mas na frente deste em que meus labios se descerraram nesse momento, a "coisa" que o determinou.

E essa coisa, uma coisinha do outro mundo, é um lindo pedacinho de mulher que está a dansar, agora, brejeira e irrequieta, no salão de festas de meus olhos: Melindrosa, Melindre, sempre ella — a querida bonequinha sarapintada e sapéca desta creança grande que sou eu — o maluquinho do seu Esaú, como ella me chama quando está em... "ponto" de... bala, de pirolito de caricia...

*

MAS, vamos, venhamos e convenhamos, um homem apaixonado, na minha idade, já com as primeiras neves do tempo a lhe enfeitarem a cabeça, dando a esta um certo tom de austeridade, de bella varonilidade, é uma coisa simplesmente ridicula. Ridicula e idiota á bessa.

E, por isso mesmo é que, emquanto estava a sorrir, satisfeito commigo, cheio de Melindre, melindroso até os ossos, vinha procurando comprehender o verdadeiro sentido do meu sorriso.

*

ANTES não o tivesse feito, porque ainda agora estaria a sorrir beatificamente, imbecilmente, deliciosamente, para a figurinha gentil e galante que faz o encanto e a delicia das primicias da minha cabulosa velhice.

Stendhal poderá ter sido e foi, realmente, um grande escriptor. O romancista de Le Rouge et Le Noir acabou, porém, como psychologo, vendo o vermelho no preto e o preto no vermelho. Senão não aconselharia nunca a um homem que busca illudir-se que se interrogasse toda vez que estivesse a sorrir.

*

FOI um desencanto para mim a experiencia. Um desencanto e uma tristeza, que logo me dominou todo o ser, desfazendo em meus labios o sorriso amigo e despreoccupado que me vinha illuminando a alma e confortando o coração.

ALDO Prado, autor dos «Ensaios de um novo», apparecidos em 1921, dos «Novos do Ceará no Centenario da Independencia», publicados em 1922, e que tem no prélo um livro de chronicas, intitulado «Evas de hoje». E' nosso collega da imprensa de Fortaleza e alumno da Faculdade de Direito do Ceará.

AMAZONAS Aragão é o joven escriptor paulista que acaba de publicar uma formosa «plaquette» de contos, «A mulher de preto». Esse livro nos apresenta uma intelligencia moderna, vivida e perspicaz, a serviço de um observador risonho, que vê a vida contemporanea através do seu verdadeiro prisma. Todos os contos d'«A Mulher de preto» despertam um interesse crescente, pela originalidade das narrativas.

Um desencanto porque logo fui chamado á realidade das coisas. Todo o orgulho, toda a vaidade do homem que ainda tinha a veleidade de suppôr que Melindre o amava porque ella era capaz de inspirar um grande amor — tudo desappareceu — quando comecei a analysar as razões do meu sorriso de embevecida maluquice.

E ella — a sirigaita — que tinha deante dos olhos, tambem a sorrir para mim, logo começou a me fazer fiáu! fiáu! com a mão na bocca.

Fiquei desalentado e sururú, de repente. Melindre, com os seus 18 annos, de certo não poderia estar presa a mim, que tenho duas vezes e picos a idade della.

"Papae Esaú... Papae Esaúzinho"... Vejam só! Pois é assim mesmo que ella me diz em certos momentos de intimas e camaradas expansões...

Comprehender é mesmo um mal; o raciocinio é um processo de desillusão...

Será que eu, realmente, já não sou o homem... ideal para uma sapeca como Melindre? Porque apezar de uns impertinentes fios de prata que, indiscretamente, estão a indicar a minha meia idade, dizem as melindrosas da cidade que sou um "typão"... E, francamente, tambem me considero capaz das mais altas cavallarias amorosas. Quando digo "cavallarias" quero referir-me a aventuras de cavalleiros andantes do amor.

*

OU será que, de facto, trago Melindre pelo beicinho? Quem sabe lá! Mulher é um bicho capaz de tudo e dizem os matutos da minha terra que ellas — as mulheres — só não casam com o carrapato porque não sabem distinguir o macho da femea... Podem enganar-se, como eu tambem posso estar enganado agora.

Mas, vou verificar tudo isso tirando a prova dos nove desse suspeito béguin de Melindrosa por mim, porque o meu, por ella, esse é mais que real, infelizmente para meu maior tormento e aggravo de meus peccados...

Contarei depois como se tira a prova dos nove a um amor qualquer...

ESAÚ & JACOB

O imponente edificio do Moinho da Luz, á rua Benedicto Ottoni.

A Visita do Sr. Presidente da Republica ao Moinho da Luz

O Moinho da Luz é um grande estabelecimento de moagem que fica situado á rua Benedicto Ottoni e pertence á Companhia Luz Stearica. Acha-se installado em um amplo edificio de cinco andares, solida construcção de cimento armado que se ergue numa vasta área de terreno.

Dotado de apparelhagem moderna, o Moinho da Luz produz, diariamente, 300.000 kilos de farinha de trigo, occupando em todos os seus serviços permanentes apenas 150 homens, divididos em turmas que trabalham de dia e de noite.

O sr. presidente Washington Luis chegando ao Moinho da Luz, para a visita de sabbado ultimo.

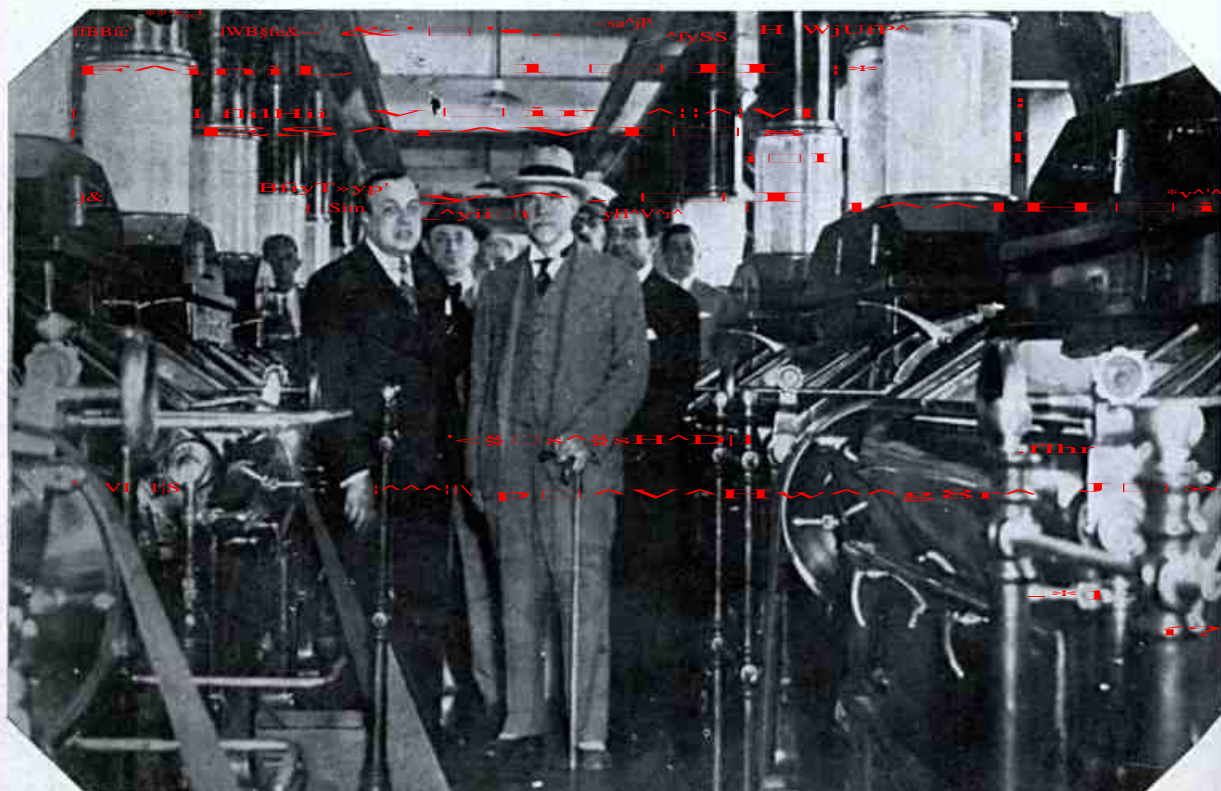
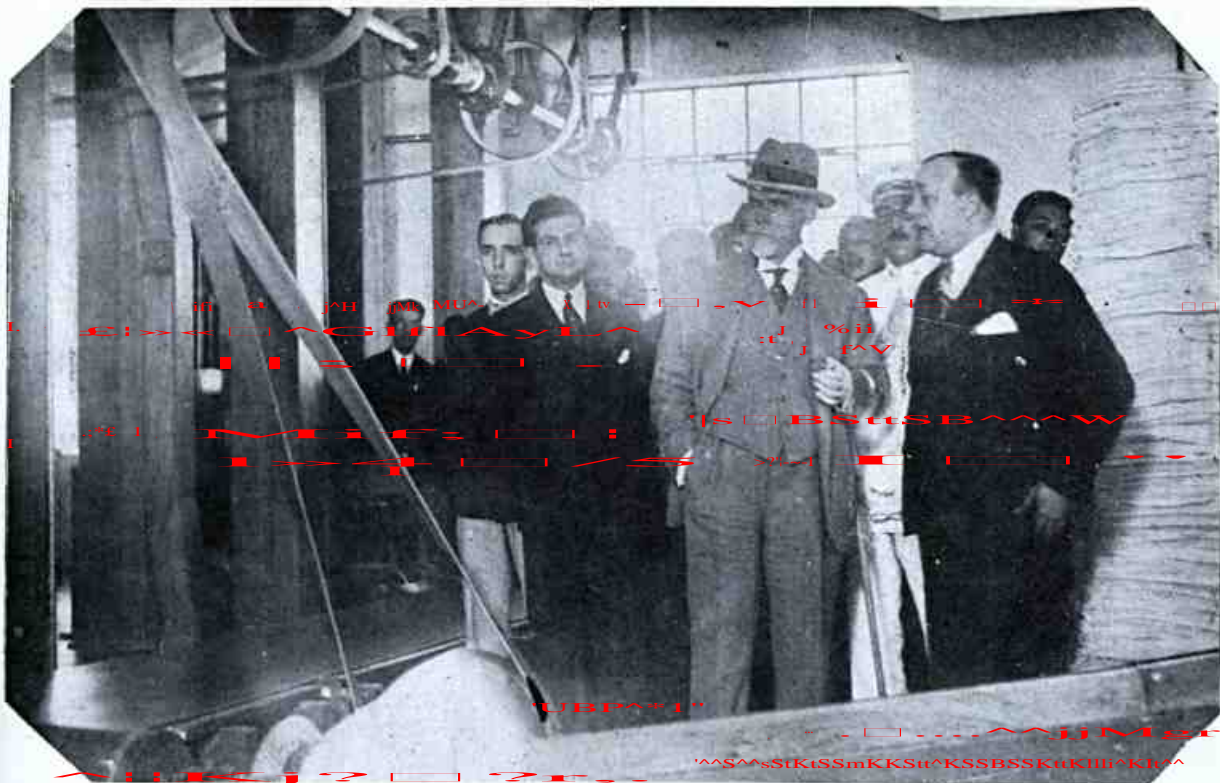
Suas machinas são as mais aperfeiçoadas que se possam desejar e evitam ao operario certos dispendios de energia que não devem prevalecer nos nossos dias.

Assim, todo o serviço do Moinho da Luz, além de muito rapido, é pratico e hygienicamente perfeito. E' um serviço que está de accordo com a vida vertiginosa do seculo.

Sabbado ultimo, o senhor presidente da Republica, dr. Washington Luis, visitou o Moinho da Luz, percorrendo detidamente todas as dependencias do importante estabelecimento da rua Benedicto Ottoni, que mereceram de s. ex. os mais francos e expressivos elogios.

Grupo no terraço do Moinho da Luz, vendo-se o dr. Washington Luis, os membros da comitiva presidencial e directores da Companhia Luz Stearica.

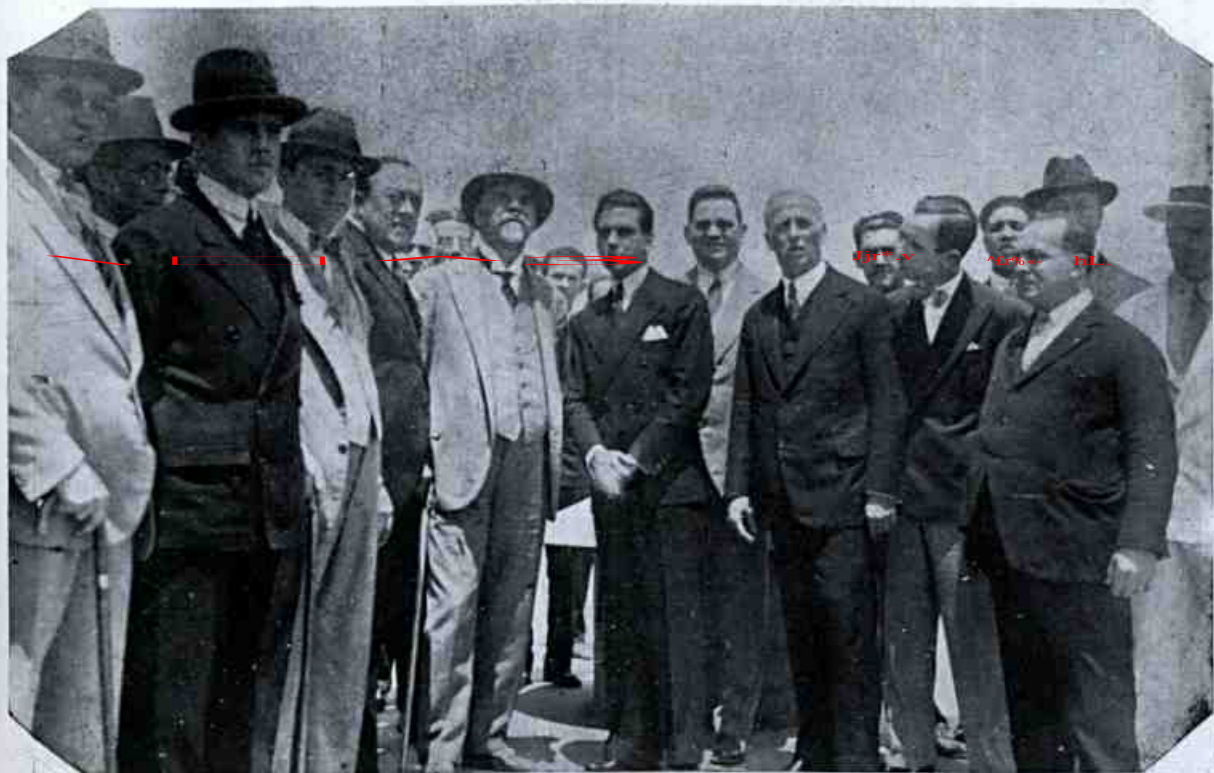
Acompanharam o chefe da Nação nessa visita honrosa o sr. ministro da Viação, dr. Victor Konder, os senadores paulistas Sampaio Vidal e Freitas Valle, o inspector federal de rios e canaes, dr. Hildebrando Góes, e o major Brasilio Carneiro, ajudante de ordens d[o] dr. Washington Luis.

O presidente da Republica e sua comitiva foram ali recebidos pelos directores da Companhia Luz Stearica, srs. Mario Rebello d'Oliveira, Raul Monteiro Guimarães, Senna Pereira e dr. Hel

O dr. Washington Luis no salão dos cylindros da moagem do Moinho da Luz.

S. ex. visitando a secção de ensaque, que mereceu especiaes elogios do presidente da Republica.

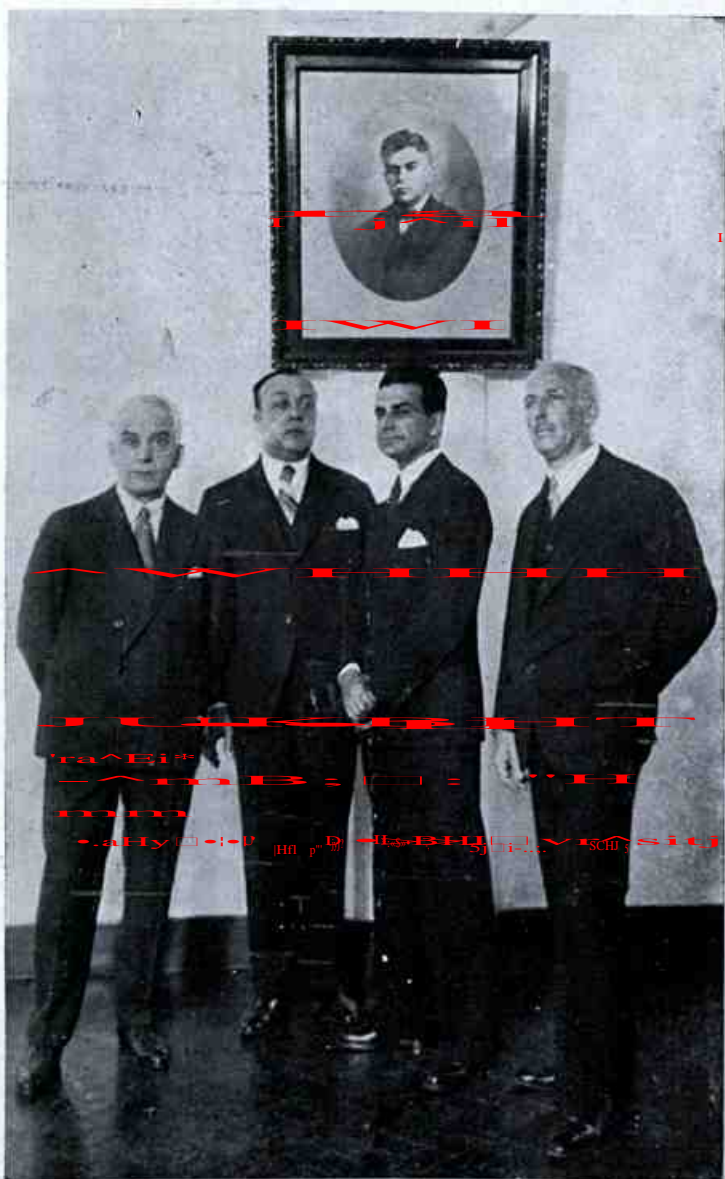
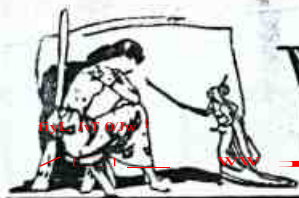
zer de Siqueira Gomes, estando presentes, tambem, algumas outras pessoas especialmente convidadas.

Depois que o dr. Washington Luis havia visitado todas as secções do Moinho, foi, então, offerecido a s. ex. e á comitiva presidencial lauta mesa de frios e bebidas.

*

A nossa reportagem photographica fixa os principaes aspectos da visita do sr. presidente da Republica ao Moinho da Luz.

Outra photographia no terraço do Moinho. Ao lado do dr. Washington Luis está o director-presidente da Companhia Luz Stearica, sr. Mario [illegible] de Oliveira.

PHOTOGRAPHIAS tomadas no armazem e na secção de transportes do Moinho da Luz, durante a visita do chefe da Nação. Ao centro, um aspecto da exposição de pães e massas fabricadas com farinha do Moinho da Luz.

O sr. presidente da Republica, na occasião em que deixava o edificio do Moinho da Luz, após a visita de sabbado.

Os directores da Companhia Luz Stearica, proprietaria do Moinho da Luz, junto ao retrato do saudoso industrial sr. Zeferino d'Oliveira, fundador daquelle importante estabelecimento. São os srs. dr. Manfredo de Lamare, Mario Rebello d'Oliveira, Raul Monteiro Guimarães e Francisco Senna Pereira.

VARINHA DE CONDÃO

Nas casas modernas nenhum espaço se perde. Dos recantos tiram-se sempre partidos vantajosos.

Muitas plantas ultimamente desenhadas não comportam o vestibulo. Em muitas o hall da escada não é separado e constitue apenas um prolongamento, seja da sala de jantar seja da sala de entrada. Nestes casos maior esmero ainda elle deve merecer do decorador, afim de não enfeiar essas peças.

Para aproveitar espaço ou para ornar um recanto que faz parte de uma sala bem mobiliada, eis na fig. A como se póde transformar o saguão da escada num util e gracioso vestiario, ao mesmo tempo que num recanto silencioso para uns momentos de leitura.

O pequeno porta-chapéos de madeira envernizada, terminando num *abat-jour* de cretone, bem como o espelho com uma gaveta contendo escovas, pentes, pó de arroz, *rouge*, serão de grande utilidade por occasião de uma festa, afim de evitar que os convidados sejam forçados a entrar nos quartos para se arranjarem na hora da sahida. No canto um triangulo de madeira supportando cabides ladeado por algumas prateleiras, tendo uma cortina de chitão que recobre tudo, forma um pequeno movel pratico para guardar os chapéos de cabeça e as capas das visitas.

O sofá com pratileiras para livros é um dos *leit-motif* frequentemente repetidos nos mobiliarios modernos. Esse traz a estante no alto, presa á parede como um friso formando angulo. E o mesmo chitão da cortina cobre o sofá e forra a parede no espaço que medeia entre este e a prateleira.

Não se esqueçam de que a madeira de todos esses moveis deve estar de accordo com a da escada.

(Fig. A)

CIVILIDADE — A pessôa bem educada é sempre, em toda circumstancia e com qualquer pessôa, na intimidade do lar como em publico.

As attitudes podem variar segundo o ambiente, porém de um modo geral a bôa educação deve ser intima e inherente á pessôa e não uma capa que se veste e logo se despe por incommoda.

E' um grande erro crer-se que por se tratar de uma pessôa da familia ou de um amigo muito intimo, tudo é permittido; não ter cerimonia com alguem não quer dizer: não ter delicadeza. Muitas vezes um gesto de excessiva desfaçatez, como que rejeitando a possibilidade de um pequeno sacrificio, dóe mais feito por um ente querido do que por um indifferente.

Mesmo com uma pessôa desconhecida que se nos dirige, devemos ser cortezes; ignoramos quem ella seja, e o que de nós pretende, e arriscamos envergonharmonos depois si a recebermos com modos rispidos ou desconfiados.

Ainda que seja pobre e até maltrapilho quem nos fala, nem por isso estamos dispensados de sermos delicados: a offensa feita a um desgraçado deve clamar mais ao céo do que a humilhação imposta a um poderoso da terra.

Embora saibamos mal educado ou mesmo indigno alguem, podemos evitar sua companhia, mas si forçados a tratal-o, nossa polidez que se resguarde na maior reserva possivel, mas que não deixe de ser polidez.

O homem educado que responde a um incivil com uma incivilidade, iguala-se a elle; o homem de trato fino que se refugia na altivez de sua elegancia moral, dá uma licção ao indelicado e lhe responde melhor do que com o peior dos insultos.

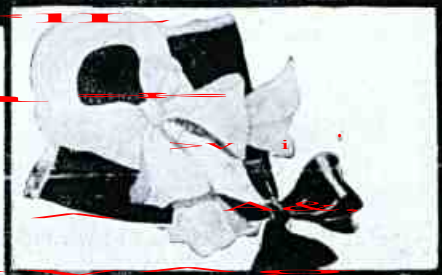
JOIAS SUMPTUOSAS — O que torna notavel a arte da ourivesaria moderna é a sobriedade de linhas a par da graça caprichosa, da inegualavel delicadeza nos detalhes.

A reconstituição das pedras preciosas, tirando aos ourives o remorso de recortar pedras de um

valor inestimavel veiu libertar a arte da monotonia da antiga lapidação. Esta hoje em dia é livre de realizar as formas mais originaes e caprichosas.

Fouquet apresenta essa pulseira composta de motivos quadrados, de onix emmoldurando cabochons de esmeralda e separados uns dos outros por elos de platina e diamantes miudos.

Tambem de Fouquet essa corrente de diamantes de elos cylindricos e pendentif feito de um grande cabochon de esmeralda; annel combinando com o pendentif, de esmeralda enfeitado de diamantes.

Chaumet realizou esse colar de diamantes, rubis e esmeraldas cinzeladas numa mescla original em que essas tres pedras alternam em ordem irregular numa feliz mistura de côres.

(Fig. D)

VARIEDADE, FLEXIBILIDADE — são as caracteristicas dominantes dos chapéos modernos. Os de palha geralmente são ou pequenos, sem aba, formando boinas e tricornios ou bicornios ou então grandes capelinas emmoldurando graciosamente os rostos.

Florence Walton expoz esse modelo da fig. D; é de palha luciol negra preguecada de modo a formar uma especie de gorro alongado de um lado.

AINDA E SEMPRE ECHARPES — As écharpes estão cada vez mais de rigor. Um figurino francez dizia, no seu ultimo numero referindo-se á silhueta obrigatoria para as sahidas matinaes: "e principalmente não esqueceis a "écharpe". O moderno modo de usal-a é feito uma grande gravata dando no pescoço um nó volumoso. Entretanto a moda precisa ser intelligentemente applicada — sempre. E' claro que essa maneira de usar uma écharpe ficará horrivel numa mulher cheia de corpo ou de pescoço curto, sendo graciosa apenas para as magras, as altas, de pescoço comprido.

Outra circumstancia a considerar é que lá em França actualmente é outomno, entrada de inverno; e aqui entrada de verão. Seria barbaro e ridiculo abafarmos assim o peito e ficarmos a transpirar.... como si estivessemos com torci-colo ou dôr de garganta.

Minhas amiguinhas patricias que aproveitem a idéa por emquanto apenas para usarem sem susto suas écharpes levemente atadas nas tardes ou manhãs chuvosas e nas sahidas de bailes e theatros.

Eis na fig. D, em baixo do chapéo de Florence Walton uma écharpe de Marie Alphonsine, de feitio muito novo; é de crêpe branco e de crêpe negro, dividindo-se em quatro pontas que se atam separadamente.

CINDERELA.

O SILENCIO AMIGO

De JACQUES NORMAND

HA muitos annos já, falou-se, largamente, de uma certa *Liga para o Silencio*, fundada por uma dama americana ou ingleza, não sei bem ao certo.

Semelhante a numerosas ligas, para ou contra qualquer coisa, essa liga cahiu — é o caso de dizer — no silencio do esquecimento.

Ella seria, em qualquer parte, mais do que nunca, necessaria nos dias actuaes. A tyrannia do ruido tem singularmente augmentado. Em Paris, sobretudo.

De mortificante que ella era, tornou-se insupportavel.

Tramways multiplicados, auto-omnibus tragicos, terrificantes vehiculos destinados a esmagar as pedras e as pessoas; caminhões ferozes, autos de vozes differentes, bicycletas, motocycletas, *triporteurs*, carros de leiteiros e dos correios, chicotadas que estalam no ar, gritos impertinentes dos senhores açougueiros, dos padeiros e mercieiros; casas em construcção...

Passo por tudo isso, e sinto quanto são aggressivos esses barulhos confusos ou estridentes.

* * *

Obrigados a defender o pobre corpo contra os innumeraveis perigos da rua, os infortunados parisienses devem tambem proteger os seus ouvidos dos ruidos que os perseguem, não sómente na rua, mas tambem nas suas casas, taes como: o rumor dos ascensores, a vibração das campainhas, passadas ou danças dos co-locatarios, trepidação dos vidros e dos moveis na vizinhança do metro, pianos e outros instrumentos de tortura musical que autorizam os pacientes a modificar assim o verso famoso de Musset:

"*Mére de la Douleur, Harmonie, Harmonie!*"

E tu, tu, sobretudo e antes de tudo, Nero dos interiores, Caligula do *home*, bemfazejo e odioso telephone!

* * *

Essa invasora multiplicidade de ruidos já se tornou — não ha a menor duvida — uma das principaes causas do exodo dos citadinos para a montanha, para os campos, para o mar, durante o verão. Elles são forçados a procurar o silencio, o divino silencio, o repouso. Mas ali, elles os encontrarão sempre?

* * *

No mar...

Estão nas praias claras, deante do oceano. Ha ahi o suflar continuo do vento, o furor das vagas, os silvos lugubres das embarcações a vapor, lamentações funerarias das sirenes, *dancings* dos casinos mais ou menos proximos, conversações muitas vezes mais que incommodas dos vizinhos de hotel, malas descarregadas, ascensores ininterruptos, etc., etc.

Na montanha...

Que ha na montanha?

Torrentes e cascatas, chocalhos de tropas e boiadas, mugidos de gado, balar de ovelhas, auto-carros correndo nas estradas, precipicios, avalanches — ruido terrificante, — raro, felizmente.

Nos "centros de excursão", ao amanhecer, partidas alegres — para elles — amadores dos cimos dos montes, que, achando pouco longas as jornadas, experimentam a indiscreta necessidade de começal-as duas ou tres horas mais cedo que o commum dos mortaes...

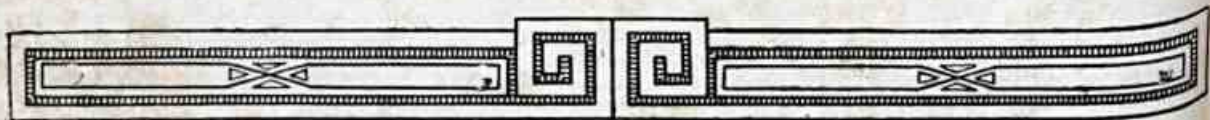
* * *

No campo, o que se passa, não é menos curioso: estralejar de arvores torcidas pelo vento, queixas romanticas e voz de cães, ladrando á lua, suspiros prolongados das locomitivas arrastando para pontos diversos os corpos humanos amontoados como harengues em caixas estreitas; cocoricos autoritarios dos gallos que, depois que sahiram da Arca de Noé, se julgam no dever de annunciar a aurora, — como si ella não se annunciasse por si mesma; arrulhos de pombos que se amam, perpetuamente, com um terno e suave amor; chilreios de passaros, concertos burguezes de sapos; batalhas de gatos sobre os telhados e ratos na despensa; emfim, em certos logares, a *serenata* alegre dos divertidos que, com uma intenção puramente interessada, de resto, se enchem, por nós, de uma affeição nocturna, subita e communicativa, que nos fórça, segundo a energica expressão popular, a lhes "coçar a pelle"...

* * *

Um artista de grande talento, procurador e realizador de idéas, sr. Lévy Dhormer, pintou, ha já alguns annos, um quadro intitulado: *O Silencio*.

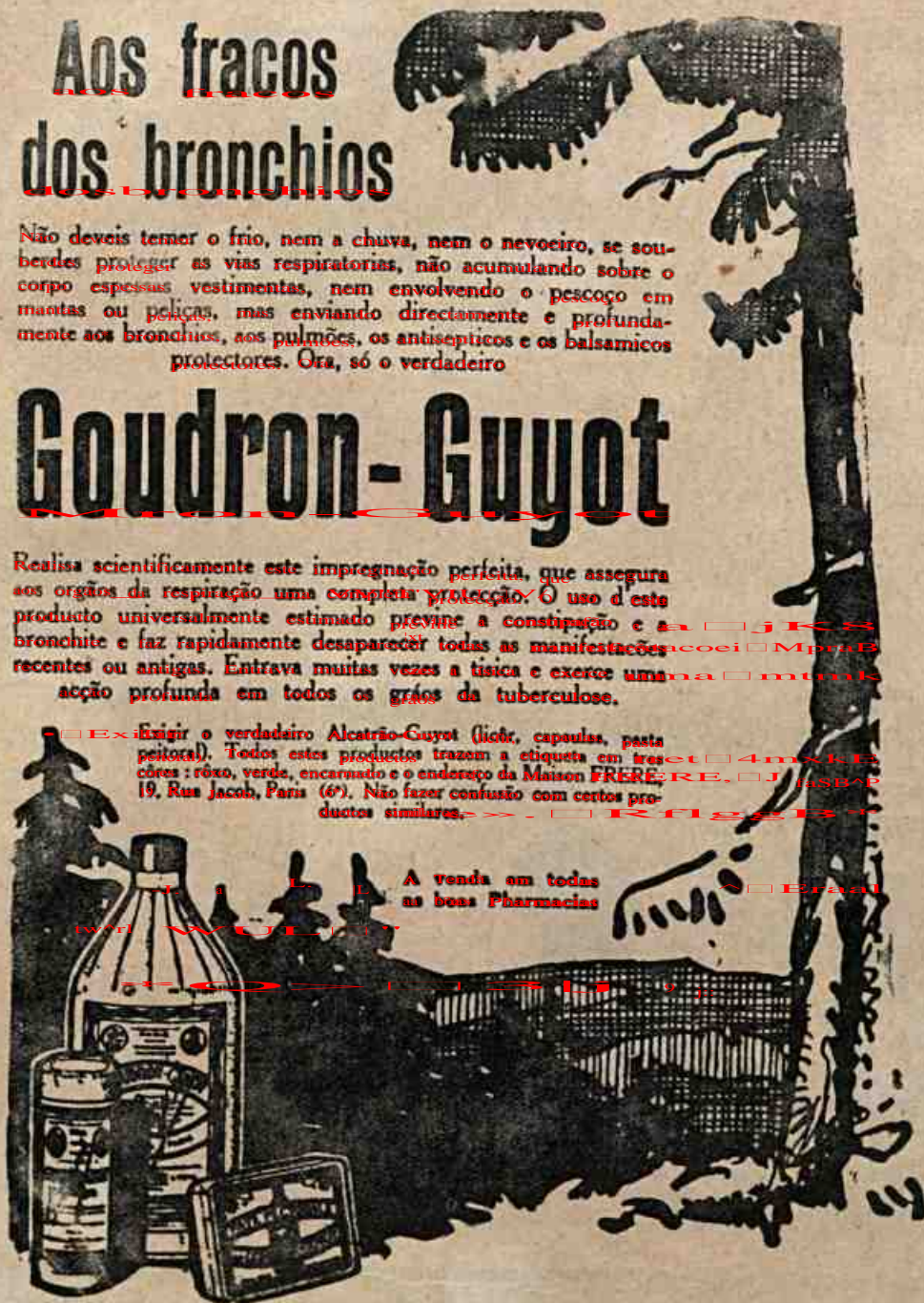
E' um busto de mulher cujo rosto está pudicamente escondido em véos sombrios de dobras harmoniosas que lhe dão a apparencia de uma vestal romana. A noite mysteriosa envolve a terra. No céo brilham estrellas taciturnas. O mar, prateado pela lua, se estende ao longe, calmo e sereno. A impressão da obra é bella.

Mais de uma vez, quando estou irritado, enervado pelos ruidos humanos, acontece que revejo, em pensamento, essa linda imagem. E para mim é um consolo, um infinito consolo...

Não deveis temer o frio, nem a chuva, nem o nevoeiro, se souberdes proteger as vias respiratorias, não acumulando sobre o corpo espessas vestimentas, nem envolvendo o pescoço em mantas ou peliças, mas enviando directamente e profundamente aos bronchios, aos pulmões, os antisepticos e os balsamicos protectores. Ora, só o verdadeiro

Goudron-Guyot

Realisa scientificamente este impregnação perfeita, que assegura aos orgãos da respiração uma completa protecção. O uso d'este producto universalmente estimado previne a constipação e a bronchite e faz rapidamente desapparecer todas as manifestações recentes ou antigas. Entrava muitas vezes a tisica e exerce uma acção profunda em todos os grãos da tuberculose.

Exigir o verdadeiro Alcatrão-Guyot (licôr, capsulas, pasta peitoral). Todos estes productos trazem a etiqueta em tres côres: rôxo, verde, encarnado e o endereço da Maison FRERE, 19, Rua Jacob, Paris (6°). Não fazer confusão com certos productos similares.

A venda em todas as boas Pharmacias

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

EMQUANTO A CIDADE DORME

DA METRO

Cinema GLORIA — Lon Chaney deu-se ultimamente para se repetir. Sem lhe negar qualidades estrionicas notaveis, é certo que somos abrigados a concluir que a maior gloria da sua arte está nas suas realizações typicas. Fóra d'isso, em almas normaes, elle é sempre egual e sem grande relevo. Nste film da Metro que o Gloria exhibiu, o primeiro logar não cabe ao eminente artista. Annita Page e Carrol tomavam-lhe a situação. Mercê do argumento... Talvez. O desencadear da acção traz-nos maior interesse por aquellas figuras. N'esta pellicula ha só dois aspectos a considerar: o argumento e a interpretação. A parte technica não foge d'um trabalho vulgar. O argumento é interessante, sem possuir, comtudo, grande originalidade. Prende e commove. Merece applausos por essas circumstancias, que são a finalidade logica de todo o bom argumento. A interpretação é bôa. Está á altura do valor do enredo. Dito isto, parece que está dito tudo. Firme-se, emfim, que o film é bom pela acção e pela realização.

Cotação — BOM

HERANÇA COMPLICADA

DA PATHÉ

Cinema PATHE' — Ambiente: provinciano da Norte-America. E'poca: os meados do seculo passado. Assumpto: a banalidade d'um romance de amor em torno d'uma fortuna, deixada por um tio rico. Interpretes: os bons artistas Edith Roberts e Stuart Holmes. A fitinha, tem já uns cabellinhos brancos. E' além d'isso, mole, mole, mole. A acção arrasta-se sem interesse, com pouca pressa de acabar, torturando a nossa pacien

SABONETE

Dorly

PERFUMARIAS LOPES

RIO
SÃO PAULO

Preço por Preço, é o melhor

E AINDA SUPERIOR A OUTROS MAIS CAROS

Dorly

Á venda em todo o BRASIL

UM BOM CONSELHO!

Quando o senhor soffrer do ESTOMAGO, tome

do Dr. VICENTE

Appr. D. N. S. P. Sob o Nº 169 em 24-3-1927

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as pharmacias

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Continuação*)

cia. A direcção cochi ou um pouco nos cuidados da indumentaria da época, talvez porque o assumpto não merecia grandes cuidados. Para que não concedamos uma cotação depreciativa, temos de attender á interpretação, que é superior ao merito do film.

Cotação — SOFFRIVEL

A NAÇÃO QUER UMA CREANÇA

DA UFA

Cinema RIALTO — Um film alegre. Os "studios" germanicos não são muito ferteis no genero. Preoccupam-se mais em fazer do cinema uma arte de altos intuitos idealistas. Uma arte, na verdadeira acepção do termo, embora servida por processos muito especiaes. Esta segue a tendencia norte-americana, de situações inverosimeis e futeis. Não peçam logica ao argumento. Uma bôa comedia alegre, com um accentuado espirito moderno, tem de ser isto mesmo. As situações mais inverosimeis tem de ser acceitas. Este trabalho da Ufa é, no genero, modelar. Enredo espirituoso — uma "charge" no feminismo. Interpretação viva, esfusiante de graça, movimentada e cheia de naturalidade. O que mais interessa são as scenas humoristicas adaptadas ao fio da acção. Trata-se, pois, de um film alegre, dos mais divertidos que tem vindo ás télas cariocas. Como tal tem de ser considerado e como tal nos merece com justiça a

Cotação — BOM

TORTURA

OLHOU com profunda tristeza a noite, que, como uma affronta ao seu desespero, se alongava serena e luminosa para além da sua janella aberta, e, estendendo, num gesto lasso, as mãos tremulas e pallidas de emoção, elle tomou de sobre a mesa um estojo de couro preto. Abriu-o, e, tirando de dentro um pequeno revólver, acariciou-o quasi com volupia: elle iria pôr um fim ao doloroso tormento daquelles dias...

* * *

Naquella manhã — uma manhã gloriosa de verão — quando, antes de sahir para o trabalho, ao remexer, como de costume, os bolsos de seu paletó, elle verificára que perdêra (perdêra ou lho teriam roubado?) a grande somma, que o seu patrão lhe confiára na vespera, a sua surpreza fôra tão grande, que elle ficára como que petrificado, com o cerebro ôco, sem uma idéa, sem um pensamento!... Depois, quando, mais sereno, conseguiu coordenar as idéas, remexêra, de novo, com soffreguidão e desespero, numa doida esperança, todos os bolsos. Mas era verdade! Fôra um fatal atrazo do seu relogio que o fizéra chegar um pouco tarde ao Banco, obrigando-o a guardar comsigo, para depositala no dia seguinte, a valiosa somma. Ao chegar em casa, esquecêra-se de guardal-a, e, á noite, sahira, como de costume, a perambular pelas ruas do arrabalde. Lembrou-se que, ao passar por uma rua estreita e escura, aonde o levára a sua curiosidade, fôra empurrado por alguns individuos, que lhe deixaram a impressão de o terem feito propositalmente. Mas que fazer, sem um indicio, sem uma prova que o ajudasse?

Começou, então, a tortural-o a duvida sobre a maneira com que o chefe e os collegas receberiam aquella noticia. Tinha um vago presentimento de que não acreditariam nelle: pensariam que era uma mentira — uma vulgar mentira — a perda do dinheiro, e não duvidariam em affirmar que elle o jogára, pois que, infelizmente, todos sabiam que, ás vezes, procurava no jogo a sua distracção. Fôra, porém, sempre honesto, e nunca lhe passára pela mente jogar um real que não fosse seu.

Mas a maldade do mundo lhe ensinava que, amanhã, quando, afflicto, elle narrasse a verdade, ninguem o acreditaria. O chefe mandaria abrir um inquerito, e os jornaes, avidos de escandalos, dariam, em letras grandes, o seu nome como o de um ladrão; seus collegas mais queridos tornar-se-iam retrahidos para com elle; os que o invejavam teriam, para elle, um sorriso ironico de insulto; seus parentes repudial-o-iam; e os companheiros do club, todos os da sua sociedade, o apontariam quando elle passasse.

A esta imagem, a que o seu cerebro atormentado emprestava as mais vivas cores, elle sentiu um suor frio e uma suffocação de angustia. Não. Elle não podia viver com o estigma injusto que o mundo lhe poria!

E, allucinado, só teve uma idéa que o livrasse da vergonha: fugir. Realizando a sua idéa insensata, corrêra á estação, e tomára o primeiro trem que apparecêra — sem saber sequer para onde ia!

Agora, elle ali estava, numa cidade estranha — que o seu desespero tornava intoleravel — num pequeno quarto de um hotel sem conforto, e tendo, sobre uma mesa velha, os jornaes que o accusavam impiedosamente.

Lêra e relêra, com soffreguidão e angustia, todas as noticias, todas as deligencias da policia no intuito de descobril-o, e os depoimentos de todos os collegas, onde soubéra esta coisa espantosa: os seus amigos — como os seus inimigos — tinham dito que elle era um jogador incorrigivel! Só a mãe, velhinha, tinha jurado sobre a sua innocencia. E, ao ler a audaciosa defesa que ella lhe fizéra, pela primeira vez, depois que isto lhe acontecêra, seus olhos se encheram de lagrimas e deslizaram pelas suas faces maceradas, alliviando-o...

Foi, então, que, mais calmo, elle mediu toda a insensatez da sua fuga!

Covarde, não querendo enfrentar o mundo, e lutar pela justiça da sua causa, elle viera confirmar, com a sua fuga, uma falta que não commettêra.

Mais intensa, foi crescendo dentro delle a dôr-revolta: a de soffrer injustamente! Então, chegou quasi que a sentir o arrependimento de não ter roubado o dinheiro: os criminosos, ao menos, deviam encontrar um estranho allivio no castigo!

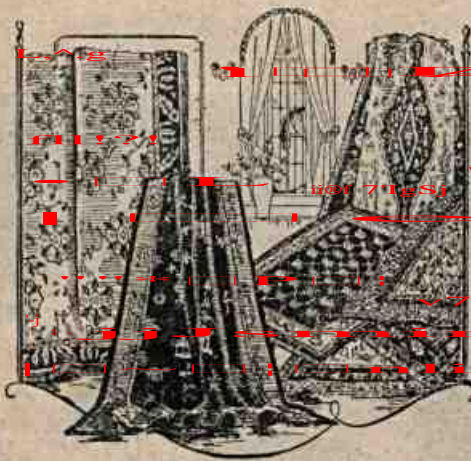
E agora que, de todo, o esforço para a sua defesa era inutil e vão?!...

* * *

O estampido de um tiro e o baque de um corpo despertaram a serenidade da noite luminosa...

CYRINO VAZ

TAPETES DE ARRAIOLOS

INDUSTRIA REGIONAL PORTUGUEZA

A ARTE EXPRESSADA EM OBRAS DE EXECUÇÃO MANUAL

Para os que sentem a arte, tudo o que se concebe e apresenta com sentimento artistico, é alguma coisa que vale a pena adquirir.

Visite as nossas exposições permanentes e examine o variado sortimento de tamanhos e desenhos, ou peça-nos o prospecto das dimensões e condições especiaes de venda d'estes afamados tapetes.

PREMIADA "HORS CONCOURS" NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 – RUA DA CARIOCA – 67 – RIO

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

QUEM FUMA?

TABACIL

cura o vicio de fumar

Fumar é perder saude, tempo e dinheiro

ARAUJO PENNA & C.

Rua da Quitanda, 57 — Rio de Janeiro

Exijam o legitimo

SABONETE CREOLINA

PARA BANHO E USO MEDICINAL

SABONETE VETERINARIO CREOLINA

COM O FACSIMILE DA LATA DE CREOLINA PEARSON NO VERSO DOS ENVOLUCROS

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERIA?

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Guiando-me pela data de nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas experiencias, todos podem ganhar na loteria, sem perder uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 100 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta este aviso — Endereço: Sr. Prof. P. Tong. Calle Pasco 1169, Buenos-Aires — Republica Argentina. — "Cite-se esta Revista".

ESPIRITO ALHEIO

— Escuta, Pepe: tu, que sabes tantas cousas, bem podias explicar-me o que é isso de capital e trabalho.

— Dir-te-ei. Empresta-me vinte mil réis, e é isso o capital.

— Perfeitamente.

— Ao cabo de algum tempo, queres que te devolva o dinheiro, como é natural.

— E' claro!

— Pois... ahi tens o trabalho...

AO CINEMA

— A senhora não podia fazer com que seu marido deixasse de roncar assim?

— Elle está incommodando os senhores, não é verdade? Impedindo-os de vêr a fita com tranquillidade?...

— Não. Mas nós tambem queremos dormir...

PRECAUÇÃO

— Já viu você, alguma vez, uma assembléa de mulheres onde haja reinado o silencio?

— Sim. Em uma occasião em que devia falar a mais velha...

— Por que não compraste a sepultura ao lado do teu marido?

— E' que elle roncava tão forte, coitado!...

O medico (distrahido, dirigindo-se ao condemnado). — E evite sahir á rua com este tempo.

O meu amigo Raul

JOSÉ BENEDICTO CURSINO

FUI á capital, visitar o meu amigo.

Ao defrontar com o portãozinho de ferro, verifiquei o numero, 48. Era alli mesmo a residencia do Raul.

O relogio da torre vizinha annunciava, em badaladas preguiçosas, as vinte e uma horas. Céo estrellado e limpo. Noite de junho. Do jardimzinho lateral, vinha um perfume frio e agradavel. Ouvi musica no interior da casa. Passados momentos, premi o botão da campainha. Premi-o novamente. Sahiu á janella um menino, que me perguntou:

— Quem é?

— Sou eu.

— Eu, quem?

— Vem cá.

O pequeno appareceu á porta, desceu ligeiro os quatro degráos de cimento, e se approximou de mim.

— Entre, disse-me, desaferrolhando o portãozinho.

— Menino, olha bem para mim. Conheces-me?

— Eu... me parece que já o vi aqui.

— Acha-se em casa o Raul?

— Sim. Está dançando. Entre.

— Dançando?

— Hoje é o anniversario de Leny, minha irmã mais velha.

— Ha muitas meninas bonitas ahi?

Elle, um pouco atrapalhado:

— Sim... Ha algumas familias. Por que o senhor não entra?

— Vae chamar o Raul, vae depressa.

Elle partiu correndo. Instantes após, um vulto de homem dirigiu-se a mim:

— Quem é?

— Ora, quem é! Quem ha de ser?

— Oh! illustre amigo! Ha quanto tempo!

— E' verdade. Faz muito tempo.

E nos abraçámos.

— Como passam os seus? perguntou-me.

— Bem, graças a Deus.

— Estimo.

— E sua familia, Raul?

— Vamos remando, não em mar de rosas como você.

— Ora, deixe disso. Raul, você está alegre hoje. Entrou na cerveja?

— Ou a cerveja entrou em mim. Vamos para dentro. E, enlaçando-me o braço, me levou para a sala de jantar, repleta de gente.

A um canto, a vitrola gralhava, gralhava que me punha afflicção na alma. Não me senti bem, no meio de pessoas completamente estranhas. Teria preferido encontrar o Raul sózinho.

Apresentando-me a seus convidados, Raul dizia:

— Este é mais do que um irmão para mim, é um velho e dedicado amigo...

— "Prazer em conhecel-o". "Prazer em conhecel-o".

E me apertavam a mão.

Depois, conduzindo-me para junto de uma linda menina, continuou Raul:

— Esta, pelos traços, bem se vê que é minha filha. Chama-se Leny. Faz hoje 15 annos.

— Que bella idade! E como está desenvolvida!

E dei-lhe os parabens, fazendo-lhe votos sinceros de uma existencia, longa e risonha.

Ella, toda candura, me agradeceu sorrindo.

Em seguida, cumprimentei a d. Eugenia, esposa do Raul. Achei-a fria e tristonha.

A victrola annunciou uma valsa, sólo de flauta, não me lembra o autor. Dancei com Leny. Que delicia! Rodopiando vertiginosamente em volteios, a menina me pareceu um sylpho em meus braços. Cançado, agradeci á minha dama gentil e sentei-me.

O Raul pediu a repetição da valsa. Era impagavel o vel-o voltejar com seu corpanzil pesado, errando constantemente o compasso...

Depois, sentou-se a meu lado.

— Então, seu malandro, ha quanto tempo não vem a minha casa!

— Em compensação, você não respondeu a uma só das cartas que lhe escrevi.

— Você me escrever! Não me escreveu nada! Vamos tomar um copo de cerveja. O' Leny, traga uma garrafa de cerveja e dois copos.

— Raul, não tomo bebida alcoolica.

Batendo-me no joelho com a mão espalmada:

— Hoje você toma, tenha paciencia. E' o anniversario de Leny.

— Pois bem, tomo; não precisa zangar-se.

Leny trouxe a cerveja.

Tocámos os copos á saude da encantadora anniversariante.

Quando estavamos a sós, o Raul, com o copo pelo meio, fez-me signal para uma senhora, elegante e sympathica, que estava em frente, e piscou-me...

Observei-a e olhei para o Raul, que sorriu, virando o resto da loura bebida.

Lá pela meia-noite, todos se retiraram. A casa voltou a seu esta-

O meu amigo Raul

(Conclusão)

do habitual. Um cheiro de extracto, de cerveja, de pontas de cigarro saturava o ambiente em desordem.

* * *

Dirigindo-me a d. Eugenia:

— A senhora parece triste.

— E não é para menos. A mulher tem sempre vida martyrizada.

— Entretanto, só vejo felicidade. Marido forte, trabalhador, filhos todos com saúde.

— O soffrimento moral ninguem o vê.

— Qual soffrimento moral, qual nada! O que ella tem é ciúme infundado, interveio o Raul.

— Então por que essa amabilidade extrema para com d. Laura?

— Amabilidade! Ella esteve aqui, nem dancei com ella.

— Bastava-lhe a presença della. Não fui eu quem a convidou.

— Ora si eu não havia de convidal-a!

— Quem é d. Laura? perguntei.

— E' nossa vizinha, respondeu-me o Raul. E' mulher do meu secretario. Eu tinha um candidato, quando fui nomeado chefe de secção. Mas o marido de d. Laura é primo do presidente. Foi nomeado contra a minha vontade.

— Fita! acudiu logo d. Eugenia.

— Mulher impossivel! resmoneou o Raul.

— Fita! tornou a dizer. Durante as horas em que você está no escriptorio, ella não se acha em casa.

— Como sabe disso?

— Já fui procural-a diversas vezes, e tive sempre a mesma resposta: "Sahiu".

O Raul, fitando-me com seus olhos merticos, cheios de somno, e acenando mollemente a cabeça pesada:

— Verdadeiro "Inferno" de Dante, meu amigo.

Em seguida, levantou-se e, com as mãos nos bolsos da calça, se poz a passear de um lado para outro, repetindo:

— Vou requerer divorcio; isto não póde continuar.

— Requeira, disse d. Eugenia.

E voltando-se para mim:

— Tenho ciúme delle porque lhe quero bem, não acha o senhor?

— Sim. O ciúme é um dos effeitos da amizade.

D. Carolina, sogra do Raul, velhinha, cabellos brancos, bocca falta de dentes e encovada, rosto amarfalhado, que, numa cadeira de braços, fofa e baixa, fazia um palitózinho de lã, rompeu o seu silencio:

— E'... Brigam, brigam e o resultado olhem ahi. E apontou para a cabecita, loura e tenra, do Paulo que, dormia no regaço materno.

Paulo, lindo menino de dois mezes, era o ultimo filho do casal brigão.

Com uma gargalhada, puz termo áquella rixa tão commum entre casados.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas.
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0177
Administração: C. 4186 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 37 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1411.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgate...

CALLOS
Uma gota do maravilhoso novo liquido em qualquer callo e a dôr desapparece n'um instante,—em menos de 3 segundos. O callo se enruga e desprende-se. Os médicos o recommendam e milhões de pessoas o usam. Cuidado com as imitações! A venda em toda a parte.
"GETS-IT"
Chicago, E. U. A.

O auto resfolegou com um ruido de asthmatico. O motor enguiça. Sente-se que a velha machina está soffrendo, sacudida de *frissons* como um cavallo doente. Seguramente, elle não irá muito longe. Um pouco inquieto, apezar de tudo, olho em torno a mim. Caminho áspero e pedregoso, cheio de espinhos e troncos seccos... Enormes rochedos negros... E nem um tecto, nem uma cabana, nem uma palhoça, um abrigo, que indique a vizinhança de uma aldeia. Durante uma hora, não encontramos alma viva; e, agora que a noite vae descendo, o que vemos é o deserto, o silencio.

Onde estamos nós? E' impossivel saber.

Não possúo carta e, quando eu o interrogo, o meu *chauffeur* annamita, agarrado ao volante, me olha aterrorizado, resmungando não sei o que...

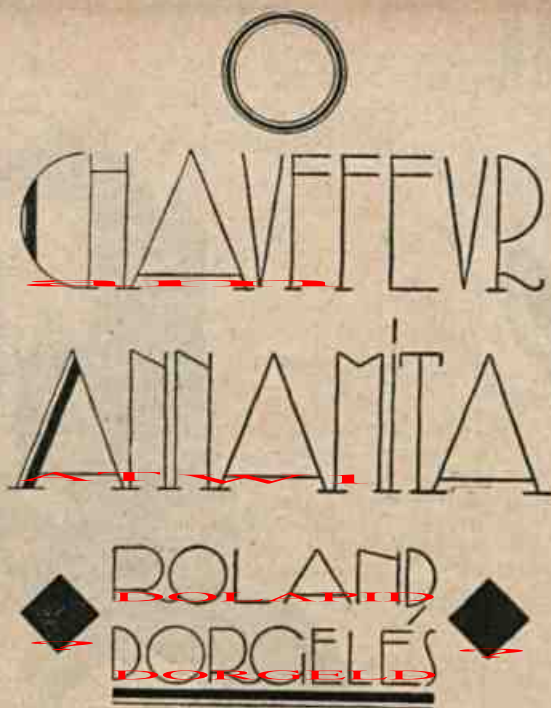
Certamente elle deve temer algumas pancadas. E' pena que eu não seja mau... Porque foi elle, o animal, que me arrastou a essa aventura.

Quando lhe perguntei, em Hanoi: "Podes levar-me a Vinh?", elle não hesitou um instante.

— Eu *poder!* — affirmou.

E tive a tolice de acreditar nelle!

Devia ter começado por conhecel-os primeiramente. "Chauffeurs", *boys, coolies-xe*, são todos a mesma coisa.

Seja por interesse, seja por venalidade, nenhum delles dirá que ignora alguma coisa.

Vinte vezes, fizera essa experiencia quando os *traineurs de pousse*, vendo-me sahir do hotel, se atiravam, em bando, ao longo da calçada, offerecendo-me a sua carruagem.

— Praça da Concordia! — gritava eu á multidão.

Todos elles se punham a gritar:

— Eu conhecer, eu saber!

Tomava um, ao acaso, e o homemzinho voava á frente do seu carro, a toda força, como si de facto elle conhecesse o caminho. Ao fim de algum tempo, eu o detinha:

— Então? E' para lá a Concordia?

Elle não comprehendia, mas percebia que estava enganado. Então, bifurcava, aereamente, á direita ou á esquerda, e continuava a trotar, voltando, ás vezes, a cabeça para me olhar, a bocca aberta, o chapéo em fórma de *abat-jour* enfiado á cabeça e ligado por um bridão, que lhe impedia o queixo de cahir.

Eu não os forçava a irem mais longe. Fazia-me pena ver aquelles bustos magros, palpitantes, luzindo de suor.

Via-me forçado a sentar-me em sentido diverso, os joelhos recurvos, na esperança de me tornar ainda mais leve; mas não conseguia senão pesar ainda mais, sobre os *brancards*; e ao primeiro olhar do pobre diabo, que surprehendia as minhas contorsões, eu o mandava embora, dobrando o preço da corrida.

Detrás de mim, elle devia carregar um colonial mais avisado, que não lhe dava endereço e se contentava em fazel-o chegar ao seu destino, limitando-se a gritar se quando em quando: *Mau-len* (1), para activar a carreira. E no dia seguinte, ia encontrar o mesmo "coolie", ou o seu egual, que berrava offegante: "Eu *conhecer!*" quando lhe dava ordens para me conduzir á praça Pigalle, ou á Opera.

Seria ainda um novo ardil, para ganhar mais alguns sous? Porque esses "pousse-pousse" são os mais astutos e miseraveis annamitas que nos servem, mas os boys conhecem bem outros trucs.

Engenhosos, certamente, e capazes de servirem um jantar de vinte talheres em uma casa sem baixella, nem linhos, mas ardilosos, espertos, dissimulados de tal modo que, mesmo estando prevenidos, somos sempre ludibriados por elles.

Conheci um joven funccionario que, chegado, havia pouco, para a agencia do correio, tinha tomado um cozinheiro, recommendado de um creado do seu collega de repartição.

No primeiro almoço, esse *bêp* (2), cheio de idéas culinarias, lhe serviu um peixe á guisa de entrada, — "un poisson aux nouilles, sau-podré de coco rapé".

— Muito bem — disse o funccionario — cozinha local.

E, por curiosidade, provou o prato, que achou um pouco pesado. Como segundo prato, o annamita apresentou, com a descripção do *menu*, em francez: "carottes crues fourrées de viande hachée". Depois, para terminar, uma salada de couve. O funccionario se sentiu dominado por uma ligeira desconfiança.

— Tu sabes cozinhar? —
Mas o outro respondeu
perguntou elle, com ar severo.
com uma pose tal, e com tantas reverencias, invocando o "Sr. presidente" e "Mmes. Capitães", em casa de quem elle servira, que o seu joven patrão se deu por convencido.

No outro dia, elle teve outro peixe e arroz bem cozido, sem um fragmento de casca, onde se casavam sem amor, pedaços de faisão e *flageolets* em conserva. Não havia que censurar.

(1) Depressa.

(2) Cozinheiro.

(Segue adeante).

GRANDE OZORIO

CONTA-SE anecdota interessante acerca do popular e muito querido general brasileiro, que foi o marquez de Herval, Manoel Luiz Osorio, ou digamos unicamente — General Osorio.

O illustre militar — conquistador de louros na primeira guerra do Prata com a gloria de lhe ser assegurada a queda do tyranno Rosas a quem arrebata trinta e seis canhões, obtendo por isso uma promoção em campo de batalha; conquistador de louros na guerra do Paraguay a transpôr o solo inimigo em 16 de Abril de 1866, por acto de audacia estupenda, afim de plantar a sua lança valorosa no chão fertil do territorio paraguayo, e cujos successos se repetem brilhantemente nos combates memoraveis de 2, 24 e 28 de Maio, além de outras pelejas posteriores na passagem de Humaytá, nos combates das Cordilheiras, sendo ferido na batalha de Avahy, e em tudo lhe apparecendo o nome cheio de glorias — o illustre militar era tambem ardoroso chefe politico na sua Provincia. Após tantos sacrificios pela Patria idolatrada, é, pelo suffragio dos corações gauchos, eleito e, pelo poder moderador, nomeado senador do Imperio.

Ao vir impossar-se da sua cadeira no Senado, faz-lhe em 1877 a população do antigo municipio neutro maravilhosa e retumbante recepção: a glorificação do patriota, a deificação do herõe.

O homem só é grande na alma popular. Quando conquista de facto a admiração do povo, este grava-lhe o nome na memoria e o immortaliza, transmittindo-o de paes a filhos, de familia a familia, através dos annos.

No anno seguinte ao da imponente manifestação através dos seculos, que lhe tributára a população do Rio de Janeiro, é nomeado ministro da Guerra com os vivos applausos do partido liberal a que pertencia; e á vista desse acto, é felicitado D. Pedro II por quasi todo o paiz.

Um dia em que, sobraçando papeis do seu Ministerio, vae o ministro da Guerra despachar com o imperador, este algum tanto diabetico, dá para dormitar no salão dos despachos; e aquelle, para o desentorpecer, solta propositadamente a espada do cinturão e deixa-a cahir ao solo.

Desperta D. Pedro de Alcantara e diz-lhe, entre risonho e contrafeito:

— No Paraguay, onde o nobre ministro colheu tantos louros, jamais lhe cahiu do talim a espada gloriosa!

E obtempera o marquês de Herval:

— E' verdade, majestade; mas os paraguayos não dormiam!

Sorri bondosamente o imperador e intimamente dá razão ao grande Osório.

HORMINO LYRA.

VERSOS

O CANTO DO CORAÇÃO

Quem foi que disse que o pranto
Nascera do coração?
O pranto é filho de um canto
Cantado na solidão!

Quando o canto, se espraiando
Quebra o silencio de tudo,
O coração vae chorando
Seu pranto, que é triste e mudo.

*

Coração, porque teu pranto
Sem falar, tanto me diz?
Coração, porque teu canto
Me faz feliz e infeliz?...

MAYSA DE ANDRADE.

O CHAUFFEUR ANNAMITA

(Conclusão)

Desgraçadamente, á noite, após uma sopa acceitavel, o malandro de chino poz sobre a mesa um prato que estragou tudo: algo de impossivel, como tripas "aux confitures" ou "escalope á la vinaigrette" sobre uma guarnição de "radis bouillis". Desta vez, o patrão se zangou. Ergueu a sua bengala. Gritou. E tendo feito uma "enquête", soube que o cozinheiro — "Eu conhecer, eu saber" — havia sido, até então, creado de um soldado e que a sua vocação de cozinheiro, lhe havia apparecido depois que elle decidira ganhar vinte piastrás, por mez, em logar de doze.

Ah! Que isso aconteça com o soldado, está direito. Mas commigo, não, certamente. Receio que o meu "chauffeur" tenha aprendido a mesma tratantada.

Elle conduz como um louco. ...ibra, guiando louco. Lembra, um cego, apavorado, guiando um cavallo desenfreado. Cada volta é um suicidio; e, quando, agora mesmo, exasperado, ordenei-lhe que parasse, para verificar o seu carburador, não foi mais preciso se... levantar a coberta: e... ficou mudo, estupefac... deante do motor, como tivesse visto tal machi... pela primeira vez.

Esperei vel-o fazer hilts.

Afinal, conseguim... partir, novamente, — de... pois de não sei quan... voltas de manivella! — agora, avançamos dá... qui, dá d'acolá, o chau... feur atrapalhado, o pa... sageiro furioso...

A unica maneira segura e inoffensiva de modificar o leite de vacca e os alimentos artificiaes, para evitar as *colicas*, *os vomitos*, *a prisão de ventre*, etc. nas creanças, é accrescentar á mammadeira una colhersinha de

“LEITE DE MAGNESIA de PHILLIPS”,

o anti-acido por excellencia, de fama universal. **Empregado pelas mães e receitado pelos medicos, ha mais de cincoenta annos.**

Indispensavel no lar, por *ser tambem o remedio o mais brando e o mais efficaz, contra a* **indigestão, os estados billiosos, a azia, e a acidez do estomago.**

Si não é “Phillips,” não é Leite de Magnesia!

Exijam Phillips com rotulo em Portuguez
Paul J. Christoph Company
[illegible]